

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção

**APARÊNCIA FÍSICA NO TRABALHO – UMA QUESTÃO
CONTEMPORÂNEA PARA A ERGONOMIA**

Tese de Doutorado

MARIA ANGELA TANCREDO MUSSI

Florianópolis

2004

MARIA ANGELA TANCREDO MUSSI

**APARÊNCIA FÍSICA NO TRABALHO – UMA QUESTÃO
CONTEMPORÂNEA PARA A ERGONOMIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Engenharia de Produção.

Orientador: Prof. José Luiz Fonseca da Silva Filho, Dr.

Florianópolis

2004

Maria Ângela Tancredo Mussi

**APARÊNCIA FÍSICA NO TRABALHO – UMA QUESTÃO
CONTEMPORÂNEA PARA A ERGONOMIA**

Esta tese foi julgada e aprovada para a obtenção do grau de Doutor em Engenharia da Produção no Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 07 de abril de 2004.

Professor Dr. Edson Pacheco Paladini
Coordenador do Programa

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Luiz Fonseca da Silva Filho
Orientador - UFSC

Prof. Gilsée Ivan Régis Filho
Moderador – UFSC

Prof. José Edu Rosa
Examinador Externo - UNIVALI

Prof. Rogério Henrique Hildebrand da Silva
Examinador Externo – UNISUL

Profa. Dra. Anete Araújo de Sousa
Membro - UFSC

Profa. Dra. Sandra Sulamita Nahas Baasch
Membro – UFSC

Prof. Dr. Roberto Moraes Cruz
Membro - UFSC

À minha família

Agradeço a todos aqueles que me incentivaram a ir adiante.

“O homem é o criador dos valores, mas esquece sua própria criação e vê neles algo de transcendente, de ‘eterno’ e ‘verdadeiro’, quando os valores não são mais do que algo humano, demasiadamente humano.”

Nietzsche

RESUMO

A presente tese tem por objetivo a importância da aparência física no trabalho, pressupondo-se a sua inclusão no campo de estudo da Ergonomia. As transformações que ocorreram ao longo do desenvolvimento social, remontando à sociedade grega, conduziram a uma valorização progressiva da aparência externa e da beleza física. Através da expansão do sistema capitalista e da intensificação das relações laborais, o ajuste do corpo ideal ao trabalho tornou-se uma questão relevante à qualidade de vida no trabalho. Assim, surgiu a ciência da Ergonomia, cuja tradicional abordagem é a relação que o homem estabelece com a máquina (seu instrumento de trabalho), evoluindo até englobar áreas mais amplas afetadas ao trabalho humano, como o ambiente físico, psicológico e organizacional. Como atualmente tem-se atribuído uma importância cada vez maior para a aparência física na seleção para uma vaga em um emprego, promoção e desempenho pleno no trabalho, justifica-se a inclusão de aspectos subjetivos, como este, nos estudos científicos e sistemáticos da Ergonomia e Engenharia de Produção. A aparência física de cada pessoa tem relação direta com sua auto-estima, sendo que esta é de fundamental importância para o desenvolvimento das funções dentro do local de trabalho, já que atua como fator motivador, aumentando o rendimento e a produção do colaborador. “Beleza” e “subjetividade do belo” são objetos centrais de pesquisa, envolvendo extensas e complexas áreas da filosofia (estética) e da psicologia (percepção), do belo e da forma, sem que possam ser facilmente demarcados critérios de objetividade e quantificação para esses objetos. Um dos fatos mais paradoxais de nosso tempo é a dicotomia entre o interesse material com o corpo humano e suas formas e a constatação da existência, no plano individual, de comprometimento funcional e emocional do significado do corpo, tomado como promessa de libertação ou como peso de escravidão. Assim, aquele que não está adequado aos padrões de beleza impostos pelo meio social, sente-se discriminado, ocasionando o conflito entre o “corpo natural” e o “corpo social”. No intento de amenizar essa problemática, as cirurgias corretivas podem representar uma possibilidade de renovação da auto-estima das vítimas de discriminação pela aparência. Deste modo, como a Ergonomia visa a adaptação dos meios de trabalho à maioria da população, procurando evitar a exclusão, implícita ou explícita, de numerosos trabalhadores potenciais, propõe-se uma “Ergonomia Estética”, cuja função é introduzir em seu equipamento teórico o estudo da beleza e de suas conseqüências para o futuro do trabalho e da própria humanidade. Nesse sentido, os critérios ligados à auto-estima e à boa aparência, juntamente com novas abordagens, como preservação do meio ambiente e desenvolvimento sustentável, podem emergir como novos paradigmas holísticos ou sistêmicos, contribuindo para uma Ecologia Estética, capaz de construir uma nova linha de atuação no campo da Ergonomia.

Palavras-chave: Ergonomia. Qualidade de Vida. Aparência Física

ABSTRACT

The present work is about the relevance of the physical appearance at the workplace, considering the possibility of including this issue in the Ergonomic area. Transformations occurred during the social development, since Greek society, led to a progressive valorization of the external appearance and the physical beauty. Through the expansion of the capitalist system and the intensification of the work relationships, the ideal adjustment of the body to the work became a relevant subject of life quality at workplace. Thus, the Ergonomic Science began. The traditional approach of this science attempts to study the actual relationship between man and machine, it is, how the relationship between the man and his work tool is developed up to including broader areas related to human work, such as the physical, psychological and organizational environment. Thus, we justify the inclusion of subjective aspects of the recruiting process into the systematic and scientific approach offered by the Ergonomics and the Production Engineering. The physical appearance of each person is directly related to his/ her self-esteem, which is essential for developing his/ her functions at the workplace, because the self-esteem is a motivating factor that increase the production. "Beauty" and "beauty subjectivity" are central subjects for researchers, including broad areas of Philosophy (esthetics) and Psychology (perception), of beauty and shape, and it is difficult to define standards of objectivity and quantification for these objects. One of the paradoxes of the beauty subject is the dichotomy between the material concern with the human body and its shapes and the individual consciousness of the functional and emotional commitment with the meaning of the body, taking it as a promise of freedom or as a slavery threat. Thus, who is not into the beauty standard, according to the social environment, feels the discrimination, generating a conflict between the "natural body" and the "social body". For diminishing this problem, the corrective surgery offers several options, representing a possibility of a self-esteem renovation for the victims of appearance discrimination. Thus, as the Ergonomics attempts to adapt the work environments to the population, attempting to avoid the implicit or explicit exclusion of many potential workers, we propose "Esthetic Ergonomics", whose function is to introduce in its theoretical equipment the study of the beauty and its consequences for the future of the work and the humanity. In this context, the criteria related to self-esteem and good looking, together with new approaches, such as environment preservation and sustainable development, could emerge as new holistic or systemic paradigms, contributing to Esthetic Ecology, able to construct a new idea within the field of Ergonomics.

Key Words: Ergonomic. Life Quality. Physical Beauty

SUMÁRIO

RESUMO	07
ABSTRACT	08
CAPÍTULO 1: CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
1.1 TEMA DE PESQUISA.....	12
1.2 JUSTIFICATIVA E FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	16
1.3 OBJETIVOS.....	17
1.3.1 Objetivo Geral.....	17
1.3.2 Objetivos Específicos	17
1.4 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	18
1.4.1 Tipo de estudo.....	19
1.4.2 Pesquisa bibliográfica	19
1.4.3 Estudo Exploratório Preliminar	21
1.4.3.1 <i>Descrição dos resultados</i>	23
CAPÍTULO 2 – MUDANÇAS DA SOCIEDADE INDUSTRIAL E SUA RELAÇÃO COM O “CORPO IDEAL”, ESSÊNCIA E APARÊNCIA	26
2.1 VISÃO GERAL DA ERGONOMIA	26
2.2 O “CORPO IDEAL” E SEU AJUSTE NA VIDA E NO TRABALHO	30
2.3 CORPO, APARÊNCIA, QUALIDADE DE VIDA E DE TRABALHO.....	34
2.4 ASPECTOS HISTÓRICOS	41
CAPÍTULO 3 – PERCEPÇÃO DA APARÊNCIA	47
3.1 A SUBJETIVIDADE DO BELO	48
3.2 QUOCIENTE EMOCIONAL NO JULGAMENTO ESTÉTICO	57
3.3 PROPORÇÕES ESTÉTICAS COMO EVIDÊNCIA EMPÍRICA.....	62

3.4 O CORPO COMO IMPLICAÇÃO EMOCIONAL.....	64
3.5 O CONFLITO ENTRE O “CORPO NATURAL” E O “CORPO SOCIAL”	68
3.6 O PODER DO OLHAR.....	74
3.7 O DISCURSO DE QUEM SE SENTE DISCRIMINADO PELA APARÊNCIA	79
CAPÍTULO 4 – OBESIDADE E MODELOS ESTÉTICOS IDEAIS	83
4.1 ANOREXIA E BULIMIA	85
4.2 OBESIDADE E AUTO-ESTIMA	89
4.3 ADAPTAÇÕES FÍSICO-ESTÉTICAS DO TRABALHADOR E OS MODELOS IDEAIS DE BELEZA	94
4.4 REQUISITOS DA BOA APARÊNCIA	99
CAPÍTULO 5 – A EMERGÊNCIA DE UMA ERGONOMIA ESTÉTICA	112
5.1 SOBRE NOVAS INTERSUBJETIVIDADES NA ENGENHARIA DE PRODUÇÃO E ERGONOMIA	115
5.2 O INDUSTRIALISMO TECNOLÓGICO DIANTE DAS NECESSIDADES HUMANAS	121
5.3 A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA.....	126
5.4 MELHORANDO A AUTO-ESTIMA: A CONTRIBUIÇÃO DAS CIRURGIAS	131
5.4.1 Cirurgia ortognática e integração social.....	133
5.4.2 Cirurgias, auto-estima e desempenho no trabalho	137
5.4.3 Contribuição de áreas correlatas.....	140
CAPÍTULO 6 – CHRISTOPHE DÉJOURS E DOMENICO DE MASI – DOIS PARADIGMAS EM DEFESA DE UMA ECOLOGIA ESTÉTICA NO TRABALHO	145

CAPÍTULO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UMA ECOLOGIA

ESTÉTICA	160
REFERÊNCIAS	167
APÊNDICE	177

CAPÍTULO 1: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 TEMA DE PESQUISA

A Engenharia de Produção tem sido um estuário de inovações extremamente instigante nos tempos atuais, tendo em vista que pode aproveitar, de maneira prática e visível, aspectos interdisciplinares de várias ciências e saberes, sem o preconceito remanescente de outras especialidades, que tentam o milagre de seguir sozinhas, num mundo caracterizado por múltiplos caminhos que habitualmente se cruzam e interpenetram.

Tal é o nosso caso nesta tese. Incorporamos pesquisas e estudos da filosofia, psicologia, antropologia, odontologia e cirurgia ortognática, na tentativa de traçar um roteiro de busca humana do modelo ideal estético de perfeição e beleza, além de divisar os parâmetros do que chamamos de “boa aparência” no mundo ocidental, bem como a interferência desses conceitos abstratos no campo do trabalho, o que cremos ser uma questão da Ergonomia.

Os aspectos subjetivos da seleção para emprego e desempenho no trabalho, normalmente considerados aquém ou além da Ergonomia, não têm merecido adequado e conveniente tratamento científico na área de Engenharia de Produção. Um tratamento científico sistemático, a nosso ver, deveria contemplar, com seriedade, aspectos como aparência física, atratividade, estética corporal e facial, que assumem, no mundo contemporâneo, cada vez maior importância no contexto de vida das pessoas.

Pode-se partir da premissa de que, no ambiente do novo milênio que, há pouco se iniciou, o chamado “capital intelectual”, o conhecimento, será o fator mais

importante na aquisição de vantagens no processo produtivo e, por conseguinte, essa primazia poderá também fazer da auto-estima do trabalhador uma nova necessidade econômica e social a ser dimensionada.

Relacionada intrinsecamente às novas características do trabalho, a auto-estima contribui para a melhoria da afetividade e grau de satisfação no trabalho. Além do bom humor que confere aos colaboradores, incluindo aí uma mentalidade otimista, ela produz uma atmosfera de segurança entre os empregados, que se mostram mais prestativos com colegas e clientes, bem como melhora os dotes e a atratividade dos indivíduos, com efeitos palpáveis sobre a personalidade e a integração social.

Como competir e vencer hoje é dramaticamente diferente do que se fazia ontem para o mesmo intento, a boa aparência passa a contar como um “algo mais” para a melhoria dos padrões de auto-estima, facilitando a aceitação social e profissional do indivíduo.

Percebe-se, neste contexto, um crescente interesse nos tempos atuais por cirurgias reparadoras da aparência, sobretudo na área de estética facial, como instrumentos eficazes de intervenção na vida das pessoas.

Gillespie (1996) avaliou nas mulheres a extensão do tratamento da aparência através de operações corretivas da face e do corpo como um elemento de apoio e aumento de poder social, dado que as mulheres – muito mais do que os homens – são julgadas com muita severidade pela aparência.

Em artigo intitulado “Sugery for the Psyche”, Hollyman (1986) atesta que a auto-imagem corporal volta a níveis normais, após cirurgia estética, realçando-se os conceitos de feminilidade e sexualidade.

No caso da cirurgia ortognática, definida grosso modo como uma intervenção correção da área buco-maxilo-facial, o motivo de sua escolha é o restabelecimento das funções fisiológicas normais, em nome do favorecimento das relações afetivas, da adaptação ao meio social e, finalmente, mas não menos importante, da ampliação de oportunidades profissionais.

Creemos, por conseguinte, ser a cirurgia ortognática um dos eficazes instrumentos de intervenção na vida das pessoas.

Com o objetivo de desenvolver este estudo, fizemos um levantamento teórico da literatura científica existente, ressaltando a importância da aparência física e facial como fator psicossocial e sua repercussão na qualidade de vida e satisfação no trabalho, temas estes que alicerçam a Ergonomia.

Partimos de uma visão geral da Ergonomia, que contempla os critérios objetivos para o desenvolvimento do trabalho e do bem estar do trabalhador. Discutimos, depois, as mudanças da sociedade industrial e sua relação com os conceitos de “corpo ideal”, essência e aparência e as necessidades individuais e das empresas, analisando também os aspectos históricos que aperfeiçoaram o interesse pela aparência física e auto-estima (Capítulo 2).

Na seqüência, abordamos a questão da percepção da aparência, juntamente com a questão da beleza e da subjetividade do “belo”, comparando-a com as propostas das intervenções cirúrgicas, embasadas em medidas antropométricas, e na expectativa subjetiva do leigo, preocupado com a própria aparência. Assim, apresentamos o conflito que se evidencia entre o corpo natural e o corpo social, sendo que o corpo se constitui com base na implicação emocional e quais os reflexos da auto-imagem física no trabalho (Capítulo 3).

Apresentamos, em seguida, ainda no capítulo 3, depoimentos relacionados com o tema em estudo, de indivíduos envolvidos pessoalmente e diretamente com questões de aparência física, aduzindo comentários sobre as conseqüências das intervenções na vida e no trabalho, assim como a discussão dos resultados obtidos pelos depoimentos e pelos especialistas na matéria.

Não temos a pretensão de abarcar nesta tese todo o amplo e complexo universo da aparência física. No entanto, sentimo-nos impulsionados a abordar a obesidade, reconhecida como importante problema contemporâneo e procuramos investigar, no capítulo 4, as condições estéticas no trabalho, influenciadas pela obesidade e seus delineamentos no curso da sociedade industrial, assinalando os modelos adaptativos do trabalhador, seus mecanismos de defesa, auto-estima e desejo de melhoria da aparência como critérios imanentes de qualidade de vida.

No capítulo 5, por sua vez, são descritos os aspectos relacionados a emergência de uma ergonomia estética, com base nos conceitos e discussões desenvolvidos nos capítulos precedentes. Inicialmente, desenvolve-se a abordagem da ergonomia clássica, que se resume na relação homem-máquina, bem como as intersubjetividades inerentes à Engenharia de Produção e à Ergonomia. Posteriormente, analisamos o industrialismo tecnológico diante das necessidades humanas.

Ainda no capítulo 5, comparando as contribuições objetivas da Ergonomia no campo do trabalho e as aquisições da visão subjetivista deste trabalho, discutimos sobre as condições brasileiras no campo normativo e os critérios de proteção e promoção da mão-de-obra. Realizamos também abordagens sistêmicas da contribuição das cirurgias no campo da aparência física e auto-estima,

formulando questões técnicas que influenciam, de fato, a cooptação do trabalho nos departamentos de recursos humanos.

Subseqüentemente, no capítulo 6, abordamos a questão do trabalho relacionada ao ócio criativo e ao sofrimento, com as visões de Christophe Déjours e Domenico De Masi.

Finalmente, esta tese pretende chamar a atenção, para a emergência de uma “ecologia estética”, que venha a humanizar ainda mais o mundo do trabalho, o qual ainda deverá passar por profundas transformações, alterando inclusive as necessidades de bem-estar e de nova visão de mundo dos trabalhadores.

1.2 JUSTIFICATIVA E FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

A percepção da aparência, particularmente da face, afeta sem dúvida a saúde mental e o comportamento social, com implicações significativas para as oportunidades de estudar, arranjar emprego, desempenho e bem estar no trabalho.

Nossos anos de atividade no ramo da Odontologia e Cirurgia Buco-Maxilo-Facial chamou-nos bastante atenção para os desenganos pessoais e desajustes sociais relacionados com as deformidades dento-faciais que o nosso ofício, dentro do cientificamente possível, procura corrigir. Da atividade cotidiana, na qual recolhíamos toda sorte de depoimentos (alguns até resumidos nesta tese), fizemos o ponto de partida para as observações sobre os impasses relacionados com a exigência de “boa aparência” no mundo do trabalho.

Como a ergonomia visa a adaptação dos meios de trabalho à maioria da população procurando evitar a exclusão, implícita ou explícita, de numerosos trabalhadores potenciais (SANTOS, 1997), resolvemos tentar expandir os seus

critérios para além de suas origens e matizes quantificáveis e entrar no campo subjetivo da Estética e da Psicologia das Diferenças, que têm sido pesquisadas pela Psicologia Social, Sociologia, Filosofia e áreas biomédicas, para obter os subsídios necessários para a emergência de uma “Ecologia Estética”, capaz de afetar positivamente o ambiente de trabalho.

Tais argumentos foram utilizados como referencial à formulação do problema de pesquisa deste trabalho e, simultaneamente, podem ser apontados como justificativa da seguinte preocupação:

Como devem ser tratados os aspectos subjetivos, como a aparência física e auto-estima, envolvidos na seleção para o trabalho, provimento de vagas, promoção e o exercício pleno da atividade, que afetam diretamente as discussões sobre produtividade e Ergonomia?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Caracterizar as implicações que a percepção da aparência física, tem o recrutamento de vagas, desempenho e bem estar no trabalho, que as justifiquem como campo de estudo da Ergonomia.

1.3.2 Objetivos Específicos

1.3.2.1 Delinear os conceitos relevantes sobre a aparência física e facial, para o campo de conhecimento da Ergonomia, destacando a relevância

psicossocial destes conceitos e a sua repercussão sobre o trabalho e a qualidade de vida.

1.3.2.2 Buscar um quadro referencial que permita contribuir com a discussão e reflexões sobre a aparência física e suas determinações no âmbito do trabalho.

1.4 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

A caracterização do estudo exige a utilização de uma metodologia de pesquisa que auxilie a desenvolver e ampliar o conhecimento acerca do tema em questão. Uma pesquisa parte do fato de haver um problema, tornando-se necessária a busca de uma solução para o mesmo. Na concepção de Lakatos¹, “metodologia é um conjunto de caminhos que são percorridos na busca do conhecimento”. Com isso, toda pesquisa tem a necessidade de uma metodologia da pesquisa científica.

Ainda de acordo com Lakatos² a pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para tornar conhecida a realidade. Em outras palavras, a metodologia de pesquisa “é um procedimento reflexivo e sistemático, controlado e crítico, o qual possibilita o descobrimento de novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo de conhecimento”³.

¹ LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992. pp. 111

² Ibid.

³ Ibid., pp. 43

1.4.1 Tipo de estudo

A abordagem da pesquisa é qualitativa, sendo que se buscou a compreensão do fenômeno da importância da aparência física no âmbito das relações de qualidade de vida no trabalho. A pesquisa qualitativa trabalha com o que não pode ser quantificado, como valores, interesses, atitudes, crenças e motivações.

A pesquisa qualitativa fornece uma compreensão profundada de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social face a configuração das estruturas da sociedade. Haguette⁴ assegura que o método qualitativo enfatiza as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser.

1.4.2 Pesquisa bibliográfica

O método de estudo bibliográfico consiste no estudo teórico e possui caráter descritivo e exploratório, sendo que é realizado no intento de obter-se conhecimento a partir de informações já publicadas. Desta forma, este tipo de pesquisa envolve o exame das produções humanas registradas em livros, artigos e outros documentos oficiais para que sejam efetuados o levantamento e análise do que já foi produzido sobre determinado assunto.

No entendimento de Gil⁵ a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado. Apesar de quase todos os estudos exigirem algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de

⁴ HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 5. ed. Petrópolis, 1997.

⁵ GIL, Antônio Carlos. **Pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

fontes bibliográficas. Grande parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assegura o autor acima citado.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de possibilitar que o investigador tenha a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Para Gil⁶ esta vantagem torna-se extremamente essencial quando o problema da pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço de investigação.

Contudo, é necessário ater-se ao fato de que as fontes bibliográficas, muitas vezes, apresentam dados coletados ou processados de forma equivocada, o que pode comprometer a qualidade da pesquisa. Assim, convém que nos asseguremos das condições em que os dados foram obtidos, analisando em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-as cuidadosamente⁷.

Além disso, Lakatos⁸ assegura que o estudo bibliográfico possibilita não somente a resolução de problemas já conhecidos no meio científico, mas também a exploração de novas áreas, onde os problemas ainda não foram totalmente explorados. Deste modo, optamos por enfatizar, como método de pesquisa, o levantamento bibliográfico.

Assim, o presente estudo não se limita à recapitulação dos conceitos contidos nas fontes bibliográficas pesquisadas, sendo que pretende oferecer uma contribuição adicional ao tema em questão, que consiste na análise das implicações da aparência física sobre a qualidade de vida e de trabalho.

⁶ Ibid.

⁷ Ibid.

⁸ Op. cit.

Cabe destacar que a pesquisa teórica tem função decisiva para construir condições básicas de intervenção, afirma Demo⁹. Portanto, conceitos imersos na bibliografia servem de amparo para o arcabouço teórico, indispensável à sustentação dos novos argumentos elaborados, o que torna o método de pesquisa bibliográfica essencial para a construção do conhecimento científico.

A presente pesquisa bibliográfica tem finalidade exploratória, ou seja, desenvolver e esclarecer conceitos e idéias, com vistas à formulação de um problema mais preciso ou hipótese pesquisável para estudos posteriores. A pesquisa exploratória, afirma Gil¹⁰, é desenvolvida com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

Para nossos objetivos, utilizamos ampla bibliografia consagrada no âmbito biomédico (ortodontia, cirurgia ortognática e cirurgia plástica, psiquiatria e medicina do trabalho); da filosofia (ética, bioética e estética); da psicologia (clínica, social, gestaltista, bienergética, fenomenológica e holística); da administração (mercadologia, recursos humanos, divisão “científica” do trabalho, etc.) e da teoria da comunicação, além da bibliografia usual nos campos específicos da Engenharia de Produção e Ergonomia, consagradas após o ano de 1945.

1.4.3 Estudo Exploratório Preliminar

Um estudo preliminar foi efetuado no intuito de obter-se uma investigação do tema em questão, como antecipação à utilização dos dados bibliográficos. O

⁹ DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

¹⁰ Op. cit.

levantamento dos dados não tem caráter experimental, apenas exploratório, procurando tomar conhecimento do grau de importância da aparência física no âmbito do trabalho. A investigação preliminar tem caráter ilustrativo, não fazendo parte em absoluto do objetivo da tese.

Como instrumento de coleta de dados adotou-se o questionário com perguntas fechadas. No entendimento de Gil¹¹ o questionário constitui atualmente umas das mais importantes técnicas disponíveis para obtenção de dados nas pesquisas. Assim, pode-se definir o questionário como uma “técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc¹².”

Ainda em relação à técnica do questionário, Roesch¹³ ressalta que o questionário não é apenas um formulário, ou um conjunto de questões listadas em muita reflexão. A elaboração da estrutura do questionário requer planejamento e esforço intelectual, com base na conceituação do problema de pesquisa.

A coleta de dados relacionada à aparência física foi efetuada no departamento de Recursos Humanos de algumas empresas catarinenses, por meio do endereço eletrônico fornecido pela Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina - FIESC. Assim, desejamos agradecer, de antemão, a colaboração de empresários ligados à FIESC.

Responderam ao nosso questionário 17 empresas dos mais variados ramos de atividade (têxtil, fabril, limpeza, vestuário, cosmético, gráfico, etc.), de tamanho variável, entre médias e grandes, respondendo a 7 questões básicas, com

¹¹ Op. cit.

¹² Op. cit., pp.124

¹³ ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. Projeto de estágio e de pesquisa em administração. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

escolhas entre sim e não, como também sendo-lhes permitidos comentários adicionais livres.

Os resultados obtidos foram organizados através da análise estatística, com a formulação de tabelas para possibilitar essa codificação. Após a análise estatística, foi realizada a interpretação, ou seja, a análise do conteúdo na qual se trabalha com a classificação, seleção, explicação de dados obtidos procurando um sentido mais amplo das respostas. Deste modo, os dados apresentados no apêndice 1, foram interpretados brevemente no intento de propiciar um maior entendimento dos argumentos a serem analisados.

1.4.3.1 Descrição dos resultados

- 100% das empresas consideram que os salários mantêm relação direta com a competência dos colaboradores;
- 90% das empresas consideram que a boa-aparência não interfere nos salários;
- 86% das empresas consideram que a obesidade não prejudica a promoção dos colaboradores;
- 78% das empresas consideram que negros, mulheres e deficientes não são discriminados no provimento de cargos e que a deformidade dento-facial não interfere na carreira do trabalhador;
- 58% das empresas consideram que a boa-aparência é um critério de discriminação;
- 45% das empresas consideram que é fundamental o critério de boa-aparência para admissão de colaboradores.

Tais resultados nos fazem refletir que parece já existir, no Brasil, uma incipiente consciência dos problemas relativos à interferência dos critérios de boa-aparência no ambiente de trabalho, o que por si só mereceria maior cuidado por parte da Engenharia de Produção na introdução desse valor – tão fascinante quanto abstrato – no campo da Ergonomia. Quanto às escolhas metodológicas pertinentes, esse tema merecerá no futuro a atenção concentrada de organizações e pesquisadores.

Não é à-toa que existe uma heterogeneidade completa entre os ambientes de linha de montagem, solo de fábrica, um auto-forno ou uma plataforma de petróleo, por exemplo, com seus colaboradores utilizando macacões, uniformes e equipamentos de proteção e os ambientes atapetados, perfumados dos escritórios de decisão das empresas, com seus executivos e executivas bem vestidos, secretárias e assessores eficientes e recepcionistas solícitas. Vende-se aí um padrão de conduta empresarial, um "*portfólio*" da empresa, que, na maioria das vezes, não é repetido no ambiente mesmo da produção.

Não por acaso, freqüentemente, são cooptados para as instâncias de administração os colaboradores mais eficientes, vistosos e de cultura superior, o que guarda similitude com a beleza física e os padrões nela incorporados. Para os deficientes, portadores de síndromes ou representantes de minorias, apesar de não haver mais ambiente para a sórdida discriminação (que jamais é admitida pelos DRHs), os colaboradores serão divididos por critérios "consuetudinários", não explícitos e intangíveis. Não se admite que se discriminem os negros, os homossexuais, os portadores de "lábio leporino", os muito atarracados, os obesos mórbidos, mas, na verdade, isso acontece. Embora a incidência de discriminação por nível de renda seja maior, no Brasil, também ocorre a discriminação racial - e

com elementos particulares e subjacentes mais graves - com indivíduos mais negros (africanos e pardos) discriminados por menos negros (mulatos com traços de face mais ligados às etnias brancas) e que receberão nos cargos e funções tratamentos obviamente diferentes.

Assim como o cinema americano, amiúde, "vende a imagem" de não discriminação, com negros assumindo "altas funções", como as de "capitão" de polícia municipal e até em alta administração de governo, aqui no Brasil se pratica um surdo segregacionismo, parcialmente anulado por leis recentes e de difícil aplicação.

O Brasil, nesse sentido, apesar de ser uma sociedade multiétnica, um país de acolhimento, não é uma fraternidade multirracial e isso tem impacto fulminante sobre a organização das empresas, que copia, reflexivamente, o padrão social discriminatório – e nem poderia ser de outra maneira.

CAPÍTULO 2 – MUDANÇAS DA SOCIEDADE INDUSTRIAL E SUA RELAÇÃO COM O “CORPO IDEAL”, ESSÊNCIA E APARÊNCIA

Ciência relativamente nova, a Ergonomia vem ganhando a atenção paulatina de governantes e instituições de diversos países, preocupados cada vez mais com a questão do “espaço pessoal” na relação trabalho-trabalhador.

Embora datando de pouco mais de 50 anos, a literatura a respeito da matéria tornou-se ampla, atingindo os interesses de milhões de pessoas do mundo inteiro e subsidiando o avanço das legislações específicas no âmbito de cada nação.

Sendo também reconhecida pelo grande público, a Ergonomia foi objeto de significativa evolução conceitual, a partir de sua acepção radical (“ergo”, trabalho + “nomos”, regras, leis naturais) até englobar áreas mais amplas afetas ao trabalho humano, como o ambiente físico, psicológico, organizacional, etc.

Porém, não será apenas por uma definição mais simples e compreensível da Ergonomia que poderíamos entender a rica extensão dos problemas que ela evoca, principalmente os relativos ao amplo espectro do bem-estar do trabalhador e do comportamento humano no trabalho.

2.1 VISÃO GERAL DA ERGONOMIA

Abordar-se-á neste item o conceito da ergonomia tradicional, que diz respeito à relação existente entre o homem e a máquina, ou seja, como se desenvolve a relação que o homem estabelece com seu instrumento de trabalho.

A qualidade da relação homem-trabalho tenciona garantir a segurança do trabalhador, com o conseqüente aumento da produção. Entende-se, neste contexto,

um ajuste confortável e produtivo entre o ser humano e seu ambiente de trabalho, naturalmente visando a obtenção de uma adequada relação de custo-benefício.

Para tanto, muitos profissionais foram habilitados no sentido de disseminar os conhecimentos ergonômicos em relação à melhoria das atividades da classe trabalhadora e de expandir os padrões de conforto, segurança e desempenho no trabalho.

Em seu início, as aplicações da ergonomia restringiam-se à indústria tradicional, militar e espacial, mas, com o tempo, os seus princípios passaram a ser úteis à agricultura, ao setor de serviços, como também à vida diária do cidadão comum. Com isso, novos conhecimentos foram incorporados à área de atuação dos princípios ergonômicos, estendidos mais tarde ao trabalho das mulheres, às pessoas idosas e aos deficientes físicos.

Através de conhecimentos ergonômicos, é possível avaliar as capacidades do ser humano para levantar e transportar cargas e dimensionar máquinas capazes de transpor esses limites. A biomecânica ocupacional estuda as interações entre o trabalho e o homem, analisando, principalmente, as posturas corporais, bem como a aplicação e o domínio das forças ambientais (peso, volume, altura etc.). Muitas vezes, uma leve modificação no meio ambiente, como a elevação mínima ou redução da altura de uma mesa ou cadeira, pode solucionar fadigas insuportáveis ou mesmo levar à redução das exigências humanas a níveis toleráveis.

O dimensionamento correto do posto de trabalho é uma etapa fundamental para o bom desempenho da pessoa que o ocupará. Sabendo-se que o trabalho estático é fatigante e deve ser evitado, os erros de dimensionamento porventura cometidos – como o de exigir que uma pessoa fique em pé ou sentada

várias horas por dia – podem submeter o ser humano a sofrimentos laborativos e moléstias funcionais por longos anos.

Assim, diversos fatores devem ser considerados no correto dimensionamento do posto de trabalho, como o arranjo de mobiliário e de bancadas, a postura adequada do corpo, os movimentos corporais necessários, o alcance dos movimentos, a antropometria dos ocupantes do cargo, as necessidades de iluminação, ventilação, dimensão das máquinas, dos equipamentos e das ferramentas, além da necessária interação entre os postos de trabalho e o ambiente externo. Com a difusão da informática, os postos de trabalho foram dinamizados por terminais de computadores, máquinas e robôs simplificadores de trabalho e poupadoras de mão-de-obra, que, por outro lado, têm aumentado a taxa de desemprego em áreas urbanas.

A modernidade, na indústria e no escritório, trouxe também novos problemas ergonômicos, já que as pessoas são obrigadas, hoje, a permanecer com os corpos estáticos durante horas, com a atenção fixa sobre monitores iluminados, mãos sobre teclados e realizando operações de digitação altamente repetitivas. Tais tarefas produzem, não raro, fadiga visual, dores musculares no pescoço, nos ombros e nos tendões dos dedos, gerando as já famosas “Lesões de Esforço Repetitivo” (LER) ou Doenças Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho (DORT), capazes de produzir significativas ocorrências de absenteísmo no trabalho.

Os métodos muito simples e repetitivos de execução de tarefas têm a desvantagem de exigir a contração dos mesmos músculos, produzindo fadiga. Esta poderá ser mitigada pela diversificação das tarefas, que podem ser mais bem distribuídas.

Não basta, porém, que o trabalho seja minuciosamente analisado por especialistas, porque, na prática, alguns detalhes importantes para o bom desempenho podem lhes escapar. Conhecendo suas funções como ninguém, os trabalhadores devem também ser convidados a buscar soluções de melhoria de desempenho, introduzindo mudanças qualitativas e aumentando as suas responsabilidades, perspectivas de auto-realização e chances de crescimento profissional.

Tal conduta envolve mudanças profundas, colocando os trabalhadores em situações novas, onde se sintam realmente desafiados por responsabilidades, conhecimentos e valores envolvidos com a melhoria do próprio desempenho.

Dentre as condições de trabalho comumente modificáveis através da Ergonomia, estão os fatores físicos, como excesso de calor (ou de frio), ruídos exagerados e permanentes, ventilação deficiente, luzes inadequadas, ofuscamentos, gases tóxicos ou, ainda, o uso de cores irritantes no ambiente de trabalho – todos capazes, inclusive, de contribuir para o estresse físico, mental e emocional.

Outro aspecto muito importante, sem dúvida objeto de estudo da Ergonomia, diz respeito à segurança do trabalho e prevenção de acidentes. Interessando a empresas e trabalhadores indistintamente, em virtude da redução de custos e do incremento do bem-estar pessoal e coletivo, a maioria dos acidentes, no entanto, costuma ser atribuída a erro humano, ao fator humano ou, simplesmente, à desatenção e negligência dos próprios trabalhadores. Conquanto tais aspectos possam contribuir decisivamente para tão complexo problema, os acidentes resultam da interação inadequada entre diretrizes e estruturas empresariais, trabalhadores, execução de tarefas e ambiente físico. É sabido que trabalhos organizados, com tarefas e responsabilidades definidas, em ambiente descontraído e de

camaradagem entre colegas de trabalho e seus superiores, contribuem significativamente para a redução de acidentes, assim como a utilização de equipamentos de proteção de acordo com as características e os riscos inerentes a cada ofício profissional.

Os problemas de segurança do trabalho também envolvem a saúde do trabalhador e a higiene do trabalho. Está comprovado que inúmeros males à saúde podem ser produzidos por agentes químicos e físicos. A Organização Mundial de Saúde – OMS cita, por exemplo, 26 agentes químicos divididos em três grupos principais, extremamente prejudiciais à saúde, incluindo-se, entre eles, substâncias como amianto, corantes, cloreto de vinil arsênico e mercúrio, que tanto fazem mal à saúde humana quanto poluem a natureza. Tais agentes são submetidos a rigorosos controles por parte das legislações internacionais, configurando a importância das normas de proteção à saúde do trabalhador, sobretudo em atividades insalubres.

2.2 O “CORPO IDEAL” E SEU AJUSTE NA VIDA E NO TRABALHO

A Ergonomia, embora tenha um campo extenso a explorar, teve, contudo, o seu alcance condicionado mais aos aspectos anatômicos, fisiológicos e psicológicos do homem, em suas alterações durante a atividade motriz desenvolvida no trabalho, bem como nas ações que requeriam sua participação física e psíquica. Debruçava-se, assim, mais sobre o ajuste puro e simples do trabalho ao trabalhador e da máquina ou ferramenta ao homem do que dos aspectos mais sutis que, sem dúvida, envolvem a atividade laboral e o ajustamento (conformidade e normalização) do homem a ela.

A Ergonomia passou a estender também seu campo de estudo para as posições do trabalhador sentado e em repouso, visto que a sociedade ocidental tende cada vez mais a realizar em posição sentada tanto a sua jornada de trabalho como as atividades de distração, vida social ou transporte. As conseqüências anátomo-fisiológicas desse processo são particularmente sensíveis (e danosas) à coluna vertebral, à circulação sangüínea das extremidades inferiores, aos processos digestivos e ao desenvolvimento pouco recomendável da adiposidade.

Sem dúvida, do corpo humano advêm limitações e o cuidado com ele pressupõe a preservação dos objetivos sociais dominantes. É um corpo fragmentado, incapaz de decisões livres e inteligentes dentro de um organismo social cujas atividades profissionais o circunscrevem e o superam. É como se os imperativos do trabalho condenassem o corpo do trabalhador a uma espécie de incapacidade fisiológica de ser livre, como se os corpos flexíveis e curiosos das crianças devessem se transformar necessariamente em máquinas¹⁴.

Chegamos, na verdade, a um poder autoritário, modelador das pessoas, cujos valores dominantes tomam posse de nossos músculos e nervos, desconectando o ser humano de sua própria existência. Segundo o terapeuta Don Johnson:

A saúde passou a ser definida como sendo o funcionamento mecânico apropriado das várias partes do corpo. Paralelamente, o capitalismo industrial tornava-se a nova forma de produção. A linha de montagem exigia corpos treinados para se comportar em consonância com as outras partes do processo, portanto as necessidades orgânicas individuais de descanso e alimentação deviam estar em conformidade com a semana de trabalho padronizada. Para manter o emprego, a pessoa tinha que vencer a doença, a inabilidade e o cansaço extremo. As mulheres tinham que ter ainda mais disciplina, devido à menstruação e à gravidez. Aos poucos se criou uma força de trabalho treinada para ter seus corpos tratados como propriedade por parte da direção das indústrias, e a liberdade foi relegada à privacidade da alma¹⁵.

¹⁴ Cf. Don Johnson. **Corpo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, pp.16-18.

¹⁵ *Ibid.*, pp. 25 e 34.

Os corpos dos trabalhadores passariam, por essa visão, a ser unidades materiais quantificáveis, peças descartáveis de acordo com medidas de uso e exaustão científicas, além de serem modelados (músculos e ossos) para adotarem os modelos previstos e racionalmente aceitarem as exigências das autoridades (leia-se “status quo”, “establishment”)¹⁶.

Na medida em que o corpo se tornava ajustado, passava a ser impotente em relação a valores contestatórios. Levar as pessoas a assumir atitudes rígidas e artificiais é um dos meios mais eficazes utilizados pelos sistemas sociais ditatoriais para produzir organismos automatizados obedientes e sem vontade, como assinala Don Johnson:

O fascismo, o cristianismo, o comunismo e o capitalismo exigem cidadãos cuja carne foi tornada passiva, corpos encorajados resistindo ao prazer e famintos de autoridades carismáticas que possam preencher o sentimento de vazio em seus órgãos genitais¹⁷.

O sistema de crenças convida a nos tornar máquinas corporais, aptas a ser vigiadas e modeladas. Os pais, os professores, o Estado e as empresas nos vigiam, cada um a seu tempo, conduzindo-nos a uma coação em nome de valores ditos comunitários¹⁸.

Por outro lado, passamos a desenvolver habilidades motoras bastante especializadas para utilizar máquina de escrever e teclado de computador, da mesma forma que temos de aprender como permanecer sentados e relativamente quietos durante longos períodos. Assim:

Os operários de uma linha de montagem e as secretárias nos escritórios, que desempenham apenas um tipo de atividade durante todo o dia, passam a sentir seus corpos como se fossem máquinas com uma estreita margem de movimento e quase nenhum sentimento. A redução do potencial do

¹⁶ Ibid., pp. 38, 44 e 47.

¹⁷ Ibid., pp. 72 e 73.

¹⁸ Ibid., pp. 78 e 79.

corpo aos limites específicos exigidos pelo trabalho mecânico diminui proporcionalmente o campo de percepção da pessoa¹⁹.

A noção de “corpo ideal” passa a ser um paradigma para o exercício do trabalho, lentamente sendo internalizada em nossos valores pelo sistema dominante, que procura nos adaptar a determinados padrões estéticos e de conduta correspondentes. Criam-se “modelos intrapsíquicos” que vão acompanhar definitivamente o exercício do trabalho. De acordo com Johnson:

Um 'corpo ideal' é um esboço de como o (não o “meu”) corpo precisa (não “deve” ou “pode”) parecer. Há muitos ideais, que vão da boneca Barbie aos heróis musculosos. Nós os vemos em toda parte. Eles aparecem tanto na mídia eletrônica quanto na mídia comercial, na forma de modelos e superestrelas. Existem esculturas e quadros deles. Algumas destas representações ficam penduradas nas paredes das salas de aula e dos consultórios médicos. Sua presença é tão difundida que raramente sentimos seus efeitos sobre o nosso comportamento.²⁰

A noção de “corpo ideal”, exigente, hígido, vertical e imóvel, conduz-nos em seguida à noção de “boa aparência” para o exercício do trabalho, em que, os indivíduos condicionam-se a se tornar ferramentas ocupacionais não propensas a resistir a modelos impróprios. Eliminam-se os impulsos individualistas em prol da ação comum. Substitui-se a mobilidade das crianças pela rigidez dos adultos. O corpo “normal” deve aproximar-se da postura militar ideal e gastamos uma boa parte de nossas vidas ajustando-nos inconscientemente a estes modelos. O processo de ajustamento aos corpos ideais, na vida e no trabalho, é um elemento básico na aprendizagem de como nos tornarmos bons cidadãos²¹.

Foucault explica que a subjetividade do sujeito ou construção da subjetividade se dá por intermédio de duas tecnologias de poder que se articulam: os mecanismos disciplinares de poder ou tecnologias disciplinares, de controle sobre

¹⁹ Ibid., pp. 92, 93 e 94

²⁰ Ibid., pp. 104 e 105.

²¹ Ibid., pp. 112, 113, 114, 117 e 121.

o corpo, e a tecnologia de poder reguladora da vida ou mecanismos reguladores – o bio-poder – que agem sobre a população e a espécie, regulando a própria vida²².

2.3 CORPO, APARÊNCIA, QUALIDADE DE VIDA E DE TRABALHO

A noção de “corpo ideal” remete-nos, por sua vez, à distinção entre essência e aparência, muito importante para o prosseguimento deste estudo.

Filosoficamente, a realidade do mundo é tipificada através de fenômenos, que são dados imediatos à disposição de nossa consciência e percepção. Através dos sentidos, formamos as sensações capazes de apreender (e depois compreender através da consciência) aquilo que acontece fora de nós.

Percebemos, em primeiro lugar, os fenômenos exteriores, a exteriorização das coisas. A isso chamamos “aparência”, definida, pois, como aquilo que se mostra à primeira vista, aquilo que parece e não é a realidade ou, em outras palavras, manifestação unilateral e às vezes deformada dos fenômenos.

Por seu turno, a “essência” não reside na superfície das coisas, não se descobrindo imediatamente ao olhar do homem e tornando o fenômeno uma expressão externa da essência. Assim, a essência é o que constitui a natureza das coisas, o dado absolutamente primeiro da inteligência do ponto de vista da inteligibilidade. A essência das coisas é o aspecto oculto e interno, relativamente estável da realidade que permanece oculta “atrás” da superfície dos fenômenos. Nesse sentido, o conhecimento começa sempre pela aparência e, depois, aprofunda-se na percepção da essência, que é a apreensão do fenômeno naquilo que realmente é.

²² FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Grall, 1999, p.54.

O conhecimento científico, por outro lado, caracterizar-se-ia por um aprofundamento na essência, numa busca constante de superação da aparência, interpretada como forma de disfarce e confusão do real.

Historicamente, a compreensão dos fenômenos começou através da utilização dos ritmos orgânicos ligados inicialmente à natureza e à agricultura, em que as interpretações dos fatos eram transmitidas e ensinadas face a face, da boca para o ouvido, sem rupturas entre gerações e valorizando as tradições da cultura. Com o tempo, o homem evoluiu dessa percepção orgânica (que durou praticamente até o século XVII) para uma percepção mecânica, que caracteriza os tempos modernos (do século XVII em diante) com o advento da indústria.

Da Revolução Agrícola passamos ao mundo industrial, em que a sociedade se dividiu cada vez mais em partes encadeadas, reorganizando-se o espaço e o tempo através de técnicas de padronização, sincronização e de valorização das inovações e dos objetos.

A civilização industrial introduziu inúmeras modificações no campo da percepção humana, tais como o primado do pensamento causal, valorização da cultura escrita e da massificação de imagens. Mais do que nunca, o sucesso passou a ser medido pelo poder do capital, na medida em que a burguesia consolidou-se como classe dominante e um poder tecnoburocrático sobrepujou a capacidade regulatória das velhas comunidades.

Essa transição da ênfase na agricultura para o industrialismo provocou também uma metamorfose na apreensão de conhecimentos por parte dos homens, que deixaram de se preocupar com a essência das coisas para valorizar a aparência, a exterioridade dos fenômenos.

A velocidade dos processos modernos (industriais, eletrônicos, computacionais e de mídia) transformou a noção de verdade aristotélica, de conformidade entre o conceito e a coisa observada, introduzindo uma nova percepção regulatória de formas ilusórias (aparentes) captadas pelo olhar. O imaginário é objetivado no social, afetando e ultrapassando as antigas categorias psicológicas e estéticas, baseadas na realidade até então dita “objetiva”.

O universo passou a ser concebido como uma realidade “montada”, numa imensa e ininterrupta sucessão de causas e efeitos, em que a “matéria só pode ser compreendida em termos de movimento – isto é, movimento através do espaço, ocorrendo eventos numa sucessão (linear), uma parada de eventos descendo pela linha do tempo”²³.

A face cultural do industrialismo “ajudou a criar a sociedade de grandes organizações, grandes cidades, centralizou burocracias e o mercado difundido por toda a parte, capitalista ou socialista”²⁴.

O mercado veio a dominar a realidade social “com toda a sua espantosa complexidade, com todo o seu séqüito de valores, suas metáforas implícitas e pressuposições ocultas”, criando uma nova espécie, o “homem industrial”, cuja existência cada vez mais dependeria, desde a infância, do dinheiro e que seria “vítima do próprio sistema que melhorava o seu padrão de vida”²⁵.

Tais mudanças históricas e frenéticas contribuíram sobremaneira para a compreensão da natureza do trabalho e da produção. De fato, os novos métodos de trabalho, baseados na divisão de tarefas e fragmentação dos processos, destruíram o valor intrínseco do trabalho individual, tornado nas unidades fabris, manufatureiras

²³ Cf. Alvin Toffler. **A Terceira Onda**. A Morte do Industrialismo e o Nascimento de uma Nova Civilização. Rio de Janeiro: Record, 1980, p. 121.

²⁴ Ibid., pp. 122-123.

²⁵ Ibid., pp. 125-126.

ou nas linhas de montagem um mero apêndice passivo das máquinas e motivo de alienação para o trabalhador.

A chamada “administração científica”, preocupada com o aumento da produtividade e eficiência, reforçou os argumentos dos que denunciavam a desumanização do trabalho, mas, mesmo assim, serviu de arcabouço para o desenvolvimento da Ergonomia.

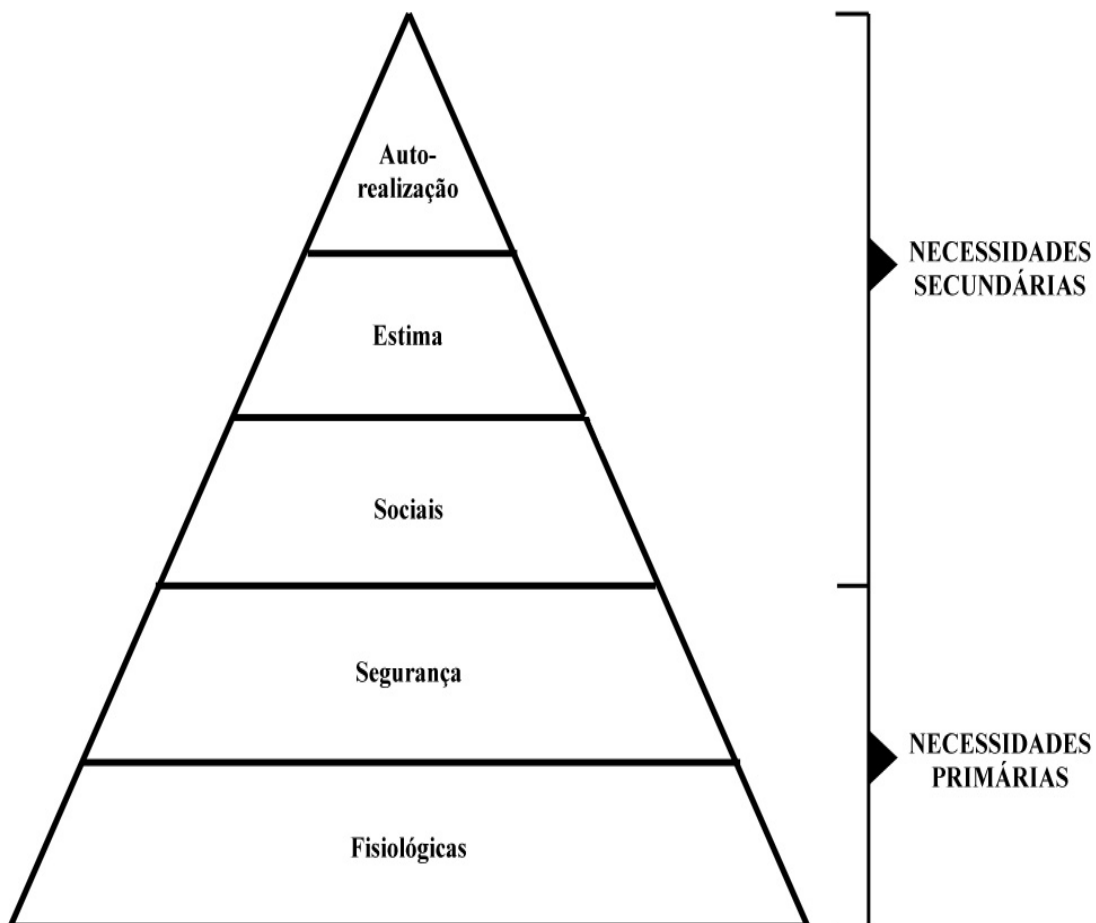
Embora a fadiga, as condições ambientais desagradáveis e os métodos desconfortáveis fossem estudados, novos enfoques foram introduzidos, reconhecendo também a influência do meio social e das relações humanas para os objetivos do trabalho.

Foram consideradas, a partir daí, além da esperada recompensa material, as influências de integração social, satisfação intergrupar e os sentimentos de integração pessoal nas organizações, que, em última análise, desempenhavam papel fundamental na satisfação das necessidades físicas, psicológicas e espirituais do trabalhador.

O trabalho deixava de ser maldito (“comerás o pão com o suor de teu rosto”) para desempenhar papel central na vida dos indivíduos. Segundo Maslow, a motivação da vida humana repousaria na busca de satisfação das necessidades e o trabalho serviria como o principal meio facilitador desse intento.

De acordo com o mesmo autor, as necessidades posicionam-se de forma piramidal em ordem de importância hierárquica (“pirâmide das necessidades de Maslow”). A primeira necessidade domina o comportamento da pessoa até que seja satisfeita. A segunda necessidade torna-se prepotente até que seja satisfeita e assim por diante²⁶.

²⁶ Cf. H. Maslow, citado por Philip Kotler, Marketing, pp. 110-111, São Paulo: Atlas, 1980.

Fig. 1 – Pirâmide das Necessidades de Maslow²⁷

Assim, temos, em primeiro lugar, as necessidades fisiológicas, que interagem com o organismo e o meio: o homem precisa saciar sua fome e sede e tem necessidade vital e de dormir e descansar. Assim, um homem faminto não irá se interessar por arte ou cultura, nem como é visto ou apreciado por outras pessoas.

Se as necessidades fisiológicas forem relativamente satisfeitas, emergirão os imperativos de segurança, que podem servir para a definição do bom comportamento e dos temores dos indivíduos.

²⁷ Cf. A. Maslow, "**Motivação y Personalidad**", Diaz de Santos, Madrid, 1991.

Com os princípios de segurança amparados por uma visão de mundo religiosa ou filosófica, que permitiriam em última análise o balizamento do próprio universo existencial, o homem procura então satisfazer os seus desejos mais íntimos de amparo e amor, vitalizando os relacionamentos com amigos, parentes, namorados, esposos, colegas e vizinhos. Subindo para outro degrau da pirâmide, o das necessidades de relacionamento, amor, estima e status, tipicamente sociais. Nesse contexto evolutivo o trabalho merece consideração especial, por permitir o aumento do círculo de relacionamento com os colegas de trabalho e por possibilitar a realização de outros laços afetivos duradouros (família, casamento, etc.).

As “necessidades de estima” virão a seguir, procurando o indivíduo conseguir uma posição de relevância em relação às outras pessoas, incluindo o desejo de domínio, reputação e prestígio. A base da auto-estima compreende o crédito social da própria capacidade, com o conseqüente respeito dos demais. Mescla-se aí o desejo de prestígio, reconhecimento e apreciação pelos outros. O trabalho representa, sem dúvida, a forma mais importante de obtenção da satisfação dessas necessidades, quer pela auto-avaliação que produz, quer pela posição social que determina. Se, contudo, as necessidades de auto-estima não forem satisfeitas, surgirão os sentimentos de fraqueza e desamparo, comumente conhecidos como sentimentos de inferioridade e abandono.

Surgem, ainda, inquietações, mesmo que todas essas necessidades tenham sido satisfeitas, a menos que o indivíduo esteja fazendo o que realmente goste. Um músico deve fazer música, um pintor deve pintar para se sentir realmente feliz. Tal necessidade de “auto-realização” expressa a tendência de desenvolver totalmente o seu potencial, ou, em outras palavras, o desejo de se tornar mais e

mais o que se é. Daí advém o desejo de conhecer, compreender, sistematizar e construir um sistema de valores²⁸.

Assim como os indivíduos têm a sua pirâmide motivacional, as empresas funcionam de maneira análoga, de sorte que suas necessidades fisiológicas, sociais e de auto-realização também se sucedem, em encadeamento. Dessa forma, para as organizações, sendo decididos os imperativos de território, instalação, custos, estoques, manutenção e segurança, seguem-se as de contratação de mão-de-obra, desenvolvimento de pessoal e bom relacionamento com o mercado consumidor. Com o tempo, ao adquirir prestígio social, as organizações vão aprofundar seus laços com as comunidades, aperfeiçoar a postura corporativa e a permanência de seu sucesso empresarial.

Do mesmo modo, a atitude empresarial mais atual vem buscando uma integração sinérgica e holística entre os empregados, de sorte que as pesquisas mais aperfeiçoadas e o planejamento estratégico privilegiem de maneira prioritária o desenvolvimento dos recursos humanos. Os desdobramentos dessas novas posturas irão afetar diretamente a qualidade e produtividade do mercado, os lucros e os investimentos, além das influências de natureza subjetiva que, de resto, interessem a toda a sociedade.

A subjetividade da ordem tecnoburocrática contemporânea, numa sociedade controlada pela imagem e pelo olhar, favorece a valorização da aparência sobre a essência, da representação sobre o fenômeno real, do posicionamento e do marketing acima das necessidades básicas humanas. Os imperativos cada vez maiores de atualização e reciclagem da mão-de-obra, hoje requerida como “cérebro-de-obra”, vêm preterindo do mercado de trabalho segmentos inteiros de operários

²⁸ Ibid.

não especializados, sem o devido preparo para assumir os cargos e encargos exigidos pela globalização. Na esteira dessas transformações, surge até uma classe de párias, jogados na vala comum dos desajustados da modernidade e da horda de desempregados produzidos pelo industrialismo superado.

Nessas condições, a empregabilidade passa a ser função de uma fuga para a aparência, em que o emprego é oferecido de acordo com um pretense alto nível de especialização que marginaliza os excluídos, ou seja, os negros, os velhos, os “gays”, os pobres – enfim, uma gente “feia” que já não deve freqüentar as empresas e os escritórios informatizados, podendo comprometê-los, marginalizando-os para o mercado informal.

2.4 ASPECTOS HISTÓRICOS

A aparência física, sobretudo da face humana, vem sendo crescentemente estudada na civilização ocidental, que tem valorizado cada vez mais a imagem e o olhar, em detrimento das variáveis internas do comportamento humano, circunscritas à privacidade da alma.

No entanto, a representação da aparência remonta à arte clássica, sendo cultivada desde as civilizações antigas, como a egípcia, a chinesa e a grega. Os reis e as divindades eram retratados com as características ideais da época, enquanto as pessoas comuns eram representadas de forma mais realista²⁹.

²⁹ Cf. Peck, S. e Peck, L. **Selected aspects of the art and science of facial esthetics**. Seminars in orthodontics, v.1, n.2, p.105-126, June 1995.

Cultivou-se a proporcionalidade das formas pelos quase três mil anos de civilização egípcia, mas as características faciais ainda careceriam de expressão, embora existisse um objetivo patente de deificação da beleza e da harmonia³⁰.

A Grécia antiga formalizou o estudo da beleza como um bem aprendido, desenvolvendo intrincadas fórmulas para construir representações humanas e divinas. Platão e Aristóteles estudaram a teoria do belo e do gosto, mas não utilizaram a palavra “estética”, termo cunhado apenas no século XVIII pelo mestre alemão Alexander Baumgarten, em um tratado sobre a beleza da poesia, tendo, posteriormente, extravasado esse significado para a aplicação à arte e à natureza³¹.

Dois grandes escultores gregos do século V a.C., Policleto e Fídias, estabeleceram normas e regras estritas para as proporções corporais e relações anatômicas harmoniosas, sendo, de resto, acompanhados e aperfeiçoados pelos demais artistas e arquitetos gregos³².

A visão grega sobre a beleza permaneceu na moda durante todo o período helênico, sendo os romanos considerados no “*métier*” da representação mais imitadores do que criadores.

Leonardo da Vinci (1452-1519) representou a face humana segundo conjecturas matemáticas e esboços anatômicos não contemplados pelos padrões científicos atuais, mas desejava, assim como os seus contemporâneos, alcançar uma proporção ideal ou divina que exemplificasse uma harmonia visual agradável³³.

A busca das leis exatas da natureza, subjacentes a alguns valores da vida, como a harmonia e o belo, tem sido um impulso humano universal. Essa tendência da Antigüidade clássica começou a ressurgir a partir do século XVII,

³⁰ Ibid.

³¹ Ibid.

³² Ibid.

³³ Ibid.

chegando ao ápice em fins do século XVIII. Buscava-se, então, resgatar os passos dos gregos, celebrando o princípio de Winckelmann (1755), que afirmava que “o único meio para que nos tornemos grandes é imitar os gregos”³⁴.

Esculturas como o Apolo de Belvedere e a Medusa de Rondinni tornaram-se, respectivamente, paradigmas das belezas masculina e feminina durante mais de um século e meio, numa tentativa de fixar uma noção de “belo universal” até o século XIX. Buscava-se a construção de uma cabeça e face ideais, tendência que revelava uma espécie de consenso em torno do ideal de supremacia da beleza grega³⁵.

O restrito modelo estético grego foi ultrapassado pela contribuição da fotografia, do cinema e da televisão que conseguiram enfatizar as realidades visuais do presente³⁶. Acentua-se, de forma profunda, o primado da aparência sobre o real, com a valorização da imagem e da ilusão para além do mundo fenomênico. Utilizando-se das técnicas de reprodução de imagem, desenvolvidas na modernidade, o olhar humano desfila sobre o formato das imagens, reduzida a mero suporte de signos, não importando mais a construção do espaço.

No jogo da imagem com o real, o olho assume um lugar privilegiado, já que o meio é que registra e estabelece a ilusão. O domínio do olhar expande-se por meio dos mais variados dispositivos técnicos. A fotografia, o cinema e a televisão ampliaram o império do olhar, conferindo ao olho do observador um poder até então jamais a ele atribuído

O ideal capitalista instaura uma visão estética baseada *stricto sensu* no lucro e no comércio. Instaura-se, com voracidade, um olhar voltado para a vigilância do indivíduo e preservação do sensacionalismo lucrativo. O mercado, com a sua

³⁴ Ibid.

³⁵ Ibid.

³⁶ Ibid.

tradicional cupidez, classifica as imagens e a obra de arte como rentável ou não, infundindo novas necessidades ao consumidor amestrado. É o reino do imaginário dominando o real e legitimando a aparência como paradigma de julgamento. A beleza grega, heróica, harmoniosa e clássica é substituída, nesse sentido, pela arte abstrata, figurativa, por jogos de luzes e outros artifícios fascinantes, num universo eletrônico, informacional e cibernético onde “tudo é possível”.

Neste ambiente sociológico, é evidente que a aparência física e facial passam a ser matéria de estudo científico e de revisão de critérios ergonômicos. Introduzem-se novos conceitos abstratos, intangíveis e subjetivos, mais difíceis de serem mensurados, que se tornam relevantes na análise das oportunidades de um indivíduo em conseguir um lugar no mercado de trabalho assim como na ecologia laboral.

Aspectos como aparência física, atratividade, estética corporal e facial assumem cada vez mais importância na vida das pessoas, recuperando o adágio de Aristóteles de que “a beleza é uma recomendação maior do que qualquer carta de introdução”³⁷.

As pesquisas da psicologia social, no campo da comunicação não-verbal, têm mostrado que a aparência ocupa lugar importante na qualidade de nossos encontros, servindo como uma fonte de informação para as avaliações sobre qualidades tão díspares como sexo, idade, cultura, classe, ocupação, papel social, personalidade, atitudes interpessoais e sentimentos³⁸.

³⁷ Cf. Arndt (1986).

³⁸ Cf. Granam and Jouhar (1983)

Byrne (apud Del Hoyo) afirma que trabalhos escolares realizados por alunos atraentes, são avaliados de maneira mais favorável e benevolente, por seus professores, que os efetuados pelos demais alunos³⁹.

Allen (1978), em sua obra sobre comportamento social⁴⁰, escreve que a atratividade física, especialmente a facial, é o critério mais importante na escolha de um encontro, superando critérios como honestidade, confiabilidade e independência.

Para Del Hoyo (1981) uma pessoa portadora de beleza física parece menos capaz de cometer um crime ou outro ato reprovável.

Assim, temos que indivíduos atraentes são mais críveis e agradáveis que outros, tidos apenas como amigáveis, inteligentes e bem-sucedidos, e recebem tratamento social diferenciado (no sentido positivo), assim como mantêm um comportamento favorável numa variedade de contextos⁴¹.

Reportando esses conceitos a um contexto empresarial, sabe-se que a relação interpessoal é essencial na constituição de uma equipe eficaz. Segundo Grove⁴², entre as idéias básicas relacionadas estreitamente com a produtividade, “o trabalho de uma empresa, ou da maioria das formas de atividade humana, é algo feito não por um indivíduo, mas por equipe”, além do que é interessante reiterar que “uma equipe trabalhará bem apenas se o mais alto desempenho for obtido dos indivíduos que a compõem”⁴³.

Para Judge & Locke (1998), psicólogos e estudiosos dos fatores que afetam a satisfação no trabalho e na vida, a avaliação essencial de si mesma tem

³⁹ Cf. Byrne apud Del Hoyo (1981)

⁴⁰ Cf. Allen, B. P. **Social Behavior: Fact and Falsihood**. Chicago: Nelson-Hall, 1978.

⁴¹ Cf. Berscheid et al (1971), Dion et al (1972), Berscheid and Walster (1974) e Adams and Crossman (1978).

⁴² Cf. Grove apud. Fonseca (1995).

⁴³ Cf. Judge, A.T., Locke, A.E. **Dispositional effects on job and life satisfaction: the role of core evolution**. Journal of Applied Psychology, v. 83, n.1, p 17-3, 1998.

efeito consistente sobre a satisfação no trabalho, sendo a auto-estima o fator que mais contribui para o conceito de auto-avaliação essencial⁴⁴.

Tais reflexões permitem-nos perceber que a auto-estima é geralmente maior em pessoas atraentes, o que pode ser um fator determinante na atmosfera de competitividade da economia globalizada.

⁴⁴ Cf. Caetano Maria Damasceno, "**Segredos da Boa Aparência**" – tese de doutorado para o Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.

CAPÍTULO 3 – PERCEPÇÃO DA APARÊNCIA

As questões da beleza e da “subjetividade do belo” estão no cerne do problema da percepção da aparência e devem ser tratadas, convenientemente, no contexto desta tese, pois, como estamos discutindo, o critério “boa aparência” é fator muitas vezes decisivo e discriminatório para a cooptação de empregados pelos selecionadores das empresas, para a promoção e exercício pleno do trabalho.

A aparência e seu significado participam de um campo de investigação bastante complexo e subjetivo, abarcando áreas extensas da filosofia (estética) e da psicologia (percepção), do belo e da forma, sem que possam ser facilmente demarcados critérios de objetividade e quantificação para esses objetos.

O perigo de estabelecer “padrões” normais e depois formular uma “normalização da aparência” são tentações sempre presentes na fixação de definições e critérios científicos que, no entanto, devem ser exibidos com cuidado, já que o campo é movediço e sujeito a interpretações suplementares, que escapam aos interesses específicos da Ergonomia e genéricos da Engenharia de Produção.

No mercado de trabalho, os recrutadores e administradores têm valorizado cada vez mais a aparência. Depois da competência, tanto para homens como para mulheres, a aparência é o fator que tem mais relevância no sucesso profissional, assegura Pastori⁴⁵. Os traços físicos e a maneira de comportar compõem a imagem que os empregadores valorizam para recrutar e promover funcionários.

A falta de uma aparência, que esteja de acordo com os padrões impostos pela sociedade, gera insegurança por parte do trabalhador na hora de procurar um

⁴⁵ PASTORI, José. **Discriminação no trabalho:** Disponível em: http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/j_pastore/id080701.htm Acesso em: 19/nov./2003

emprego, sendo que a melhora da imagem do trabalhador possibilita seu crescimento profissional. Muitas vezes, as pessoas se sentem acuadas pelas questões estéticas, o que acaba prejudicando sua atividade dentro da organização em que atuam.

Os responsáveis por selecionar os colaboradores de uma organização, priorizam a boa aparência na maior parte dos cargos. Os mais requisitados sempre são os que possuem melhor aparência e esse fator exerce maior influência na fase final da seleção. Assim, quando há diversos candidatos com o mesmo nível, os recrutadores eliminam os que não se encaixam nos padrões estéticos.

Torna-se útil, por conseguinte, analisar a subjetividade do belo e os conceitos estéticos advindos das questões de aparência física e auto-estima no trabalho.

3.1 A SUBJETIVIDADE DO BELO

A Estética era entendida pelos antigos como “a ciência do belo”, um esforço de percepção da vida fixado de maneira desinteressada, universal e necessária, de acordo com a própria natureza humana. A beleza, nesse sentido, seria uma fruição, uma admiração, uma surpresa, própria de nossa percepção capaz de juízos estéticos. Decorre daí que a emoção estética e o seu exercício seriam manifestações típicas da arte, sem finalidade objetiva segundo os metafísicos, a ponto de Kant haver definido o belo como uma “finalidade sem fim”⁴⁶.

Não há dúvida de que a beleza é uma forma de expressão da vida, mas que envolve padrões indicativos que incluem representações emotivas, psicológicas

⁴⁶ Cf. C. Lahr. **Manual de Filosofia**. 3a. ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1945, p. 288.

e sociais, variações no espaço e no tempo, extrapolando as noções relativas de ordem, poder e expressão da alma. Desse modo, não se pode reduzir a beleza ao que é meramente agradável, sublime, gracioso ou às aplicações de utilidade. A beleza seria, pois, a expressão de uma vida harmoniosa, sensível e desenvolvida para seus fins naturais, sendo objeto da estética e motivando o exercício da arte⁴⁷.

No entanto, o fenômeno do belo não contém a arte, pelo contrário, a arte é que abarca o belo, seu subconjunto, podendo expressar as demais condições e estados de espírito do ser humano, que extravasam o belo e a sua percepção. A própria noção de belo pressupõe em si mesma grande dose de subjetividade, sendo que muitos filósofos a identificaram como dado imediato da consciência ou traço distintivo entre os homens e outros animais⁴⁸.

Véron (1944) analisava a beleza sob dois aspectos: a vertente da correspondência entre as linhas e formas que a constituem ou a vertente da superioridade moral, que, em última análise, separariam a beleza da feiúra e estabeleceria no homem os seus padrões de preferência⁴⁹.

No contexto dessa interpretação “moralista”, a beleza do rosto deveria ser um repúdio à fealdade, representada, segundo o autor, na proeminência e peso do maxilar, na saliência lateral dos zigomas, no tamanho da boca, na grossura e saliência dos lábios, na obliquidade e dilatação dos olhos, sendo explicadas como manifestações do pequeno desenvolvimento intelectual das raças inferiores (leia-se, negros e amarelos)⁵⁰.

Não se pense que tal interpretação fisiologista, típica do século XIX, tenha caído no ridículo e não haja influenciado, perniciosamente, o chamado senso

⁴⁷ Ibid., pp. 289, 290 e 291.

⁴⁸ Pascal, em seus célebres pensamentos, dizia que o traço distintivo entre o homem e os animais é a capacidade do primeiro em se admirar...

⁴⁹ Cf. Eugene Véron. **A Estética**. Vol. 1. São Paulo: Edições Cultura, 1944, p. 137.

⁵⁰ Ibid., p. 137.

comum da civilização ocidental. O predomínio de poder sócio-econômico-cultural da raça branca, desde o século XV, motivou a internacionalização de um paradigma de beleza típico de traços delicados e perfil mais retilíneo com tez loura e olhos azuis, em detrimento das características como, por exemplo, da raça negra, que apresentam lábios volumosos, nariz curto e achatado e um perfil bem convexo. Assim, se o ideal dos gregos era a beleza “pura”, vivemos num modelo estético ainda enjaulado no preconceito da “beleza branca pura”, fruto de um sistema político que, de nenhum modo, foi superado, malgrado o aparato de leis mundiais não discriminatórias, surgidas a partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU – 1948).

Segundo a interpretação marxista, a percepção da beleza permanece condicionada a parâmetros sociais. E as formas artísticas, apesar de sua multiplicidade, possuem um caráter extraordinariamente conservador, ou seja, expressam a realidade social vivida. Desse modo, as formas artísticas expressam uma visão de mundo que não evolui independentemente do desenvolvimento social, mesmo em suas expressões óticas ou orais.

O suporte que justifica a permanência de valores estéticos, embora aparentemente subjetivos, teria então um substrato ideológico que acompanharia, em última análise, o próprio desenvolvimento do capitalismo e seria este regime hegemônico o gestor dos costumes estéticos internalizados em vários comportamentos da população. Os critérios estéticos seriam fixados não por uma percepção mística, vinda do céu, mas pelos interesses das elites dirigentes do modelo econômico dominante que define, em última instância, o que é feio ou bonito, bom ou mau, adequado e aceito socialmente ou rejeitado pela sociedade.

Embora existam muitos críticos da interpretação marxista, e não é nosso objetivo o aprofundamento dessa discussão, não se pode negar que a percepção da beleza é também função, apesar de não ser a única, dos parâmetros sociais vigentes, expressos pelo modo de produção e os costumes que passam de geração a geração, assim como contemporaneamente podemos nos referir a modelos de representação que configuram a história cotidiana de uma determinada população, em certo período de tempo.

Assim, nações de economia reflexa ou periférica, como a brasileira, costumam copiar modelos de comportamento de países ricos, colonizadores e centrais, cujas culturas, através da pressão dos meios de comunicação de massa e do cinema (principalmente o americano), são difundidas e incorporadas como valores superiores, somente contestados de maneira marginal por algumas “ilhas de qualidade cultural resistentes” nessas nações. Tais “ilhas”, constituídas por artistas e pensadores autóctones, vão teorizar sobre temas de intenções variadas, como cultura local, combate ao racismo, desenvolvimento do mercado interno e políticas anti-colonialistas a ponto de também contribuir para mudanças nas áreas da estética e da arte. No entanto, o repúdio aos valores do colonizador muitas vezes é incorporado por governos de dominação igualmente severa, quando não ditatorial, o que resulta numa outra e inesperada espécie de subordinação e aprisionamento, às vezes com a internalização de valores estéticos do ex-colonizador.

Infelizmente, tal percepção estética, imitada ou transferida do colonizador, não passou por uma discussão teórica na mesma dimensão que a produção científica nos campos da fisiologia da sensação e percepção da forma (Gestalt), que estão no alicerce da psicologia experimental e clínica e no espaço de sua formação

na Europa, entre a segunda metade do século XIX e as três primeiras décadas do século XX.

Naqueles tempos, a influência do empirismo crítico, do associacionismo e do materialismo científico circunscreveu a psicologia à distinção anatômica entre nervos sensoriais e motores, ao estudo das energias nervosas envolvendo o neurônio e a natureza elétrica do cérebro e à análise das sensações, a partir de quantificação psicofísica, cronométrica e verificação em laboratório de processos físico-químicos relacionados à mente humana⁵¹. Embora esses experimentos e pesquisas tenham permitido o nascimento da nova ciência da psicologia experimental, pouco ou nada se produziu a respeito das relações entre psicologia e estética, vinculadas à filosofia de acordo com autores antigos.

Entretanto, uma relação, ainda que indireta, dos estudos científicos da psicologia em aproximação com uma “teoria do belo” foi proporcionada pela chamada Escola Gestaltista.

A Psicologia da Gestalt, embora dedicada inicialmente a estudos quantitativos, experimentalmente controlados, bem como às tradições de quantificação, empirismo crítico e implantação de laboratórios, era também anti-atomista e anti-associacionista, já que sustentava que os conjuntos (de sensações) não se compõem de elementos inertes arbitrariamente ligados uns aos outros. Embora buscassem explicações fisiológicas de eventos psicológicos, empregavam a fenomenologia, ou “introspecção ingênua”, bem como a observação do comportamento, tanto de animais como de seres humanos, além de considerar que

⁵¹ Cf. Michel Wertheimer. **Pequena História da Psicologia**. São Paulo: Editora Nacional-Editora USP, 1972, pp. 63-64.

tanto a experiência quanto o comportamento seriam áreas legítimas de estudo, evitando um seccionamento dos fenômenos⁵².

Acreditavam os gestaltistas, ao contrário de seus predecessores atomistas, que um conjunto representa mais do que os elementos distintos que o compõem e que, conforme resume Paul Foulquié:

...na vida psíquica, elementos realmente distintos e os fatos mais primitivos são sempre complexos: a criança, por exemplo, não tem sensações elementares, que agrupadas formassem uma percepção; o mundo lhe é dado inteiro, num conjunto confuso, que a experiência ulterior apenas elaborará em representações cada vez mais distintas⁵³.

Os fenômenos seriam conjuntos que manifestariam solidariedade interna e conteriam leis próprias. A maneira de ser de cada elemento dependeria da estrutura do conjunto e das leis que o regem, assim como o conhecimento do todo e de suas leis não poderia ser deduzido do conhecimento separado das partes que nele se encontram⁵⁴.

A percepção não é, portanto, apenas uma soma de dados sensoriais elementares. Comporta, a mais, uma forma que é coisa diferente do conjunto da matéria sensível, que ela informa. A forma, ou configuração (gestalt) que dela resulta é constante, independendo dos pontos (figuras) ou notas (musicais) que a compõem. Os elementos não constituem, então, toda a realidade. O todo também é real e deve constituir uma teoria da forma⁵⁵.

A forma determina uma estrutura global que a domina e uma função ou um papel a desempenhar, o que a difere das sensações soltas, estudadas ao nível da neurofisiologia. Conforme Foulquié:

...a psicologia da forma assume oposição diametral à Psicologia clássica do século XIX, o associacionismo. Este partia das sensações, considerada

⁵² Ibid., pp. 128, 130, 131 e 134.

⁵³ In a **Psicologia Contemporânea**, 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965, p. 232.

⁵⁴ Ibid.

⁵⁵ Ibid., p. 233.

como o elemento da vida psíquica, e, combinando-os, tratava de construir mentalmente os todos complexos, conhecidos pela experiência. Os gestaltistas, ao contrário, consideram as formas e as estruturas como primitivas e afirmam a prioridade do todo em relação às partes, cuja natureza depende de sua função no todo⁵⁶.

Tais posições foram defendidas por eminentes psicólogos, como o tcheco Max Wertheimer (1880-1943), considerado o fundador da teoria da Forma ou Gestalt. Os psicólogos gestaltistas sustentaram que o todo é diferente da soma de suas partes: a qualidade do todo não é apenas mais um elemento que se adiciona, mas determina as características das partes, porque uma parte será o que é determinado pelo seu lugar, papel e função dentro do todo, de que é parte⁵⁷. Como resume Wertheimer:

A natureza das partes é determinada pelo todo e não o contrário; assim sendo, a análise deve ir “de cima para baixo” e não “de baixo para cima”. Não se deve começar pelos elementos e procurar sintetizar o todo a partir deles, mas sim estudar o todo para ver quais suas partes naturais.⁵⁸

Tal valorização do todo e, por conseguinte, do esquema perceptual veio a desestruturar o mecanicismo vigente nas filosofias materialistas do século XIX e que influenciavam os seus caminhos experimentais.

As pesquisas de Koffler e Köhler procurariam, por sua vez, estudar o fenômeno da percepção visual: por que vemos as coisas como as vemos? – propondo uma primeira divisão entre forças externas e internas.

As forças externas estimulariam a retina através da luz emanada do objeto exterior e teriam origem no objeto que olhamos, ou melhor, nas condições de luz em que se encontra. Por seu turno, as forças internas organizam as formas numa ordem determinada, a partir da estimulação produzida pelas forças externas, e se originam na estrutura e no dinamismo do cérebro.

⁵⁶ Ibid., p. 237.

⁵⁷ Cf. Michel Wertheimer, op. cit., pp. 168-169.

⁵⁸ Ibid., p. 169.

As conexões cerebrais vinculam os nervos e a atividade elétrica do órgão, inter-relacionando os fenômenos, que não se assemelham ao “caos luminoso” imaginado pela psicologia clássica. Ao contrário, a criança, desde seu primeiro olhar, já percebe formas destacando-se sobre um fundo. A maneira como se estruturam estas formas obedece a uma certa ordem, isto é, forças internas de organização se processam mediante relações subordinadas à lei geral, denominada “lei da pregnância”, na qual se sustenta que a organização de qualquer todo será tão boa quanto permitam as condições vigentes e que a natureza das coisas conexas é, pelo menos em parte, afetada pela conexão e, por sua vez, também a afeta. Conforme acentua Foulquié:

...segundo a forma percebida, o mesmo estímulo objetivo dá uma sensação de objeto ou uma sensação de nada. A sensação depende, em consequência, essencialmente da forma, assim como esta última depende dos estímulos sensoriais⁵⁹.

Ao estudarem os fenômenos da percepção, os gestaltistas influenciaram, também, decididamente, as pesquisas sobre o fenômeno artístico e a perspectiva do belo. Ensinando que a percepção não poderia ser resumida a uma análise associada das sensações, apoiou-se na incorporação da “experiência vivida” como molde da apreensão do todo, tomado como forma, ou seja, a forma total de um objeto constituiria uma qualidade percebida de maneira organizada e limitada, não dependendo da natureza própria de cada um dos elementos.

Não existe na percepção, segundo essa escola, um processo posterior de várias sensações. A primeira sensação já é global e unificada e todo processo no consciente, toda forma psicologicamente percebida está estreitamente relacionada com as formas integradoras do processo fisiológico cerebral. A excitação cerebral não se dá em campos isolados, mas por extensão. O sistema nervoso central detém

⁵⁹ Cf. A Psicologia Contemporânea, op. cit., p. 237.

um dinamismo auto-regulador que, à procura de sua estabilidade, tende a organizar as formas em “todos” coerentes e unificados. Essas organizações originárias da estrutura cerebral são, pois, espontâneas, não-arbitrárias, independentes de nossa vontade e de qualquer aprendizado.

A velha questão de “por que vemos as coisas como as vemos?” evoluiu do dualismo clássico entre sensações (interiores, psíquicas) e objetos (exteriores e materiais), em que o mundo exterior só seria conhecido por intermédio das sensações essencialmente interiores, para as concepções gestaltistas, influenciadas pela fenomenologia (Koffka foi aluno de Husserl), nas quais o mundo exterior seria um dado imediato e a sensação sempre seria “a sensação de alguma coisa”. Isso implicaria em que a sensação seria uma interação do objeto e do sujeito, sendo o objeto dado tão imediatamente quanto o sujeito⁶⁰.

A sensação é perceptiva ou objetiva, sendo o seu caráter subjetivo não conhecido senão por especulação filosófica ulterior. A percepção é objetivante, dando-nos o objeto, se não exatamente como é, ao menos de modo mais imediatamente verdadeiro que a impressão sensorial. Nossa percepção depende de impressões sensoriais produzidas em nós segundo diversas circunstâncias, mas o objeto é dado imediatamente e não por meio de uma impressão sensorial que deva ser interpretada⁶¹.

Conforme nos ensinam os gestaltistas, nossa sensação é global, com o todo determinando a significação do elemento. No entanto, o objeto não aparece “em si”, é elaborado, com o sujeito cognoscente tendendo a estruturar

⁶⁰ Ibid., p. 242.

⁶¹ Ibid., pp. 243-244.

organicamente coisas apenas justapostas ou a levar à perfeição formas apenas esboçadas⁶².

Às vezes, há uma forma “pregnante” ou dominante, que se impõe a si mesma e que formularia a lei geral da percepção, que preceituaria que os objetos são percebidos da melhor forma possível, a mais simples, simétrica e bem equilibrada, valendo para a compreensão das figuras e para a retenção dos fatos, pela memória. Como entende Foulquié,

...a forma, ou as formas sucessivas, que toma na percepção o dado sensorial, não é uma adição a este: a forma faz parte da base primitiva e esta é totalmente recomposta quando uma forma substitui a primeira⁶³.

Em suma, os gestaltistas propõem que, independentemente de toda experiência e de toda aprendizagem, percebemos, nas coisas e nas pessoas, as formas que para nós são atraentes ou repulsivas⁶⁴. Nesse sentido, existem respostas afetivo-emocionais que se refletem nas expressões faciais e na percepção da beleza, porque tendemos a perceber como bonitas as pessoas que nos são simpáticas. Assim sendo, podemos inferir que o ditado, muito popular no Brasil, de que “quem ama o feio, bonito lhe parece” guarda realmente uma sintonia fina com os preceitos daquela escola de psicologia.

3.2 QUOCIENTE EMOCIONAL NO JULGAMENTO ESTÉTICO

A partir, sobretudo dos anos 80, a neurociência e a psicologia cognitiva obtiveram progresso notável com a ajuda de tecnologias de ponta, permitindo o aprofundamento do estudo sobre o cérebro em ação, o encaminhamento de

⁶² Ibid., pp. 245-246.

⁶³ Ibid., p. 248

⁶⁴ Cf. Ethel Bauzer Medeiros. **Medidas Psico e Lógicas**: Introdução à Psicometria. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999, pp. 74 a 77.

pesquisas sobre inteligência artificial e simulações de processos de pensamento no computador, consignando avanços no campo da psicometria, que foram enriquecidos pelos métodos de entrevistas interativas apoiadas em redes on-line. Já nos anos 90, denominado “o decênio do cérebro”, tal o avanço conseguido no seu estudo neste período, tivemos uma notável revolução no conceito de inteligência, apoiando-se no modelo de “inteligência emocional”, proposta por Salovey e Mayer, em 1990. Surgiu, então, um novo índice de inteligência – o Quociente Emocional (QE) – distinto do antigo Quociente Intelectual (QI), mas a ele complementar. O eixo de referência do novo quociente é o grau de autocontrole emocional – que condiciona tudo na vida, da saúde física à realização pessoal e desta à integração na sociedade. Não resta dúvida de que tal quociente também possa influenciar escolhas pessoais e ao nível das atividades de recursos humanos. Sua evolução é acompanhada e analisada nas seguintes áreas:

- na percepção das próprias emoções e sentimentos (fator básico no crescimento da autoconfiança);
- na auto-regulação ou habilidade de lidar de forma positiva com os próprios sentimentos e emoções;
- na automotivação, ou capacidade de mobilizar construtivamente as próprias emoções;
- na empatia, ou percepção e aceitação de emoções e sentimentos alheios (ao se por no lugar de outrem), e,
- nas habilidades de relacionamento social (também ditas interpessoais), que facilitam dar apoio, estímulo e auxílio emocional

a outras pessoas, mas sobretudo ajudá-las efetivamente nas dificuldades do dia-a-dia⁶⁵.

O Quociente Emocional (QE) substituiu o contexto anterior de percepção unificada da gestalt, atrás explicitado, mudança que simbolizou a transição do paradigma mecanicista (típico do século XIX) para o paradigma informacional-holístico de ciência (concernente ao final do século XX). Essa transformação tocou em problemas até então disfarçados da paisagem humana e lançou luz sobre o abismo entre o desenvolvimento científico, que se libertava de diversos grilhões, e a análise da realidade social que pouco se beneficiava dele.

Constata-se, nesse sentido, que existem variáveis “extrafísicas” a serem analisadas e de cunho difuso, tais como doenças, subnutrição, exclusão, desigualdade, nível de vida e desenvolvimento, que interferem nos julgamentos estéticos e que constituem o extenso painel de subjetividade do belo, compondo um quadro de informações que extrapolam um conteúdo teórico das interpretações sobre a existência e exigências da beleza. Os corpos, submetidos a pressões econômicas, políticas, sociais e emocionais específicas, vão compor um extenso painel de diferenciações de classes e culturas, de caráter eminentemente multidisciplinar e irredutíveis a uma só especialidade. Assim, o Quociente Emocional pode ser entendido como um avanço interpretativo no sentido de se encontrar parâmetros objetivos e claros de mensuração da beleza.

Como assinalou Chesnais, não se pode deixar de levar em consideração outros valores, não físicos, que interferem na morfologia da beleza:

Apenas uma ínfima minoria, dotada de vantagens e atitudes necessárias à ocidentalização, pode captar os benefícios do progresso exterior, enquanto a imensa maioria continua a viver longe da mudança, segundo costumes

⁶⁵ Jean-Claude Chesnais. **A Vingança do Terceiro Mundo**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989, p. 109,

ancestrais quase imutáveis. Submetendo-se desde o nascimento os corpos ao sofrimento e às privações, a miséria social imprime paulatinamente sua marca: a altura, a morfologia e os traços de rosto sofrem seus efeitos. A desigualdade torna a miséria biológica⁶⁶.

Ao contrário do que poderia imaginar o senso comum, a aceleração do crescimento corporal durante a infância e a adolescência, bem como a maturação precoce e o desenvolvimento tardio não dependem de aspectos inerentes às etnias, mas são função quase exclusiva do desenvolvimento, “antes de tudo uma revolução para o corpo humano”⁶⁷.

Nas sociedades avançadas contemporâneas, a estrutura final já é atingida por volta dos 18 anos e o “encolhimento” (perda de estatura) quase não se manifesta até os 60 anos, mantendo-se o homem moderno com sua estatura máxima mais da metade de sua existência⁶⁸.

A “estatura definitiva”, que era alcançada entre 25 e 27 anos no século passado, baixou para os 18 anos no século XX em países ocidentais desenvolvidos, ou seja, aqueles cujo bem-estar é generalizado e os trabalhos, as fadigas e as privações, vividas na infância e na juventude, são menores. Em outras palavras, “a miséria, isto é, as circunstâncias que a acompanham, produz as pequenas estaturas e retarda o período de desenvolvimento completo do corpo”⁶⁹.

Há uma relação direta entre subnutrição e aumento da estatura: uma vez que a nutrição seja adequada, as crianças de origem européia ou africana não diferem tanto em estatura, conforme constata Chesnais:

A estatura das africanas chega a ser potencialmente superior à das européias: as crianças de ascendência predominantemente africana são maiores e mais pesadas do que as crianças de ascendência européia, com a mesma idade, mesmo as de nível econômico mais baixo. De uma geração a outra, produz-se um importante progresso, o qual quase não é observado no continente africano onde, na maioria dos países, o crescimento das

⁶⁶ Ibid., p. 101.

⁶⁷ Ibid., pp. 101 e 102.

⁶⁸ Ibid., p. 104, citando Villermé, L. R., “Annales d’Hygiène Publique”, Paris, 1829.

⁶⁹ Ibid., p. 106.

crianças é limitado pela subnutrição e pelas doenças, principalmente nos primeiros anos de vida⁷⁰.

A pequenez e puberdade atrasada são também sinais de miséria e subnutrição. Na Europa antiga, a idade da aparição da menstruação era por volta dos 17 anos, caindo, atualmente, para os 13 anos, não se atendo essa mudança apenas aos países desenvolvidos, mesmo sob condições de densidade e concentração urbanas desfavoráveis⁷¹.

Percebe-se que os dados típicos da antropologia física, que atribuem grande força às implicações genéticas para modificações dos dados corporais, são contestados pelas diferenças de qualidade dos regimes alimentares, mudanças benéficas em matéria de higiene, alimentação, instrução, habitação, crescimento econômico e do poder aquisitivo, conforme Chesnais:

O que é atribuído à genética constitui, em parte, a medida de nossa ignorância sobre a influência combinada de diversos fatores reagrupados, por comodidade, sob a etiqueta genérica de “meio ambiente”⁷².

Do mesmo modo – e ainda de acordo com Chesnais – os cânones estéticos não de variar conforme a miséria onipresente. Um exemplo é o da obesidade, fenômeno que iremos tratar mais tarde, que não é mais admirada como nas culturas da Idade Média ou como nos tempos do pintor Rubens:

Por muito tempo marca distintiva dos privilegiados, sinal de riqueza, atualmente a obesidade é desprezada. Não é mais símbolo de beleza, mas atributo dos meios empobrecidos e menos instruídos; a elegância reside na esbelteza: a moda segue as variações sociais e a morfologia física⁷³.

Todas essas variáveis extra-físicas que interferem no julgamento estético podem ser mais bem interpretadas pelo Quociente Emocional- QE.

⁷⁰ Ibid., pp. 109 e 110.

⁷¹ Ibid, pp. 114 e 115.

⁷² Ibid., p. 126.

⁷³ Cf. Ariane M. P. Marques e Antonio G. Oliveira, “**Avaliação de estética facial para brasileiros da raça negra, segundo o ponto de vista dos ortodontistas, cirurgiões plásticos e dos próprios leigos da raça negra**” resumo da monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ortodontia e Ortopedia Facial da UFMG, Unidade de lavras, MG, 2000.

3.3 PROPORÇÕES ESTÉTICAS COMO EVIDÊNCIA EMPÍRICA

A busca da imagem humana ideal, da verdadeira beleza, tem preocupado os estudiosos durante séculos. De fato, a maioria das pessoas possui idéias mais ou menos fixas sobre a beleza, que são influenciadas por um feixe de variáveis, quer propriamente físicas, quer de ordem difusa, como o meio ambiente, os antecedentes raciais e de educação⁷⁴.

No entanto, os chamados “parâmetros universais da beleza” que os artistas, durante séculos, teimam em esclarecer, mesmo que sejam influenciados pela cultura ou pela história individual, levam-nos a aceitar, empiricamente, características geométricas gerais da face, com mensurabilidade e proporções matemáticas que anulam o dimorfismo sexual⁷⁵.

Desde Pitágoras, foi adotada uma relação matemática que pretensamente expressaria a harmonia universal, tornando-se a medida ideal para governar a relação dos elementos do corpo humano. Está relacionada com a série de Fibonacci e é expressa por $1/1,618$ ou, simplificando, $5/8$. Segundo Moss, Linney e Lowey:

A seção ideal é considerada importante esteticamente, porque ocorre em muitas formas naturais, como as flores, as conchas e os flocos de neve. Albrecht Dürer buscou proporções harmoniosas que garantissem a perfeição, mas foi obrigado a admitir que “apenas Deus pode saber o que é a beleza”. A aparente importância da proporção $1/1.618$ na natureza levou Ricketts a propor uma divina proporção para a análise facial. Apesar de algumas controvérsias com relação às proporções corretas, a maioria das pessoas concorda que as proporções equilibradas e a organização harmoniosa das partes da face são necessárias para a beleza⁷⁶.

⁷⁴ Cf. J. P. Moss, A. D. Linney e M. N. Lowey, “**Uso das Técnicas Tridimensionais na Estética Facial**”. Royal London Medical School, Medical Physics and Bioengineering Department of University College London, Londres, Inglaterra, s.d, pp. 89-97.

⁷⁵ Ibid.

⁷⁶ Ibid., p. 90.

Para Darwin, a beleza era uma média, porque a teoria da evolução funciona contra os extremos da população, revelando a maturidade sexual e a expressão emocional das espécies.

A importância da beleza dos dentes e da oclusão normal foi enfatizada por Peck e Peck (1992), descrevendo sua posição na linha do sorriso e fazendo-nos supor que há correspondência entre beleza e dentição completa.

Moss, Linney e Lowey, por sua vez, tentaram estabelecer as coordenadas tridimensionais das faces atraentes, fazendo uma média em um grupo multiétnico de homens e mulheres, comparando com uma amostra de modelos masculinos e femininos. Demonstraram que a face masculina "normal" era mais larga e mais comprida que a feminina, e que nariz, mento e lábios eram mais proeminentes. No entanto, os olhos e as bochechas eram mais proeminentes nas mulheres. Os arcos da sobrancelha eram mais marcados nos homens, assim como observaram um desvio padrão maior das medidas faciais⁷⁷.

No entanto, é necessário notar que um número considerável de modelos tinha assimetria facial, sendo o lado esquerdo mais curto que o direito, contrariando a simetria fantasiosa, encontrada na estátua da Vênus de Milo, exposta no Museu do Louvre, e confirmando o brocardo de Francis Bacon, de que "não há beleza que não tenha certa estranheza nas proporções"⁷⁸.

Embora Apolo seja considerado o "homem ideal" e Vênus, a "mulher ideal", Angle, ainda em 1900, baseou suas idéias estéticas no conceito de que a oclusão dental adequada exigia a dentição completa, ressaltando, contudo, que beleza, equilíbrio e harmonia não estavam limitados a um tipo facial, opinião seguida

⁷⁷ Ibid.

⁷⁸ Ibid.

por Moss, Linney e Lowey: “numa sociedade multiétnica é importante ter normas de beleza para os vários grupos, adaptadas o máximo possível aos indivíduos”⁷⁹.

3.4 O CORPO COMO IMPLICAÇÃO EMOCIONAL

Um dos fatos mais paradoxais de nosso tempo é a dicotomia entre o interesse meramente material com o corpo humano e suas formas, do ponto de vista social, e a constatação da existência, no plano individual, de comprometimento funcional e emocional do significado do corpo, tomado como promessa de libertação ou como peso de escravidão.

Dos tempos de Freud para cá, parece que a sociedade humana evoluiu no sentido de desenvolver “a posse do corpo” de uma maneira mais desinibida e objetiva, o que infelizmente não se verificou, nem se transformou diretamente em aquisição social. Vale dizer, existe uma estranha similitude entre ricos e pobres na maneira de conceber o corpo, como extensão “de si mesmo”, aquele “estranho de mim” com quem preciso necessariamente (e, às vezes, a contragosto) conviver. O pobre concebe o corpo em termos de mortificação. O rico o concebe como “possibilidade de embelezamento”. Mas, para ambos, o corpo continua sendo um mistério, o “outro de mim mesmo” que não consigo conquistar.

Alexander Lowen, discípulo de Freud e fundador da bioenergética, argumentou que seria necessário revalorizar o corpo, diante da tendência da civilização ocidental de “igualar o corpo à carne e a mente ao espírito”⁸⁰. Ou, como

⁷⁹ Ibid.

⁸⁰ Cf. Alexander Lowen, **O Corpo em Depressão, as bases biológicas da fé e da realidade**. 3ª edição, São Paulo Summus, 1983, p. 208.

assinala Patrício, o corpo é constantemente reduzido aos diferentes dualismos entre corpo e mente, matéria e espírito, razão e emoção⁸¹.

Ao lado do corpo, desfila um sistema de objetos civilizacionais, utensílios, roupas, eletrodomésticos, móveis, carros e cosméticos, prontos para servi-lo ou homenageá-lo de acordo com o grau de inserção social de seu portador. O rico não disciplina o corpo a não ser por motivo de embelezamento ou de jogo social; o pobre o mortifica, em função de excesso de trabalho e de decepções, tornando-o flácido, obeso e sujeito a diversas doenças que se descortinam a partir de carências.

Em nossa civilização ocidental, a visão de um corpo bonito parece sempre deslocar-se do campo da genética para o entendimento sociológico que ali está o resultado de um paradigma de riqueza ou de ascensão social. Assim, os meios de comunicação social vão inundando a cabeça das crianças no sentido de que “é de bom tom” transformá-las em modelos fotográficos e de passarela, todas obviamente adaptadas ao perfil anoréxico exigido pelo mundo da moda.

O corpo bonito seria o sinal da realização material, da fruição de bens não espirituais, onde a carne bonita não precisa da alma, naturalmente enquanto for graciosa e jovem. Nesse sentido, a salvação seria manter o corpo jovem a qualquer preço, anulando-se, o mais possível, o peso inelutável da natureza, que parece marchar sem dó para o envelhecimento, para o caos e a dissolução.

Em termos de medicina, a cirurgia plástica passou a ser o patamar de salvação dessa crença materialista na juventude eterna. Ela procura disfarçar a depressão causada pelo envelhecimento e pela falta de fé, que caminham juntas entre o corpo e seu infundável sistema de objetos. O materialista “precisa” da

⁸¹ PATRÍCIO, Z. M. **A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo**: uma questão bioética numa abordagem Holístico-Ecológica . Florianópolis, 1995. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina. p.97

juventude, que representa energia, prazer, atividade e despreza a velhice, que representa intimidade, introversão e espiritualidade, que de nada servem ao sistema capitalista. O sonho americano, do pobre que vai ascendendo e chega ao topo cheio de dinheiro, é acalentado pelos jovens e corresponde à idéia calvinista de predestinação que fundou as bases ideológicas da nação norte-americana. No entanto, o paroxismo dessa tendência gerou, nos menos afortunados, um sentimento de fracasso que, em termos sociais, facilitou várias patologias, incluindo aí a disseminação da droga e da criminalidade.

Os não adaptados a esse tipo de mundo dinâmico, competitivo, selvagem e, por que não dizer, darwinista, refugiam-se, muitas vezes, na depressão. Ela se caracteriza, segundo a bioenergética, como “uma incapacidade de reagir”⁸², tratável e superável na maioria dos casos, mas que demonstra que vários seres humanos não aceitam o “*status quo*” e desejam refugiar-se em planos diversos de irrealidade.

Da mesma maneira, a cirurgia plástica, em termos metafóricos, poderia representar uma fuga para a irrealidade da harmonia não existente e que deve ser necessariamente produzida para além do que a natureza oferece. Nesse contexto, a sua disseminação é proporcional à insatisfação dos pacientes em relação ao seu modo de vida, a tal ponto que querem se aproximar de corpos idealizados, normalmente impostos como paradigma por um consenso oculto entre “especialistas” (diretores de TV, costureiros, estilistas, professores de ginástica e donos de SPAs), sem qualquer substrato científico que os justifique.

Para a obtenção de “um corpo irresistível, harmonioso e sensível” foram feitas, em 2001, no Brasil, 350 mil cirurgias plásticas, ou seja, de cada grupo de 100

⁸² Ibid., p. 18.

mil habitantes, 207 pessoas foram operadas⁸³. Argumentam os especialistas que as cirurgias são benéficas para a auto-estima, esta entidade abstrata que é produzida pelo consenso social dos que nos circundam e que estabelecem os padrões de nosso sucesso e qualidade de vida. Seios siliconados, “*liffittings*”, lipoaspirações e outras preciosidades colocam os (as) pacientes numa posição social muito significativa, diversa do povo em geral. Ou seja, as classes altas entregam-se, de bom grado, ao culto da “aparência”, enquanto aos pobres dá-se o privilégio de conviver com as próprias “essências”, a realidade nua e crua do dia a dia da deformação corporal e rejeição cultural.

Não responder adequadamente ao sistema dos objetos capitalista leva à depressão e da depressão em diante às diversas e conhecidas formas de escapismo (drogas, álcool, barbitúricos e entorpecentes), expressando a disjunção entre a realidade a que são submetidas as classes mais baixas e os estímulos com que são bombardeados pelos meios de comunicação.

Esses estímulos refletem na consecução de uma política de pessoal e de recursos humanos, embora não expressos por escrito nas normas de admissão e demissão das empresas, pressupondo-se que não é usual que se admitam que fatores abstratos e filosóficos venham a ser tão determinantes para os executores das teorias administrativas. No entanto, tais elementos cada vez mais são imperativos para a estruturação de um sistema de filtros na conceituação da ampla questão da “boa aparência”, que vem trazendo grandes problemas funcionais, sociais e morais para as organizações e na convivência interpessoal de seus colaboradores.

⁸³ Cf. Anna Paula Buchalla e Karina Pastore. **Corpos à Venda**. In Revista Veja, 06/03/2002, edição 1741, pp. 84-91.

3.5 O CONFLITO ENTRE O “CORPO NATURAL” E O “CORPO SOCIAL”

Parafraseando Marcel Proust, que escreveu a célebre obra, “Em Busca do Tempo Perdido”, o final do século XX poderia ser caracterizado, do ponto de vista da estética corporal, pela “busca do emagrecimento perdido”.

Essa característica “cultural”, detectável nas sociedades ocidentais em geral nos tempos que correm, demonstra um estado de mal-querer com o “corpo natural”. Se nos reportarmos a pesquisas antropológicas e indicadores semióticos (múmias, desenhos e esculturas), teremos um desejo básico de transformação física na nascença ontogenética, que se procura perpetuar em termos de código filogenético.

O corpo, como se fosse um microtexto, é alterado pelo macrottexto da cultura. Seguindo a história da cultura, o corpo não cessa de ser (re) fabricado ao longo do tempo, formulando em si mesmo a memória mutante das leis e dos códigos da cultura e registrando as soluções e os limites científicos e tecnológicos de cada época⁸⁴. Conforme resume Maria Antonacci Ramos a esse respeito:

Assim, guiados pelas crenças mágicas e pelas possibilidades materiais – vale dizer, técnicas – tão logo nascemos – e hoje até mesmo antes, através dos processos de microcirurgias que já alteram no útero as “anomalias genéticas” –, imprimimos no corpo as leis, convenções e fetichizações de nosso tempo e espaço⁸⁵.

A pesquisadora cita o gravador renascentista Dürer, que, em 1500, expressou a opinião de que “o nu ideal deveria ser construído a partir da cabeça de uma mulher, os seios de outra, as pernas de uma terceira, os ombros de uma quarta, as mãos de uma quinta, e assim por diante”⁸⁶. Essa concepção, graças aos

⁸⁴ Cf. Denize Bernuzzi de Sant’Anna. **Políticas de Corpo**, São Paulo, Estação Liberdade, 1995, p. 12.

⁸⁵ Cf. Maria Antonacci Ramos, “**Narigudos e Insatisfeitos, Graças a Deus**”, in <http://www.casthalia.com.br/casthaliamagazine/artigos.htm>, visitada em 27 de julho de 2002.

⁸⁶ Ibid., cf. John Berger, op. cit., p. 66.

efeitos reprodutivos da fotografia, do cinema, da televisão e da computação gráfica, foi elevada ao paroxismo na modernidade, montando e desmontando as imagens do corpo e inaugurando as possibilidades técnicas virtuais dessa idealização⁸⁷.

Ao lado do aperfeiçoamento dos processos técnicos, a ciência e a tecnologia também contribuíram para as transformações do corpo ideal. A cirurgia plástica, a cirurgia ortognática, as intervenções estéticas em todos os graus, os implantes computadorizados e as alterações genéticas passaram a ser alternativas importantes para o culto do corpo. Mas foram principalmente a introdução dos princípios de administração e disciplina corporal, exigindo cada vez mais regimes, danças aeróbicas, “joggins” e cirurgias plásticas estéticas que permitiram novos recursos de intervenção nos corpos e a constituição de uma “obsessão pelos invólucros corporais”⁸⁸.

Existe, por conseguinte, uma tentativa cultural de transcender o meramente biológico, ficando o “corpo natural” fora de moda, precisando de uma interferência através de tecnologias complexas e constantemente sendo “reinventado”⁸⁹.

Segundo Don Johnson, “gastamos uma boa parte de nossas vidas ajustando-nos inconscientemente a estes modelos” – referindo-se naturalmente aos corpos “ideais”⁹⁰. O autor, inclusive, cita em seu livro um projeto para um terminal de computador, desenvolvido por Henry Dreyfus, a maior autoridade no que se refere a “desenho ergonômico”, que criou um método de esquematização de ambiente de trabalho, de modo a possibilitar ao corpo dos trabalhadores manter o que é considerado sua postura “ideal”. Tomando-se essa postura como adotada por

⁸⁷ Cf. Maria Antonacci Ramos, op. cit.

⁸⁸ Ibid., Jean-Jacques Courtine, “Os Stakhanovistas do Narcisismo”, in **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, pp. 86 e 89.

⁸⁹ Ibid.

⁹⁰ Cf. Don Johnson, *Corpo*, op.cit., p. 117.

quarenta horas por semana, tem-se a idéia da “imobilidade que ela provoca na pélvis, abdome e tórax”⁹¹.

É esse ideal estético de imobilidade no trabalho que passa para a estética masculina e feminina, fazendo uma disjunção entre o trabalho e a vida e provocando a médio e longo prazos nos colaboradores das empresas, problemas de obesidade e disfunção endócrinas.

No entanto, do ponto de vista social, vemos perfeitamente dispostos ideais estéticos masculinos e femininos delineados, de acordo com os papéis que a cultura ocidental “prevê” para homens e mulheres:

A estética masculina é significativamente uniforme. Robert Redford, Clint Eastwood e Harrison Ford são diferentes exemplos corporais do mesmo ideal militar, todos eles fariam bons soldados. Os atletas masculinos, os modelos e os animadores de programas de televisão geralmente são variações do modelo militar, com a simples diferença de adotarem posturas e roupas mais descontraídas. Sendo baseadas na perpetuação do poder masculino, as instituições tentam condicionar os homens aos modelos que supostamente encarnam tal poder. (...) Os ideais estéticos femininos estão sujeitos a uma variação maior, refletindo os dois papéis que cabem à mulher, como educadora das crianças e como objeto sexual e decorativo dos homens. As formas corporais das mulheres têm que mudar ano após ano, de modo a manter aceso o interesse dos homens que lhes cabe atrair⁹².

O autor também observa que, enquanto as formas masculinas ideais designavam uma tentativa de demonstrar vigor nas batalhas e no trabalho, os ideais femininos raramente se baseavam em considerações funcionais, até porque para o homem, como “voyeur” inato, a visão de uma mulher bem-cuidada e sobre saltos altos seria como “uma agulhada intravenosa em sua libido”⁹³.

Note-se, também, que no mundo da moda, as mulheres devem ser magras, esbeltas e ter comportamentos de “cabides ambulantes”. As modelos mostram roupas e não podem sobrepujá-las em importância ou encanto, embora a

⁹¹ Ibid., p. 119.

⁹² Ibid.

⁹³ Ibid., p. 120.

mídia faça sempre boa cobertura de seu “glamour”. Por outro lado, o mesmo mundo que exige das modelos muita magreza e disciplina alimentar, quer seus modelos masculinos fortes, como se fossem soldados, “malhados e sarados” para demonstrarem um vigor inaudito, talvez capaz de despertar a atenção sexual de seus patrões na atividade escolhida. Seria ingênuo perguntar por que também não deveriam ser contratados homens franzinos e magros para o desfile das roupas masculinas. Isso não ocorre por acaso.

Os homens de responsabilidade também são obrigados, socialmente falando, a vestir uniformes. Os militares vestem fardas; os civis, ternos. Chegam a um ponto de homogeneização que alguns parecem ridículos, com pequenas variações. Os políticos preferem os ternos escuros, as gravatas vermelhas (O vermelho e suas gradações dão idéia de poder) e sapatos rigorosamente engraxados; os operadores de mercado financeiro usam ternos modernos, bem cortados, óculos redondos, cabelos com goma e raramente bigodes (o bigode lembra excessivo machismo e alguma sujeira, o que não é adequado para quem lida com dinheiro que, por ser inconsciente “sujo” por si”, pede um ambiente corporal de limpeza). Os militares superiores podem exibir condecorações e são dispensados de chapéus em solenidades, o que não é repetido pelos inferiores, demonstrando a nítida divisão hierárquica que desejam manter.

Já as mulheres, por seu turno, quando se tornam “executivas”, ou seja, penetram no mundo masculino e produtivo, devem se vestir de maneira sóbria, não histriônica e, não raro, existem organizações que impedem suas altas funcionárias de utilizarem calças compridas. “Tailleurs” bem recortados e escuros, sapatos pouco altos para não ressaltar muita sensualidade, unhas pintadas com esmaltes claros, perfumes suaves e pouquíssimas jóias – seria o “uniforme básico” da mulher

executiva que precisa, ao mesmo tempo, adotar a linguagem produtiva dos escritórios e o ambiente darwinista e competitivo de suas lutas pelo poder.

Apesar de todas as revoluções feministas, durante o século XX, a realidade que temos à mão no mundo do trabalho é a de que a maioria dos juizes das cortes supremas, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos são homens; a maioria dos governadores, prefeitos, deputados e senadores, assim também como as grandes companhias e veículos de comunicação não têm mulheres em seus cargos mais altos. Logo, a ideologia predominante de poder ainda é a masculina, assim como o controle das promoções e do dinheiro ainda está “com eles”. As mulheres, como exceção, que atingem altos postos, na política e na administração, quando o fazem procuram imitar os homens, principalmente no *modus operandi* do exercício de sua própria autoridade. Essa constatação, sem dúvida, leva-nos à percepção de que o ideal estético masculino, o perfil militar, continuará predominando, com os homens tratando nas empresas dos problemas estratégicos e as mulheres, em posições intermediárias e funcionalmente não tão importantes, aliadas como personalidades perigosas pelos grupos masculinos⁹⁴.

A aparência também prevalece na disputa pelo poder, porque se pode até admitir um executivo, de alto posto, obeso ou acima do peso ideal, dado que a sua respeitabilidade e poder não serão arranhados por isso. No caso de altas executivas, essa é uma regra não escrita que vale: a obesidade é sinal de incompetência para o exercício do poder, porque a mulher, no caso, exibirá um facies doentio, contrariando o marketing empresarial necessário a essas organizações.

⁹⁴ Cf. Michael Korda. **O Jogo do Poder na Empresa**. São Paulo, Círculo do Livro, 1978, pp. 197 a 227.

A beleza como critério fundamental torna-se preceito que extravasa a poesia (Vinícius de Moraes) para consagrar-se entre os elementos preponderantes no mundo do trabalho.

O “corpo social” não é uma entidade instituída, regida por estatutos. É um encargo psicossocial imperativo, consuetudinário, que pressiona as pessoas a determinados comportamentos reflexos, não necessariamente explicados pela ciência acadêmica. O corpo social convida a um culto do corpo e à ginástica. Também provoca tensão no pescoço, nos ombros, nos braços e mãos de trabalhadores de repetição, tendo popularizado as “Lesões Por Esforço Repetitivo”, além do aumento de casos de obesidade funcional, enquanto, entre os executivos, provoca estresse, ansiedade, fadiga crônica, úlceras e dores de coluna, diferenciando as afecções de acordo com o nível social, econômico e financeiro dos freqüentadores do mundo do trabalho.

O que fazer com o corpo vivo, que incomoda com a sua insubordinação funcional, parece ser uma obrigação da cultura e de seus mecanismos repressores, principalmente no mundo do trabalho. Somos compelidos, a partir das atividades de seleção nos departamentos de recursos humanos, a aceitar uma ideologia de repressão dos instintos e a assumir uma postura circunspecta ao nível funcional, repetindo tarefas, sacralizando rotinas e condenando o corpo a perder o contato com a natureza e o relaxamento.

Muitas empresas, no entanto, despertando para esses impasses têm procurado minorar os resultados negativos culturais, abrandando o estresse dos empregados com atividades recreativas no trabalho, para aliviar a grande dose de estresse que as jornadas de trabalho fatigantes são capazes de produzir.

A busca desenfreada pelo corpo perfeito tem modificado sobremaneira o mundo do trabalho e produzido transformações sociais muito importantes, capazes de tornar neuróticos vários contingentes de trabalhadores obesos, que se viram, por conseguinte, como objetos de exclusão. Por outro lado, em tempos de doenças graves, que afetam o sistema imunológico, como a tuberculose, a sífilis e a AIDS, o emagrecimento acelerado também é visto com desconfiança pelo grupo, que começa a discriminar o trabalhador que perde muito peso. Quase não há saída: se obeso, é impotente e inapto para o trabalho; se emagrece muito, cuidado, ele é aidético ou coisa semelhante. Assim, as duas pontas são altamente repressivas, causando ansiedades e problemas funcionais.

Existe, contudo, alguma esperança nas recentes pesquisas genéticas que vêm amparando uma interpretação mais séria e consciente dos distúrbios sobre o corpo ideal, elogiado pela sociedade e por seus meios de comunicação. A integração à sociedade e ao mundo do trabalho de pessoas que não possuem o corpo ideal torna-se um imperativo categórico não só de empresários, mas de políticos, cientistas e médicos, preocupados com a exclusão social e sua forma mais degradante, a exclusão psíquica.

3.6 O PODER DO OLHAR

A valorização da auto-imagem na sociedade contemporânea é um retorno a pressupostos narcísicos, que pontuaram a humanidade desde os gregos. De fato, a sedução, o encantamento de ver-se, de admirar-se com a própria imagem, aparece desde os tempos da mitologia grega (o mito é uma “fala” e, ao mesmo

tempo, “um saber”), a partir da conhecida figura de Narciso, um homem enamorado pela própria imagem, em estado de êxtase.

A imagem greco-latina (“imago”) significa cópia, figura, sombra e imitação, designando a representação de um objeto apreendido pelos sentidos que com ele guarda semelhança perceptiva, numa espécie de percepção gestáltica e apetecível que torna o feio bonito, de acordo com o ponto de vista cultural adotado.

O narcisismo no espelho, largamente adotado em nossos tempos pela mídia, que instaura a admiração e o sucesso pela televisão, mexe com a duplicação do real e sua deformação como signo (o simulacro), revelando uma imposição não-criticável da sociedade industrial em detrimento de outras formas de representação.

O simulacro é inicialmente um duplo, uma duplicação do real, dissolvendo a diferença entre verdadeiro e falso e provocando a fascinação de uma relação privada entre sujeito e objeto. O narcisismo constrói um estado de falsa segurança, em que a pessoa sozinha e atemorizada se confunde com o próprio mundo ao redor, inflacionando o ego e subestimando o que lhe é exterior.

Embora várias pessoas transformem suas energias narcísicas em criatividade e trabalho, o que é uma forma benigna de realização em diversas profissões, outras cultivam um narcisismo maligno que valoriza o ter, a posse de bens e qualidades, que prescinde do relacionamento com os outros e modifica a estrutura de identidade e imagem dos indivíduos.

No jogo da imagem com o real, o olho assume o primeiro plano de importância, já que é o meio que registra e estabelece a ilusão. Nesse sentido, o poder do olhar amplia-se através de diversas técnicas: a pintura, o teatro, o livro, a

fotografia, o cinema, a televisão e a internet, numa ordem gradativa de apropriação, que vai da apreensão do que é a realidade até o seu usufruto propriamente virtual⁹⁵.

O olho é convidado a introjetar a ordem estabelecida, refletindo os valores ideológicos permitidos pela sociedade industrial tecnoburocrática. Ele é ampliado através de equipamentos multimídia, analógicos e digitais, que manipulam o real através da interatividade de fontes difusoras e veículos receptores. O próprio real não é mais incorporado pelo sujeito comunicante, mas passa a haver uma cisão entre sujeito e objeto, que não têm mais realidade independente, mas se intercambia e se dissolve nas redes de conexões digitais e informacionais, completamente livres da noção de “propriedade de fonte”, como já estamos presenciando acontecer na grande rede de informação mundial, denominada “internet”.

Modificando os dispositivos de representação, a Internet estrutura o comportamento narcísico numa proposta nova de arquitetura de redes e interconectividade: sujeito e objeto não subsistem mais como nos pressupostos da velha teoria do conhecimento, tendo a sua separação clássica aparentemente dissolvida pelas aproximações eletrônicas. Uma extensa gama de novos serviços é posta à disposição dos consumidores, capazes de cobrir todas as atividades humanas independentemente de jurisdições e obstáculos geográficos.

Como o desejo, num mundo de simulacros, é uma demanda sempre insatisfeita, o capitalismo, para não perder domínio sobre camadas crescentes de consumidores, precisa proporcionar à massa de seus trabalhadores meios de satisfação de seus desejos, esperanças e fantasias, aprisionando-os, sempre que possível, no reino de novas necessidades.

⁹⁵ Aqui o termo “real” não se opõe a “virtual”. “Virtual” seria uma deformação do real por mecanismos de representação. Assim, virtual seria uma espécie de “cancelamento do atual”, do dado imediato da consciência, colhido pelos sentidos, ponto inicial da psicologia.

Se o cotidiano é desagradável para a maioria, submetida a trabalhos alienantes e ao desemprego, torna-se necessário recompor as esperanças dos trabalhadores e das classes médias através de estratégias psíquicas de compensação, que compreenderiam a produção de mitos no cinema, na música e na televisão.

Altera-se o espaço público na medida em que a comunicação se imaterializa, com o indivíduo passando a repartir o seu espaço privado e permanecendo ligado ao mundo inteiro graças às tecnologias de comunicação que lhe servem de conexão permanente com “o outro”. O contato imediato, proporcionado pela mídia, com repercussão em qualquer parte do mundo é um exemplo atual de relação imaterializada⁹⁶.

As belas imagens se sucedem para provar que na verdade “tudo está bem, desde que os olhos aprovelem”. Homens e mulheres belos, saudáveis e ricos vão desfilando, exibindo o seu elitismo acima do povo, com o culto à imagem e à vaidade ficando acima do bem e do mal. O mercado, erigido como juiz incontestável do que deve ser visto ou dito, “privatiza o voyeurismo”, classificando as imagens como “rentáveis”, isto é, capazes de captar a atenção do público, prendê-lo na forma de estatística de audiência e infundindo-lhe novas necessidades que o transformem definitivamente em consumidor amestrado.

Os indivíduos comuns, especialmente as mulheres, num delírio de simulacro e de cópia narcísica, tentam imitar seus ídolos, tornando-se sub-imagens esqueléticas e anoréxicas, freqüentando compulsivamente salões de beleza e academias de ginástica para melhorar a auto-estima e suportar o anonimato. No

⁹⁶ Cf. Maria Inês Reuter Mancuso, “Sociedade da Comunicação, Imagem do Futuro”, in O Estado de São Paulo, 9/02/1991, p. 9.

fundo, essa subserviência a certo modelo feminino de beleza é um instrumento de dominação da cultura burguesa-capitalista.

Essas percepções da sociedade pós-industrial de maneira inevitável também afetaram o mundo do trabalho, retificando posições iniciais, típicas do industrialismo, que popularizaram os paradigmas de Taylor, Fayol e de linha de montagem, que formaram o “berço ideológico” da expansão industrial no século XX. Os mecanismos de cooptação de colaboradores nas empresas não deixaram de ser envolvidos por essas expectativas de representação de beleza (boa aparência), simpatia e motivação.

Os próprios dogmas da Ergonomia, que formularam os documentos de normalização do trabalho físico baseados tão somente naqueles paradigmas, tiveram que se atualizar, diante da realidade das novas máquinas, da robótica e do manejo de computadores pessoais. Hoje, a plena aceitação de normas ergonômicas sobre o trabalho físico não pode deixar de incluir aspectos interdisciplinares da medicina do trabalho, da sociologia, da economia, da administração e como expusemos neste trabalho, das cirurgias corretivas, entre elas a cirurgia ortognática e outras áreas correlatas, que possam melhorar a auto-estima dos indivíduos no espaço de trabalho.

A própria noção de trabalho passa por profunda revisão, ultrapassando as noções antigas de utilização de energia física no deslocamento de objetos, concentração e explosão musculares para determinados objetivos e cálculo dos tempos de execução de tarefas e decréscimo de vigor da mão-de-obra no desempenho de determinados movimentos.

Tudo isso, enfim, já foi racionalizado em tempos atrás, não impedindo que novos cálculos sobre produtividade introduzissem fórmulas novas de maximizar os

lucros, alienar e demitir mão-de-obra, fabricar os componentes de acordo com os padrões geográficos mais adequados e outras medidas, capazes de diminuir ainda mais a capacidade do homem de resistir ao conservadorismo do egoísmo capitalista.

Assim, surgiram perspectivas de análise do trabalho que vão ter enorme importância no século XXI e vão interferir na atividade econômica dos países desenvolvidos e emergentes, embora as percepções antigas da Ergonomia ainda possam ser aplicadas em países subdesenvolvidos do Terceiro Mundo.

3.7 O DISCURSO DE QUEM SE SENTE DISCRIMINADO PELA APARÊNCIA

Apresentamos depoimentos clínicos, de pacientes com deformidades dento-faciais, que se sentem discriminados e sofrem em decorrência do fato de possuírem uma aparência que não está situada dentro do padrão de beleza imposto pela cultura social. Tais depoimentos demonstram a importância do critério boa aparência para a auto-estima e o quanto as técnicas cirúrgicas de correção podem representar com a possibilidade de libertação da zombaria e exclusão social. Extrai-se, assim, a dedução de que o campo da recuperação da boa-aparência pode significar um veio de investigação bastante fecundo para a Ergonomia e outras disciplinas correlatas à Engenharia de Produção.

Alguns dos depoimentos apresentados são de candidatos à cirurgia ortognática e outros de pacientes já operados, colhidos quando de nossa Residência no Serviço de Cirurgia Buco-Maxilo-Facial do Hospital de La Princesa, em Madri, Espanha, durante o convívio inerente ao relacionamento paciente/profissional do pré

ao pós-operatório⁹⁷. Cada um dos depoimentos correlatados são de pessoas diferentes, de ambos os sexos e com idade variada.

- “Me sinto à parte do mundo, vivendo uma vida falsa, cheia de pretextos e sempre cheia de medo e de que alguém me ache”;
- “Por fora, todos me acham normal, mas meu interior é um alvoroço”;
- “Sinto que não posso fazer as coisas normais que as pessoas fazem”;
- “A única coisa que tenho vontade de fazer é fugir e me esconder”;
- “Construí um escudo ao meu redor para me proteger, parecendo menos amigo”;
- “Tornei-me mais promíscuo como maneira de ter afeto”;
- “Endureci-me numa pessoa resistente, rude e violenta”;
- “Ir para o trabalho era um inferno. Cada dia era um tormento para mim”;
- “Costumava voltar do trabalho deprimido e com um humor abominável”;
- “Tinha sempre o outro dia para encarar”;
- “Sinto-me sempre apreensivo e com medo dos outros rirem de mim”;
- “Sentia-me insegura e amedrontada com o que os outros podiam pensar sobre mim”;
- “Comecei a me sentir muito insegura pela minha aparência não favorável”;
- “Não encontrava ninguém para dividir o meu problema e ninguém simpatiza comigo”;
- “Se você não tem uma deformidade, é muito difícil entender uma pessoa que tenha...”;
- “Poucas pessoas entendem o que é sentir-se uma pessoa fisicamente deformada...”;
- “Eu sei que existe muita gente pior do que eu e fico dizendo isso a mim mesma, só que não ajuda...”
- “Lembro-me de perguntar à minha mãe por que eu tinha nascido assim? Por que eu e não os outros?”
- “Nasci com lábio leporino e, embora essa má-formação venha acompanhada de alguma deficiência, isto foi fácil de contornar. O difícil foi lidar com os momentos de frustração e infelicidade que me acompanharam por 18 anos...”;
- “Quando eu fui para a escola, com 5 anos, minha vida tornou-se um inferno. Nunca tinha pensado que as outras crianças pudessem ser tão cruéis e desagradáveis. Cada dia era uma

⁹⁷ MUSSI, M. A. T. Relatório de conclusão do curso de Pós Graduação em cirurgia buco-maxilo-facial pela Universidade autônoma de Madri. 1992.

tortura para mim. Eu sabia que era diferente, mas não esperava ser ultrajada de maneira tão cruel. Minha aparência era motivo de riso e até minha voz. Comecei a arranjar desculpas para não ir mais à escola. Em qualquer lugar que eu entrava, sentia que estava sendo olhada, comentada e que estavam rindo de mim. Me sentia insegura e tudo o que queria era me esconder. Nunca me sentia agindo naturalmente.”

- “Fiz uma redução mandibular, o que mudou completamente a minha vida, em vários aspectos. Uns eram bastante previsíveis, outros, nem tanto. Eu sinto como se tivesse meu corpo de volta depois de tê-lo perdido por tantos anos. Não é exagero, mas, de repente, descobri que não sentia mais raiva do mundo. Me sentia gratificada por estar viva. Hoje eu rio muito e amo muito mais as pessoas. Me sinto mais confiante, sem medo de, num convívio, ficar em expectativa de zombaria. Minha vida não é mais por auto-consciência do meu corpo. A feminilidade está agora aberta para mim como nunca antes. Eu ainda estou descobrindo todas as coisas diferentes que estavam fechadas para mim por anos.”
- “com a idade de 9 anos, eu abominava meu queixo e evitava ficar de perfil, especialmente em fotografias. Comecei a desenvolver o hábito de enfiar minha cabeça nos ombros, quando falava com estranhos e de apoiar o queixo em uma das mãos, tentando disfarçá-lo. Com a auto-confiança severamente minada, comecei a não ser mais capaz de falar em público, com medo de as pessoas observarem o meu defeito. A felicidade que sinto agora está além das palavras. Pequenas coisas como fazer uma reflexão sobre mim mesma, é um prazer. Eu gosto do que vejo agora e gosto de mim muito mais. Tenho de volta minha auto-confiança e segurança, coisas de que necessito para o trabalho. Me sinto quase capaz de enfrentar uma multidão com facilidade e naturalidade e olho para o futuro, sabendo que vou ser feliz o que também fará minha família feliz”.

Os indivíduos-trabalhadores, que passaram ou que necessitam de intervenções cirúrgicas ortognáticas, conforme pudemos constatar, refletem a poderosa pressão da discriminação estético-social existente em nossa sociedade, inscrita nos padrões da cultura ocidental, chegando ao ponto de verem essas cirurgias como tábuas-de-salvação para suas existências maleficiadas e sem sentido por serem portadoras de graves estigmas estéticos.

As técnicas cirúrgicas representam uma "libertação" dos grilhões da zombaria, da exclusão, proposital ou auto-deliberada, demonstrando que esses personagens antes se viam como partícipes de um filme de horror. A auto-estima ficava combalida, levando a depressões contínuas, a comportamentos de timidez e incapacidade para o trabalho, em função da impossibilidade de manter para o mundo exterior a imagem de boa-aparência, comercializada e consentida pelos outros. Compreende-se, nesse contexto, a sábia frase de Jean-Paul Sartre: "o inferno são os outros".

As cirurgias plástica e ortognática, esta última nossa área de atuação, trazem de volta a imagem perdida (ou jamais encontrada) por um trabalhador que se sentia incapaz de disputar a atmosfera competitiva do mundo do labor, inconquistável, em realidade, para eles.

Nesse contexto, as cirurgias representam inquestionável fator de integração social que não pode ser esquecido pela reflexão das ciências interdisciplinares que foram referidas, em nossa tese, em torno da Ergonomia.

Tais depoimentos, candentes, sofridos, talvez em alguns casos reveladores de alguma morbidez, podem significar mais uma prova de quanto é severo o mundo em que vivemos, para o qual os conceitos de boa-aparência e auto-estima são imbricados, muitas vezes para impedir a felicidade dos homens e produzir novos padrões discriminatórios entre eles, numa postura nova, intangível, não material de escravidão.

CAPÍTULO 4 – OBESIDADE E MODELOS ESTÉTICOS IDEAIS

Neste capítulo, procuraremos estudar a obesidade, não só como fato médico e sociológico, mas também como um dos fatores decisivos para a percepção da boa aparência no trabalho, a influência nos julgamentos no campo dos recursos humanos e as providências cabíveis na área multifacetada da Ergonomia.

As empresas, em geral, são extremamente reticentes sobre regras de trabalho relacionadas com o evento da obesidade e seu controle. Normalmente, apelam para uma espécie de “consenso consuetudinário”, de regulamentos vigentes, porém não escritos, para que não sejam taxadas de preconceituosas ou adeptas identificadas da exclusão de qualquer grupo humano.

Numa época em que, tanto no Brasil como no plano internacional, vêm se incorporando os portadores de deficiências no mundo do trabalho – tendo, evidentemente, de se adaptar os equipamentos específicos ao desempenho de suas funções –, não se percebe, em contrapartida, uma tentativa de ajustamento correlata dos obesos às atividades laborais, configurando-se um tipo de “exclusão branca”, não prevista em normas ou manuais de treinamento.

Os trabalhadores obesos são relegados a segundo plano, seja omitindo-se a sua especial condição, seja excluindo-os pura e simplesmente do ambiente de trabalho por discriminação.

É o caso, por exemplo, de uma empresa de aviação brasileira, que exclui das escalas os pilotos que atingem os 95 quilos de peso. Os que chegam a esse patamar são delicadamente dirigidos a exames médicos e a licenças compulsórias,

que devem ser cumpridas tendo em vista um rápido emagrecimento⁹⁸. Cumpre notar que tais providências não são ultimadas às claras, nem respaldadas em regulamentos palpáveis, mas embasadas em regulamentos sub-reptícios, “a boca pequena”, quase que representando um “assédio moral”, praticamente irresistível para o empregado.

Por outro lado, vimos surgir de vinte anos para cá uma verdadeira indústria contra a obesidade que movimenta milhões de dólares e contamina vários setores de atividade, desde o mundo da moda até a esfera burocrática e administrativa das grandes organizações.

Existe uma inequívoca pressão cultural para emagrecer, que interage com fatores biológicos, psicológicos e familiares, gerando uma preocupação excessiva com o corpo e o pavor doentio de engordar, que está na raiz de vários transtornos alimentares. Parece que o valor pessoal gravita em torno de uma aparência física jovem, em que é infundido o ideal de magreza e da boa forma. Proliferam as dietas de emagrecimento veloz e as academias de ginástica para a modelagem do corpo, revelando alto investimento em tecnologia e recursos farmacológicos capazes de devolver a corpos não ajustados o viço perdido no consumo de alimentos calóricos, oferecidos facilmente pela publicidade nos meios de comunicação.

Os adeptos do “corpo perfeito” interpretam o fracasso na aquisição do ideal de magreza a um sinal de falta de vontade, preguiça e fraqueza do portador do pecado da obesidade. Baseiam-se em duas crenças falsas: a primeira, a de que o corpo é facilmente maleável e que pode se sujeitar a quaisquer prescrições de dietas, cosméticos e exercícios físicos, desprezando-se as leis conhecidas da biologia e da genética; a segunda, a de que os que alcançaram esse grau de

⁹⁸ O nome da empresa é elidido por motivos óbvios.

perfeição terão sucesso profissional automático e nos relacionamentos social e amoroso.

Nesse sentido, a Ergonomia não pode ignorar o fenômeno da obesidade e de sua condenação pela cultura ocidental, principalmente no que concerne às escolhas de colaboradores de acordo com o largo conceito de boa aparência, que não se restringe apenas ao protagonismo da raça branca. Conforme assinala Flávia Maria Felipe:

O gordo e o magro tornam-se formas de exclusão quando estabelecem conceitos divergentes dos modelos de determinada sociedade, com valores específicos de certo momento histórico, econômico e social. A obesidade é vista como beleza aos olhos de quem a vê, pois a definição de obesidade é condicionada cultural e historicamente, a exemplo de conceitos de beleza que alguns pintores e escultores tornaram famosos⁹⁹.

Formulado como doença social historicamente determinada, o fenômeno da obesidade deve ser estudado sob diversos ângulos, incluindo as suas conseqüências, que podem ser dialeticamente compreendidas através do temor da síndrome, tanto nos mecanismos de anorexia e bulimia nervosas, como na discussão sobre os modelos ideais de beleza, que podem afetar igual e negativamente a atividade dos colaboradores das organizações.

4.1 ANOREXIA E BULIMIA

A anorexia (inanição provocada) e a bulimia (alimentar-se compulsivamente e provocar vômitos) estão fortemente ligadas e correlacionadas. Tanto na anorexia como na bulimia – que são distúrbios psicológicos –, os indivíduos

⁹⁹ In “O Peso Social da Obesidade”. Tese de Doutorado, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Serviço Social, junho de 2001, p. 52.

tornam-se obcecados com a alimentação e apresentam uma distorção de sua imagem corporal.

Tais transtornos alimentares, além de comumente afetar adolescentes e jovens, pode envolver outros grupos ocupacionais, como modelos, atrizes, atletas, bailarinas e jôqueis, em que são comuns as dietas compulsórias e a necessidade óbvia de se manterem no chamado “peso ideal”, que geralmente vêm acompanhados da pressão pelo bom desempenho de ordem profissional.

A vulnerabilidade para desenvolver um transtorno alimentar envolve também aspectos pessoais, ou seja, traços de personalidade (perfeccionismo, rigidez, impulsividade, entre outros) em indivíduos com baixa auto-estima, que se sentem inseguros para enfrentar as demandas naturais da vida. Não podemos negar, ainda, a forte influência dos padrões atuais da cultura ocidental de beleza, que exigem figuras longelíneas (altas, extremamente magras, com músculos delineados, etc.), formas irreais para a grande maioria das pessoas e que são maciçamente divulgadas pela mídia, estando na origem da produção de transtornos alimentares.

Instaura-se uma espécie de tirania da perfectibilidade do corpo físico, em que a imagem jovem, magra, sadia e longelínea fabrica uma visão magnífica do corpo. A supremacia da aparência nos filmes, na fotografia, na televisão e no espelho das academias alija os feios e os gordos para a periferia das escolhas afetivas e profissionais.

Para os indivíduos que padecem de anorexia e/ou bulimia, longe de ser uma fonte de prazer, o corpo é causa de angústia, vergonha e mal-estar. Com um agravante: após algum tempo, as afecções vão adquirindo vida própria, que aprisiona a pessoa e aumenta sua sensação de fracasso. Isso conduz a um

isolamento social progressivo e sua auto-avaliação varia de acordo com o êxito obtido em reduzir o peso ou controlar o que come.

Nesse contexto, a compulsão alimentar leva a um aumento do limiar diferencial da necessidade oral, tanto no sentido de aumento de intensidade (alívio por comer), quanto pela eliminação pura e simples da necessidade (abstinência forçada, anorexia, bulimia), que provocam tensões. Podemos observar, também, que essa compulsão oral pelo prazer está presente, em nossa cultura ocidental, na preocupação excessiva com a moda e a busca de prestígio social, como forma neurótica de exposição e reconhecimento.

Na prática, vemos na atualidade a tendência a engordar como “pecado”, mentalidade que, socialmente justificada, contamina comunidades e empresas, embora não exista qualquer lei ou preceito constitucional que legitimem essa conduta.

Também podemos considerar a anorexia e a bulimia como sub-produtos do desemprego sistêmico vivido na sociedade e em suas organizações produtivas. Muito além das razões econômicas ou administrativas, passando mesmo por cima dos regulamentos, a obesidade torna-se objeto de exclusão no ambiente empresarial, havendo inclusive uma “perseguição branca” contra os colaboradores “gordos” no ambiente de trabalho.

Basta uma vista d’olhos sobre a produção de mobiliário de escritório, no Brasil, para se constatar que não há previsão de mesas e cadeiras para trabalhadores com mais de cem quilos, assim como nos aviões de carreira não existem assentos para passageiros gordos, instados não raramente a comprar duas passagens em cadeiras contíguas.

Assim, a bulimia e a anorexia, que afetam mais diretamente as mulheres, são sugeridas sub-repticiamente aos colaboradores que queiram manter seus empregos e atingir alguma legitimidade social. Estabelece-se, então, uma luta titânica para a manutenção do “peso emagrecido”:

Manter o peso emagrecido, após a realização de inúmeras tentativas de emagrecimento, tem sido o problema da maioria dos indivíduos que sofrem de obesidade e, também, dos profissionais que a tratam. Frequentemente revelam que emagrecer é fácil, que sempre conseguem – “difícil é manter”. Nesse sentido, enfrentam a discriminação, o rechaço social, a frustração e o descrédito em si mesmos e em relação aos outros, bem como a desconfiança de que não são capazes. Tais fatores contribuem para a sua despotencialização enquanto sujeitos sociais¹⁰⁰.

Não há a menor dúvida de que os fatores emocionais, sugeridos na infância, influenciam sobremaneira a forma de comer e a instalação de um processo de compensação psíquica em relação às dificuldades da vida moderna.

As noções de “culpa” e “pecado” são facilmente adjudicados ao comportamento do obeso, como se não existissem tendências genéticas e nosológicas do ponto de vista patológico. O obeso, visto como transgressor, não é bem aceito socialmente, a ponto de sofrer “mais preconceito do que esquizofrênicos e deprimidos e mais rechaço do que mulheres, minorias étnicas e alcoolistas”¹⁰¹.

A bulimia e a anorexia instalam-se, por conseguinte, por temor do ridículo e da censura, prefigurando a idéia fixa de ser magro. No auge da crise de bulimia nervosa, a pessoa chega a ingerir 10 a 15 mil calorias e, depois, provoca vômitos em si mesma ou toma laxativos; na anorexia, a pessoa perde todo prazer em comer, distorcendo a percepção do próprio corpo: toda vez que se olha no espelho se acha gorda e, em certos casos, a abstinência de alimentos pode levar à morte. As duas síndromes intercambiam-se, transformando-se em estilo de vida e, hoje em dia, só nos Estados Unidos, existem mais de 100 “sites” na Internet sobre o tema. Estima-se

¹⁰⁰ Cf. Flavia Maria Felipe, “O Peso Social da Obesidade”, pp. 67-68, op. cit.

¹⁰¹ Ibid., p. 70.

que 80 mil garotos de várias partes do mundo freqüentam esses endereços, onde trocam experiências e utilizam um vocabulário peculiar, comendo a média de 200 calorias por dia¹⁰²!

Do ponto de vista do trabalho e da produção, esses distúrbios, cuja mortalidade alcança 30% das vítimas¹⁰³, contribuem para absenteísmo e gastos com assistência médica para as empresas, não detectadas nos exames pré-admissionais. O corpo passa a ser um “centro de dor”, comparado com a magreza aplaudida no horário nobre da televisão, nos anúncios e filmes, bem como nos programas que constantemente provocam a “erotização precoce” do público feminino. E nos departamentos de recursos humanos das empresas só resta rejeitar os candidatos a empregos que exibam sobrepeso, integrando a ocorrência no controvertido conceito de boa aparência que, como estamos vendo, não é apenas inter-racial ou fruto da supremacia cultural da raça branca.

4.2 OBESIDADE E AUTO-ESTIMA

Num mercado de trabalho severamente competitivo, de acordo com os pressupostos ideológicos do neoliberalismo e da globalização, existe uma relação direta entre sucesso, fama e fortuna e o corpo magro. O corpo “gordo” é, pois, submetido a um processo surdo de exclusão, ridicularizado e rebaixado, na medida em que os postos escassos de emprego, cargos e funções devem ser assegurados aos corpos atléticos e sem gorduras supérfluas, *ipso facto* considerados saudáveis. Segundo Felipe:

¹⁰² Cf. Luciana Vicária, “Obsessão Partilhada”. in **Revista Época**, nº 216, 8 de julho de 2002, São Paulo, Editora Globo, pp. 68-69.

¹⁰³ *Ibid.*, p. 69.

A sociedade concede um lugar aceito ao “gordo” com uma designação específica, representada por uma série de preconceitos e estereótipos, mas o concebe – que é melhor do que não ser reconhecido de forma alguma. Dessa forma, o obeso estaria, poderíamos pensar, incluído.

(...)Contudo, se a informação permite a exclusão, podemos já imaginar a perda até em termos de desempenho e efetivação profissional de um sujeito que tenha prejudicado seu capital simbólico e sua concepção sobre si mesmo. É especificamente nele que agem os meios de comunicação¹⁰⁴.

Equiparado aos aidéticos, alcoolistas e homossexuais, o obeso é julgado por seus “maus” resultados, ou seja, a obesidade é vista da mesma forma que a pobreza: “se o pobre é responsável por sua pobreza, o obeso seria responsável por sua gordura”¹⁰⁵.

Produz-se, então, no corpo gordo, interpretado como “corpus”, raiva, culpa, estigma e rejeição social, num modelo ideológico que prefere os magros, baseado na falsa crença de que “sempre o excesso de peso pode ser controlado voluntariamente” e, assim, se isso não acontece é atribuída toda culpa à pessoa obesa¹⁰⁶.

Tratando-se de um fenômeno novo de preconceito e pressão psicológica, obviamente as organizações não estão absolutamente preparadas para sugerir saídas a seus colaboradores obesos, tratados em geral de maneira truculenta nas “demissões sem justa causa”, que encobrem amplo leque de injustiças e perseguições de ordem moral. Nesses casos, ao arrepio das legislações vigentes e da mentalidade disseminada do “politicamente correto”, as empresas inventam razões internas para demitir o empregado obeso, como se fosse um fator dissonante no corpo funcional.

O obeso entra, por conseguinte, num abismo de depressão e perda de auto-estima, cujo descontrole o leva a comer ainda mais, como forma de auto-

¹⁰⁴ In “O Peso Social da Obesidade”, pp. 108-109, op. cit.

¹⁰⁵ Ibid., p. 109.

¹⁰⁶ Ibid., pp. 109-110.

defesa, vale dizer, em meio a tantos desprazeres na vida, resta-lhe somente “assaltar a geladeira” como forma de compensação e descompressão.

Sem compreensão ou outras válvulas de escape, de nada valem os seus conhecimentos tecno-especializados. Seus supervisores omitem o julgamento sobre o trabalhador obeso e se atêm apenas à sua imagem corporal, pretextando que lidam com um colaborador sem saúde e sujeito a grande estresse emocional.

Para facilitar o emagrecimento e o culto ao corpo, uma verdadeira indústria do embelezamento se constituiu, fabricando cosméticos e toda sorte de equipamentos de ginástica e estimulação corporal. Alongamentos, regimes, musculação, massagens estéticas e caminhadas ficam em evidência, valorizando as modelos, as atletas, as bronzeadas e “saradas”, numa mistura de saúde, beleza e sensualidade. Serve-se a idéia de que a sensualidade passa por medidas ideais, “bum-bum” bem delineado, seios empinados e quadris milimetricamente de acordo com medidas “divinas”, em que o corpo passa a ser a medida de todas as coisas. Do mesmo modo, a oferta de bens e serviços, fármacos, botox e cirurgias plásticas vem compor um painel de alternativas, em geral à disposição quase exclusiva das classes abastadas. Nesse contexto, comenta o psicólogo Bernardo Jablonski, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro:

Estudos comprovam que as pessoas bonitas têm grande vantagem competitiva sobre as feias. Elas se mostram mais inteligentes, sensíveis, agradáveis, bem-sucedidas e felizes que as demais. Diante disso, a mulher resolveu pagar para ser bela – e garantir todas essas qualidades e ninguém precisa mais de desculpas para adquirir isso¹⁰⁷.

Segundo dados da Universidade de São Paulo – USP, as classes média e alta, que vivem na região mais urbanizada do país, o Sudeste, foram as únicas que conseguiram reduzir o crescente índice de obesidade: de 13% nos anos 80 para 8%

¹⁰⁷ Citado em “A beleza conquistada”, reportagem de Aída Veiga, p. 98, São Paulo, Revista Época, nº 215, 1º de julho de 2002.

nos anos 90. Em outra pesquisa, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE constatou que apenas 2% das mulheres pobres se exercitam regularmente. O índice sobe para 10% na classe média e chega a 27% entre as mais ricas¹⁰⁸.

A explicação é que só a elite tem tempo para “malhar” em academias e dinheiro para comprar remédios emagrecedores, além de alimentos de baixa caloria. Fazer dieta custa caro e, nesse sentido, o mercado de produtos dietéticos faturou US\$ 1,7 bilhão em 2001, somente no Brasil¹⁰⁹.

A pressão social contra o gordo faz pressentir um modelo ideal de beleza, que contamina a mídia, a moda e a ideologia de boa aparência aceita nas organizações. Observa-se que há uma relação inversa entre o peso e o “status” sócio-econômico e uma tendência da obesidade em impedir oportunidades para o sucesso interpessoal e para a mobilidade sócio-econômica:

A instituição de normas referentes a comportamento e a apresentação física tornou-se rotina na cultura dominante ocidental, a qual elege um ideal de mulher fisicamente atrativa com passividade e controle instituindo-se a busca de um ideal de peso¹¹⁰.

A cultura dominante fabrica a idéia de que pessoas gordas são não só física, mas mentalmente doentes, feias, sem controle e portadoras de um comportamento sexual desviante. O homem do mundo contemporâneo é, portanto, um ser preocupado em engordar e emagrecer, uma questão que passa a ser social e importa como necessidade.

A incapacidade de resistir ao alimento supérfluo é interpretada como sem-vergonhice e relaxamento, transparecendo mais uma vez a culpa e a perda progressiva de auto-estima do obeso. Essa falta de limite sublinha o caráter irracional do descontrole, da oportunidade de comer para aliviar o estresse e a culpa

¹⁰⁸ Ibid., p. 99.

¹⁰⁹ Ibid.

¹¹⁰ Cf. Flavia Maria Felipe, “O Peso Social da Obesidade”, p. 180, op. cit.

automática que sobrevém logo após. Mesmo a reeducação alimentar exhibe uma dicotomia entre prazer e sofrimento que pode anteceder graves complicações psicológicas.

Por outro lado, sabemos que a sociedade capitalista favorece a manutenção de corpos obesos, operando um sistema perverso, desumano em que se tornar obeso é uma das formas de inclusão na sociedade de consumo, como resume Felipe:

Assistimos a uma sociedade que vende produtos, serviços e uma imagem idealizada de um corpo magro, inalcançável. Assim, a indústria dos produtos hipercalóricos engorda, a indústria farmacêutica com produtos light, diet, medicamentos, fórmulas, emagrece – e o sofrimento fica depositado e assumido pelo gordo, em última instância, ao sentir-se o culpado. A alimentação parece ter, para ele, um sentido simbólico de gratificação frente a situações de rotina ou frustração; a comida entra como prêmio para compensar a insatisfação. Em síntese, o estímulo ao comer, a venda de alimentos sem qualidade nutricional, a questão da saúde dos indivíduos, que não é considerada, apontam para uma sociedade de indivíduos consumistas e pouco atuantes, submissos e facilmente manipuláveis pela ideologia¹¹¹.

O processo de exclusão, como expressão da questão social, verifica-se quando, por exemplo, o adolescente obeso não compete nos esportes e a mulher não concorre à vaga de secretária. Estabelece-se um prejuízo para os indivíduos obesos, refletido tanto pelo isolamento quanto por sua inserção no mercado de trabalho.

Desta forma, temos que esse segmento torna-se um bom objeto de estudos para a moderna ergonomia, em termos de adaptação ao trabalho, já que não pode e não deve ser excluído por mero preconceito, estigmatizado por estereótipo injustificado apenas por não corresponder ao ideal capitalista de beleza.

¹¹¹ Ibid, p. 211.

4.3 ADAPTAÇÕES FÍSICO-ESTÉTICAS DO TRABALHADOR E OS MODELOS IDEAIS DE BELEZA

A sociedade internaliza padrões ideais de beleza e, antes de os produzir, é vítima deles. Carecemos, inclusive, de uma sociologia da beleza, em que a interação do campo social e a aceitação tácita de certos costumes, consagrados como “folks”¹¹², deveria ser mais bem estudada para que pudéssemos deter alguns de seus efeitos negativos.

Um dos efeitos negativos produzidos pelo desprezo tácito pela obesidade é afetar as pessoas em sua profunda auto-estima. Uma das primeiras necessidades de todo ser humano é a de sentir-se aceito, querido, acolhido, pertencente a algo (comunidades, clubes, associações, organizações) ou a alguém (cônjuge, família, confissão religiosa ou política), sentimentos esses em que se baseia a auto-estima, que consiste em se saber útil, digno e capaz¹¹³. Portanto, não pode haver auto-estima se o indivíduo considera que os outros prescindem dele.

Essa percepção é facilmente verificada na obra de Maslow, onde o psicólogo descreve, em sua famosa “pirâmide de necessidades” (Fig. 1), um processo denominado “auto-realização” e que consiste no desenvolvimento integral de todas as potencialidades pessoais.

A auto-estima consiste na atitude do homem para consigo mesmo. Quando as atitudes que mantém para si mesmo são positivas, falamos em um nível elevado de auto-estima, incluindo não só os seus conhecimentos, mas também os

¹¹² Segundo a Sociologia “folk” seria um costume internalizado sob o beneplácito de uma comunidade específica, em que seus agentes não criticam os seus fundamentos e a sua necessidade à luz da razão. Difere do “more”, que é uma interdição internalizada que advém de um tabu muito arraigado, caso exemplificado na tabu do incesto. No caso brasileiro, por exemplo, o carnaval seria um típico “folk” de nossa cultura.

¹¹³ Cf. J. V. Bonet, “Autoestima y Evangello”, Vida Nueva, 7-14 de agosto de 1999, nº 2.197 – Madrid.

afetos e os sentimentos. Um adequado nível de auto-estima permitirá que o homem, integrando fatores cognitivos, afetivos e emocionais, possa combater de frente as contrariedades da vida sem ver abatido o seu próprio ânimo.

Da mesma maneira, o homem recupera-se melhor de estados enfermos quando é brindado, em sua convivência, pelo afeto e pela satisfação de suas expectativas emocionais. Não só o enfermo se recupera melhor quando o ambiente em que se encontra é infundido de amor, como uma pessoa mantém melhor imunidade contra as doenças do que outra carente de experiência amorosa. Está demonstrado, por exemplo, que as pessoas com mais e melhores laços familiares padecem de menos resfriados do que aquelas que carecem deles¹¹⁴.

Afeto e auto-estima estão, por conseguinte, imbricados e esse fato não pode ser ignorado pelas organizações. Da mesma forma, o desejo de auto-realização comanda, muitas vezes, a necessidade de o indivíduo continuar a trabalhar, mesmo que fatores adversos de rejeição venham a compeli-lo a deixar suas atividades (morte em família, viuvez, idade de aposentadoria etc.). A auto-estima também se desenvolve em acordo com a inteligência emocional: as pessoas com expressão mais adequada de seus sentimentos e emoções são mais seguras de si mesmas, com maior sentimento de liberdade e autonomia, com melhores relações interpessoais e, por isso mesmo, gozam de melhor nível de auto-estima.

No caso específico dos homens e mulheres que padecem de obesidade, todavia, há uma crise de desgaste, desânimo e desilusão pela rejeição típica do ambiente funcional, quer por parte de dirigentes e supervisores, quer pelos próprios colaboradores. E isso ocorre sem qualquer razão objetiva, em relação a seres que se sentem aptos a servir e a cumprir, normalmente, a mesma jornada de trabalho.

¹¹⁴ Cf. G. Casino. **El descubrimiento científico de las emociones**, El País, Madrid, 5 de octubre de 1999.

Dentro dessa crise, inclusive, vão-se fabricando diversas perdas de afeto, solidariedade e auto-estima, que se agudizam com o tempo, num processo de retro-alimentação constante. Se tais perdas não forem estancadas, esses colaboradores obesos serão invadidos por sentimentos negativos de rejeição e despreço, surgindo comportamentos neuróticos que, na sociedade ocidental, afetam sobretudo as mulheres.

Parecem surgir, dentro daquela visão sociológica dos “folks”, um consenso tácito entre dois padrões de beleza vigentes e que não podem mais ser ignorados pelos efeitos sociais que produzem: o padrão “magro” internacional de beleza, de mulheres esguias e delgadas, e um padrão “brasileiro”, de mulheres mais baixas e curvelíneas. As medidas internacionais, globalizadas, vão interferir na escala industrial da produção de roupas, definindo os manequins 38, 40, 42 e 44, com mais de 1,75m de altura, enquanto o padrão nacional é aquele que batiza de “gostosa” ou “gostosona” a mulher, com 90 cm de busto, 60 de cintura e 90 de quadril, tendo em média 1,68m de altura. Qualquer desvio desse “padrão” consuetudinário pode afetar a auto-estima da mulher e, conseqüentemente, o seu estar-no-mundo e rendimento profissional¹¹⁵.

Do ponto de vista psiquiátrico, ressaltam hoje as preocupações acadêmicas em torno do “dismorfismo corporal”, um transtorno psíquico que leva os pacientes a sofrerem de idéias persistentes em torno da aparência corporal, incorporando quadros de depressão, ansiedade e síndrome do pânico. Formam-se pensamentos irresistíveis, obsessivo-compulsivos, em que os pacientes começam a freqüentar diuturnamente os consultórios de cirurgiões plásticos para aliviar seus

¹¹⁵ Cf. Lílian Pacce, “Brasileiros distinguem dois padrões ideais”, in **O Estado de São Paulo**, Caderno 2, 15/04/2002.

delírios. São comuns queixas sobre a forma do nariz, a calvície, cheiro corporal, odor dos pés, abundância de suor, mau hálito e problemas de pele.

Esses complexos podem ser agravados pela obsessão de beleza física e perfeição, perseguidos pelas revistas de beleza e modelos publicitários, convertendo-se em autênticas doenças emocionais, acompanhadas de severa ansiedade, depressão, fobias, atitudes compulsivas e repetitivas (olhadas seguidas no espelho) e que conduzem ao Transtorno Dismórfico Corporal. A busca de um corpo perfeito e musculoso passa a ser, então, uma patologia, com excessiva preocupação com determinadas partes do corpo, o que impede necessariamente uma vida normal. Nos homens, surge uma espécie de “síndrome de Adônis”, na qual o macho jamais se sente musculoso o suficiente, treinando exaustivamente e submetendo-se a dietas rigorosíssimas. Alguns atletas, nesses casos, chegam a ingerir mais de 4.500 calorias diárias e abusar de esteróides anabolizantes, tencionando aumentar a massa muscular e a distorcer, para sempre, o esquema corporal de origem.

Há, ainda, os adeptos da retidão dietética (Ortorexia), que perdem muito tempo no planejamento de sua estratégia alimentar, naturalmente composta de folhas, legumes e frutas, em detrimento das gorduras, proteínas e carboidratos. Na ânsia de alcançarem um comportamento “politicamente correto”, esses neuróticos se arvoram a converter os amigos e conhecidos para suas práticas, gerando conflitos de relacionamento aos que não são convertidos aos apelos das dietas macrobióticas e naturalistas¹¹⁶.

Essas distorções de comportamento, porém, são facilmente encontráveis em todos aqueles que pretendem a aproximação de um modelo ideal de beleza cuja

¹¹⁶ Cf. G. J. Ballone, in “**PsiquWeb Psiquiatria Geral**”, Internet 2001 – disponível em <http://sites.uol.com.br/gballone/alimentos/vigorexis.html>.

justificativa não se estriba em dados científicos objetivos, que compreendam argumentos anatômicos, genéticos, antropológicos e etnológicos.

Como não existe legislação específica que regule os padrões de aceitabilidade estética por parte de empresas públicas e privadas, forma-se um vazio nesse tema, preenchido pelo mandonismo inexplicável do preconceito e de práticas de exclusão, como abusivamente já denunciemos no decorrer desse trabalho. As proporções estéticas, divinas, são invocadas por equipes técnicas que normalmente agem em grupo, acobertando defeitos de caráter muito mais graves contra pessoas cujo único “pecado” é terem nascido obesas ou com propensão a engordar.

Aliás, toda vez que um fenômeno incômodo fica difícil de explicar, busca-se um reducionismo em sua interpretação, pelo qual os medíocres se sintam abrigados e consolados de não pensar. Assim aconteceu com os fenômenos da homossexualidade e do alcoolismo, confundidos, desde o século XIX, com comportamentos desviados pela falta de caráter de seus portadores, condenados a priori à humilhação da exclusão social, quando não ao sofrimento da violência. Assim ocorreu com os distúrbios de saúde nas mulheres, sempre relacionados com afecções de origem histórica e genital, a ponto de, no século XIX, serem normalmente sangradas em suas “partes pudendas” por clínicos e neurologistas que não compreendiam, em realidade, o funcionamento de seus organismos.

O viés conservador de muitos departamentos de Recursos Humanos de pequenas, médias e grandes empresas não previu a adaptação ambiental da massa de obesos que compõe o segmento de trabalhadores ativos, não havendo programas especiais de treinamento que prevejam tais distúrbios nem o seu tratamento, convenientemente supervisionado por essas organizações. Opta-se, simplesmente, por empurrar-se o problema para “debaixo do tapete”, demitindo-se

os casos mais gritantes e submetendo à discriminação e a severas advertências aqueles que compõem os quadros limítrofes (peso corporal entre 95 e 110 quilos).

No Brasil, vários escritórios de advocacia estão se especializando na defesa desses trabalhadores, compelidos à demissão ou demitidos sem justa causa, apenas pelo fato de serem gordos ou de não submeterem seus corpos a normas tão silenciosas quanto draconianas de suas empresas. Nesse sentido, a Ergonomia não produziu respostas, através de suas normas e procedimentos conhecidos, para o drama de seus colaboradores obesos, impedidos de participar do mercado de trabalho e das oportunidades de admissão por infringirem com seus corpos acusadores os ditames largos, fluidos e sinuosos da “boa aparência”.

4.4 REQUISITOS DA BOA APARÊNCIA

Enquanto é possível normatizar equipamentos, peças de reposição e utensílios de trabalho, coisa bem diferente é imaginar-se os critérios de normalidade de estrutura física, de acordo com padrões livremente aceitos (cujos critérios, como já vimos, são quase sempre discutíveis) e que se tornam objeto de dogma não escrito dentro das organizações, como nos exames médicos pré-admissionais e na aceitabilidade dos colaboradores nos departamentos de recursos humanos. Se perguntarmos, em questionários técnicos, sobre os critérios adotados pelos departamentos de admissão das empresas (veja-se 1.4.3 Pesquisa de Opinião), percebe-se que há uma necessidade visceral de seus responsáveis em defender suas organizações de qualquer acusação de discriminação étnica ou estética nos termos que já aludimos. Forma-se uma espessa cortina-de-fumaça em relação ao tema, que só é dissipada mediante bissextas ações judiciais, que muito pouco

representam as inúmeras pressões internas vividas no cotidiano do ambiente laborativo.

É óbvio que os critérios de “proporção divina” jamais serão referidos como objetivos, embora, na prática, saibamos que essas medidas são internalizadas no sub-consciente cultural dos selecionadores, que interpretam a mentalidade social vigente, de supremacia da “raça” branca, de seus atributos físico-faciais, bem como a aceitação de medidas antropométricas específicas para o bom desempenho no trabalho (peso e altura compatíveis, nível social e cultural e percepção estética). Esses itens são hipocritamente atribuídos aos testes psicológicos e psicotécnicos, sem nenhum controle social externo, o que põe em dúvida, há muito tempo, a própria licitude de concursos públicos realizados por organizações estatais e privadas no Brasil. Hoje, inclusive, muitas empresas estão exigindo que seus colaboradores não tenham dívidas ou ficha positiva em órgãos de cadastro do comportamento do consumidor em relação a organizações comerciais e financeiras. Ou seja, cada vez mais deparamo-nos com uma sacralização do emprego em torno dos “puros”, vale dizer, trabalhadores dedicados, de boa aparência e antropometria correta, políglotas, criativos, sem dívidas, e merecedores de salários de mercado, que, por sua vez, são pautados pelo “desemprego fricativo”, pela pressão da massa de postulantes a emprego mantidas como “exército de reserva” em termos macroeconômicos.

Na tentativa de busca de “boa aparência”, além dos cuidados com roupas e planos de saúde, os colaboradores gastam um salário indireto com diversas medidas de “culto ao corpo”, que jamais são contabilizados como perdas pelas empresas nem constam dos manuais e regulamentos de produção comumente utilizados. Essas medidas, assim como nos referimos antes, neste trabalho, às

tatuagens, lembram aspectos de regressão psicológica e até histórica, como já assinalou o romancista e ensaísta francês, Pascal Bruckner:

Queremos fazer nossa felicidade como os penitentes de outros tempos se flagelavam. Nós nos penitenciamos nas academias de ginástica, no esforço permanente para emagrecer, nos regimes, na obrigação de ter orgasmo. (...) Nosso hedonismo acaba nos mortificando. Agredimos nosso corpo para torná-lo perfeito, musculoso, imortal. As salas de ginástica cada vez mais se parecem com salas de tortura. Carregamos a Inquisição conosco, e ela é o espelho. Continuamos no universo da mutilação, que é medieval¹¹⁷.

As empresas parecem “sugerir” ao profissional um novo destino, não importando investigar as causas psicológicas ou ambientais, um aumento descabido de peso ou a não correção de defeitos estéticos que possam ser solucionados dentro do reino das cirurgias estéticas e de correção. Cobra-se do colaborador o mesmo dinamismo energético, o mesmo entusiasmo em cumprir a missão de sua empresa, no campo das medidas de melhoria da aparência, como se ela não fosse mais um acidente supérfluo da personalidade, mas a própria essência do trabalhador. A fuga do embelezamento seria então interpretada como rebeldia aos padrões não escritos da empresa sobre comportamento e postura funcionais, compreendendo-se que o colaborador estaria em dissonância com o espírito institucional abraçado pela empresa:

O corpo passou a ter outro valor na sociedade democrática e tecnológica, que recusa a submissão ao destino. Na sociedade tradicional, a beleza era considerada um dom. Se você não nascia belo, restava-lhe a resignação. Agora, num universo individualista, o que dá grandeza ao homem é não se acomodar. Quem é gordo ou narigudo pode fazer dieta, plástica e ficar bonito. Você pode lutar ou pagar para ser belo. Não deixa de ser um paradoxo. A imposição da magreza, ao mesmo tempo que atinge indiscriminadamente todas as pessoas, é também uma forma de o indivíduo tomar posse do próprio corpo¹¹⁸.

O culto à juventude e à beleza torna-se um estereótipo religioso, a ponto de, em algumas empresas brasileiras, ter-se como convicção tácita que trabalhadores com mais de 35 anos estão entrando em seu “ocaso funcional”,

¹¹⁷ Cf. Pascal Bruckner, entrevista a Paula Mageste, in Revista Época, nº 218, 22/07/2002, pp. 16-17.

¹¹⁸ Ibid., pp. 13 e 15.

podendo ser substituídos por rapazes imberbes e por jovens mulheres sem perda de dinamismo e com salários menores, desde que infundam a impressão de que se preocupam – e muito! – com a própria exterioridade. Tal tendência foi bastante estudada pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky e se aplica com mais intensidade ao comportamento das mulheres:

O culto da beleza contemporânea tem algo de religioso: não aceitação da fatalidade, não aceitação do tempo (y compris rugas e flacidez), tudo isso gerando uma espécie de culpa inconsciente. O narcisismo, por outro lado, sobrepõe-se a outros valores. Cria-se também um desejo de poder sobre a própria pessoa e imagem. A mulher pode se tornar uma atriz dela mesma. Ou ser a sua própria escrava.(...) O vestuário foi substituído pela ditadura da magreza e da juventude. A ansiedade que domina as mulheres quando estão gordas ou com celulite mostra essa tirania. Antes, as filhas sonhavam em se parecer com suas mães, queriam usar roupas parecidas. Hoje, acontece exatamente o contrário, as mães é que desejam ter a aparência mais jovem. Estar em forma e não envelhecer é a obsessão nº 1 de hoje¹¹⁹.

O filósofo também aduz, na formação do comportamento contemporâneo, uma diferença marcante em relação às gerações românticas das décadas de 60 e 70, do século XX:

A divisão de papéis sexuais, como disse, não desaparecerá. As sociedades do século 21 serão duras. Os desafios do futuro já estão diante de nós: vencer a crise social, diminuir a exclusão, superar a dualidade da democracia, na qual convivem miséria e desenvolvimento. Não há retorno para o progresso emocional, que é o que temos, ainda que emparedados no paradoxo da violência e do hiperconsumo das sociedades ricas. (...) Estamos na era da reciclagem também nas relações interpessoais. (...) Cresce a consciência coletiva de que é preciso vencer a exclusão, diminuir as diferenças e produzir o ideal da grande confraternização, por mais contraditório e paradoxal que isto possa nos parecer a partir da perspectiva do nosso cotidiano. Não digo, evidentemente, que houve uma democratização do acesso ao consumo, mas sim a massificação de um ideal de consumo. Nos bairros mais pobres, por exemplo, os jovens querem e fazem sua própria moda. A grande mudança é que, na organização social anterior, as camadas populares se conformavam com a sua posição, existia pouca vontade de mudar. A sociedade de consumo legitimou o ideal de viver melhor. O poder de compra continua dividido, mas o desejo de melhorar de vida é hoje praticamente universal. (...) Mantenho a opinião de que eles (o consumo e a mídia) não são os demônios de nossos tempos. Mas hoje estou mais sensível aos aspectos negativos do império do efêmero. O principal é que ele cria um paradoxo: quanto mais a sociedade

¹¹⁹ Cf. Gilda Chataignier, “Giles Lipovetsky, o filósofo do efêmero fala do luxo e suas digressões”, in www.mododeusar.com.br e cf. “Beleza para Todos”, entrevista de Giles Lipovetsky à Revista Veja, nº 1770, 25/09/2002, p. 15.

se volta para o espetáculo, para a frivolidade, mais aumentam sua ansiedade, angústia e depressão¹²⁰.

É nesse ambiente complexo que as empresas montam os seus esquemas físico-estéticos para seus trabalhadores, comprimidos no “corpus” social permitido e aceito pelos diversos grupos funcionais.

Recentes pesquisas do Ministério da Saúde e do Laboratório Roche constataram que nas 200 maiores empresas do país 46% dos funcionários estão acima do peso recomendável e que 32% do total da população brasileira está acima do peso. A pesquisa Roche serviu de base para uma recomendação à Varig que fizesse um extenso programa de prevenção e controle da obesidade entre seus funcionários. As refeições em horários irregulares, as noites mal-dormidas são um verdadeiro regime de engorda para as tripulações de vôos de longa duração. Por indicação médica, comissários e pilotos agora podem solicitar uma refeição diferente da servida aos passageiros (diferente só nas calorias, bem entendido). Além disso, a Varig arca com parte dos custos de tratamento contra o excesso de peso. Os reembolsos de remédios de regime chegam a 50%, sendo que, em outras firmas, chegam a 80%¹²¹.

As repercussões da obesidade no organismo variam diretamente com o aumento do IMC (Índice de Massa Corporal), ou seja, quanto maior for o seu IMC, maiores serão suas chances de desenvolver uma ou mais das co-morbididades abaixo (Quadro 1):

¹²⁰ Cf. Apolinário Fernes, “A Nova sensibilidade”, in “Comunicação e Internet”, Joinville, 23/01/2000, Santa Catarina, Brasil e cf. Giles Lipovetsky, in **Revista Veja**, nº 1770, 25/09/2002, pp. 11 a 14.

¹²¹ Cf. Anna Paula Bucholla, “Trabalhar Engorda”, www2.uol.com.br/veja/idade/educacao/pesquisa/obesidade/1703.

QUADRO 1 – A OBESIDADE E SUAS REPERCUSSÕES

- Hipertensão arterial
- Doença coronariana que pode levar ao infarto
- Insuficiência cardíaca
- Diabetes
- Apnéia do sono (parada respiratória durante o sono)
- Hiperlipidemia (elevação do colesterol e triglicerídios)
- Esteatose hepática (depósito de gordura no fígado causando mau funcionamento)
- Cálculos de vesícula
- Doenças articulares especialmente em joelhos e tornozelos
- Doenças vasculares como varizes e má circulação nas pernas
- Câncer no intestino, próstata, mama, endométrio e ovários
- Alterações na menstruação
- Incontinência urinária (perda de urina)
- Infertilidade
- Impotência
- Depressão
- Problemas econômicos e sociais: dificuldade em adquirir emprego, discriminação no trabalho, em casa e na escola, problemas de relacionamento afetivo.
- Outros problemas econômicos, sociais, psicológicos e sexuais.
- Problemas do cotidiano: dificuldade de encontrar vestuário (opções e preço), inadequação do mobiliário (assentos de teatro, ônibus e avião, assentos de restaurantes), inadequação no tamanho do Box para o banho, dificuldade em realizar higiene pessoal, dificuldade em amarrar os sapatos, dificuldade em passar na roleta dos ônibus etc.

Fonte: Fonte: www.obesidademorbida.med.br/defini.htm

Reconhecida como grave problema mundial de saúde pública, a obesidade é considerada, inclusive pelas organizações, como uma doença crônica, progressiva, fatal, geneticamente relacionada e caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura e desenvolvimento de outras doenças (co-morbidades), como visto no quadro 1. Nos Estados Unidos, uma pessoa em cada quatro tem 20% a

mais do que seu peso ideal e uma em cada vinte pessoas possui obesidade mórbida.

Ocorre que o assunto obesidade provoca vários debates. Jamais a humanidade teve acesso a tantos recursos alimentares, embora haja grandes bolsões de fome e também o desejo de muitos indivíduos com sobrepeso e obesidade de comer menos. Como a medicina condena os excessos, emagrecer é um imperativo da boa saúde, havendo verdadeira conspiração das indústrias de beleza, da moda, da publicidade, do cinema e da televisão pela imposição de um “padrão magro”, acompanhado, ao mesmo tempo, pela venda de remédios, roupas, matrículas em academias de ginástica, consultórios de cirurgiões plásticos e clínicas de emagrecimento.

No entanto, os padrões de beleza, inculcados pela cultura, não são culpa da medicina, já que os corpos considerados perfeitos estão bem mais leves do que o preconizado pelos cientistas como ideais de saúde. Nesse sentido, estudos americanos revelam que essa diferença se encontra em torno de 20%, vale dizer, estudos endocrinológicos sérios assinalam que uma mulher com 1,75m de altura, pesando 64 quilos, nada tem o que fazer num consultório. Sob a ótica do modelo da beleza vigente, contudo, ela é gorda, porque para o ideal “industrial” essa mulher deve ter 55 quilos¹²².

Surge, então, a pergunta: por que a gordura corporal tornou-se uma obsessão contemporânea? Segundo resume o endocrinologista Alfredo Halpern, da Universidade de São Paulo:

Dois fatores se combinam para resolver a questão. O primeiro é que, de fato, nunca a humanidade foi tão gorda, em que pese alguns focos de fome epidêmica, como na África. O outro é que nunca houve tamanha veiculação

¹²² Cf. Karina Pastore e Laura Capriglione, “O Feitiço do Corpo Ideal”, in www2.uol.com.br/veja/idade/educacao/pesquisa/obesidade/1532.htm.

dos modelos de beleza, o que dispara uma verdadeira corrida em direção ao ideal estético, (...) A biologia ainda reflete um estilo de vida baseado na caça e na coleta, como o que existia em nosso passado paleolítico. A epidemia de obesos da época atual resulta do choque entre essa natureza e a cultura de afluência em que vivemos¹²³.

Gravados nas moléculas de DNA, por força da seleção natural, estão os momentos de fome angustiante pelos quais a humanidade passou por força de estiagens prolongadas, congelamentos súbitos, pragas devastadoras e escassez de caça. Só os que tinham programas genéticos para acumular calorias sobreviveram, transmitindo essas características para as proles. Eles engordavam nos períodos de abundância e torravam os excessos em tempos de escassez. Por 200 mil anos, gerações e gerações viveram muito bem sob este mecanismo de estocagem de energia. Mais recentemente, o homem aprendeu a plantar, desenvolveu técnicas de adubagem, colheita, armazenagem e conservação de suprimentos. A produtividade do solo foi multiplicada por vinte, contra um crescimento vegetativo da população de cerca de seis vezes, resultando numa oferta constante de comida que não tem precedente na longa caminhada do homem sobre o planeta. O comércio e a indústria contribuíram para aumentar a quantidade e variedade dos alimentos, colocados à disposição do público em templos de consumo, chamados supermercados. Só que a espécie humana, do ponto de vista genético, não foi feita para viver nessa fartura¹²⁴.

Estudos entre populações atuais que ainda vivem da coleta e da caça não registram casos de obesidade, o que leva a crer que esse problema virtualmente não existiu entre os nossos antepassados. Enquanto isso, dados do Ministério da Saúde dos Estados Unidos mostram que, de 1980 para hoje, o número de americanos com sobrepeso saltou de 25% da população para 34%. Os dados brasileiros apontam, também, no mesmo sentido: no mesmo período, o número de mulheres gordas

¹²³ Ibid.

¹²⁴ Ibid.

aumentou 40% e de homens, 30%. No total, o país acumula cerca de 30 milhões de indivíduos com gordura extra, dos quais 7 milhões considerados obesos segundo padrões médicos¹²⁵.

O ritual diário do trabalho também tipifica um convite à obesidade. A maioria das profissões é burocrática, cerceando o trabalhador em pequenos espaços físicos durante mais de oito horas diárias (contando-se o deslocamento para o transporte) e o sedentarismo conduz a diversos problemas de saúde, não raro graves.

Dos 22 milhões de trabalhadores formais no Brasil, 3,1 milhões almoçam todos os dias no restaurante em que dão expediente. É um número impressionante, que equivale à população de grandes capitais, impulsionado pela legislação que obriga que empresas com mais de 300 funcionários forneçam alimentação, seja por meio de vales, seja por um estabelecimento próprio ou terceirizado. No entanto, os pratos fartos, supervisionados por nutricionistas, não deixam de ter grande potencial calórico, além das máquinas de salgadinhos, doces e refrigerantes. As mudanças de orientação alimentar, todavia, não têm grande sucesso entre os colaboradores, geralmente envolvidos em licenças médicas que guardam relação com a obesidade. O reembolso de remédios alcança entre 50% e 80%, onerando as disponibilidades para salários indiretos com conseqüências manifestas no “turn-over” das empresas¹²⁶.

Uma pessoa é considerada um obeso grave quando seu índice de massa corporal (IMC) ultrapassa a 35. Acima dos 40, a pessoa integra a faixa de obesos

¹²⁵ Ibid.

¹²⁶ Cf. Anna Paula Buchalla, “**Trabalhar Engorda**”, art. Citado.

mórbidos e não é exagero afirmar que a obesidade, hoje, representa uma epidemia nas empresas¹²⁷.

Também já não há diferenças entre a ascensão do fenômeno da obesidade entre as populações urbanas e rurais. A obesidade infantil também tem atingido parâmetros inquietantes, principalmente depois da universalização da televisão, que tem produzido, a partir da década de 80 do século XX, gerações denominadas “batatas de sofá”: crianças obesas, preguiçosas e, não raro deprimidas.

Existem dois métodos básicos de avaliação da obesidade, expostos a seguir:

- Tabela de Altura e Peso (Quadro 2);
- Índice de Massa Corporal (IMC) (Quadro 3);

Nas tabelas de altura/peso é atribuído a cada indivíduo um peso ideal em relação à sua altura. As tabelas de altura/peso foram, de início, elaboradas por companhias de seguros nos Estados Unidos, a partir de estudos de mortalidade de pessoas inscritas para receber prêmios de seguro de vida. Eram levados em conta parâmetros de peso, sexo, altura e constituição corporal. Observou-se que os indivíduos que tinham um peso médio ideal desejável tinham uma expectativa de vida mais longa que a média da população de sua idade. O seguro de vida dos obesos era mais caro e conforme os padrões de normalidade da época e o grau de obesidade poderia ser até três vezes mais caro quando comparado com pessoas de peso ideal normal.

Com base nesse critério, considera-se obesidade um excesso de peso de 20% acima do peso ideal atribuído na tabela.

¹²⁷ Ibid.

QUADRO 2 – TABELA DE ALTURA E PESO	
SEXO MASCULINO	PI = a – 100 (+/- 10%)
SEXO FEMININO	PI = a – 100 (+/- 5%)

Fonte: www.obesidademorbida.med.br/defini.htm

- Assim, um homem com 1,80m de altura deverá ter um peso ideal de $180 - 100 = 80$ Kg. Aplicando a variação +/- 10%, o seu peso ideal poderá variar $80 +/- 8 = 72$ a 88 Kg.
- Uma mulher com 1,60 m de altura deverá ter um peso ideal de: $160 - 100 = 60$ Kg. Aplicando a variação de +/- 5% o seu peso ideal poderá variar $60 +/- 3 = 57$ a 63 Kg.

O outro método para avaliação da obesidade é pelo cálculo do IMC. O Índice de Massa Corporal (IMC) é o peso do indivíduo em quilogramas dividido pela altura expressa em metros e elevada ao quadrado.

$$\text{IMC} = P : a^2$$

Onde:

P = Peso

a = Altura

É um método simples, prático e nos adultos apresenta a melhor correlação entre peso e a massa de gordura. É o método de escolha para calcular a prevalência da obesidade. Através desta fórmula podemos obter uma classificação da obesidade e colocar os indivíduos em diversas categorias.

QUADRO 3 – ÍNDICE DE MASSA CORPORAL (IMC)		
Abaixo de 18,5	Baixo peso	Abaixo do peso
18,6 a 24,9	Peso normal	Peso normal
25 a 29,9	Excesso de peso	Sobrepeso
30 a 34,5	Obesidade leve	Obeso
35 a 39,9	Obesidade moderada	Obeso
Acima de 40	Obesidade mórbida	Obeso mórbido

Fonte: www.obesidademorbida.med.br/defini.htm

O valor normal do IMC em adultos é em torno de 18,6 a 24,9. Podemos citar como exemplo um indivíduo com altura de 1,70 metros e um peso de 91 quilogramas. O quadrado de sua altura será de 1,70 m. multiplicado pôr 1,70m. cujo resultado é de 2,89 metros quadrados. Dividindo-se o seu peso de 91 Kg por 2,89 encontra-se o IMC de 31,48 e portanto ele é portador de obesidade leve.

O sobrepeso já atinge 40% da população brasileira adulta, enquanto a obesidade afeta em torno de 5,9% dos homens e 13,3% das mulheres. Nos Estados Unidos da América do Norte, 55% da população apresenta sobrepeso, enquanto 15 a 20% dos homens são obesos e 15 a 25% das mulheres são obesas. Os danos à saúde ocasionados pela obesidade são influenciados conforme a sua localização ou distribuição pelo corpo. A distribuição da obesidade pelo corpo vem caracterizar dois tipos de obesidade. A obesidade andróide (central, abdominal, superior ou em forma da maçã) é caracterizada principalmente pela deposição do tecido adiposo na parte superior do corpo enquanto a obesidade ginecóide (periférica, inferior, ou forma de pêra) apresenta a deposição de tecido adiposo na parte inferior do corpo (nádegas e coxas).

Os homens são mais suscetíveis do que as mulheres ao acúmulo de gordura na região abdominal. A obesidade andróide está associada a um número maior de complicações metabólicas (diabetes mellitus, elevação do colesterol e triglicerídios no sangue) e cardiovasculares do que a obesidade ginecóide. A medida da circunferência do abdome ao nível do umbigo (circunferência da cintura), estando a pessoa deitada é usada para determinar a obesidade localizada. Valor acima de 88 cm em mulheres e valor acima de 102 cm em homens indica obesidade localizada e conseqüentemente a pessoa apresenta um risco aumentado em relação à saúde¹²⁸.

Por tudo o que foi dito até o momento, temos que existem medidas antropométricas ideais a serem alcançadas pelos colaboradores, a despeito de todo o ambiente cultural que cerca o ambiente de trabalho (estresse, sedentarismo, hábitos de “fast food” e dietas hipercalóricas), confrontadas com uma ideologia imanente de culto ao modelo “magro” de existência, o que forma um conflito básico, quase irreduzível, que deve ser pensado também no âmbito da Ergonomia.

¹²⁸ Cf. José Antonio Margoto **Obesidade, faça a sua avaliação.** in www.escelsanet.com.br/sitesaude/artigos_cadastrados/artigo.asp?art=780

CAPÍTULO 5 – A EMERGÊNCIA DE UMA ERGONOMIA ESTÉTICA

Longo caminho percorremos até para levantar alguns problemas afetos a uma ciência em desenvolvimento, vigorosa e jovem como a Engenharia de Produção e sua ramificação tecnológica aplicada, chamada Ergonomia.

Problematizamos as noções filosóficas entre “essência” e “aparência”, “modelos ideais de beleza”, “proporção divina”, “obesidade e magreza”, não necessariamente propondo dicotomias rígidas, mas abordando argumentos que acabam desembocando em modelos alternativos de avaliação científica.

Consideremos, em princípio, as fases “oficiais” do processo científico, como habitualmente o conhecemos:

- Observação;
- Colocação de hipóteses;
- Seleção de dados interessantes;
- Verificação Experimental;
- Obtenção de constantes;
- Generalizações¹²⁹.

A observação, fase inicial da pesquisa, é a atividade mais dependente da subjetividade do cientista, antecedendo a teoria e dependente de futuras observações e revisões motivadas por seus experimentos. As hipóteses emergem daí, num movimento da ininteligibilidade para a inteligibilidade, funcionando como degraus para grandes conclusões científicas e subsidiando a primeira grande atividade do cientista¹³⁰.

¹²⁹ Cf. Regis de Moraes. **Filosofia da Ciência e da Tecnologia**. 6º edição, Campinas, SP, Papirus, 1997, p. 64.

¹³⁰ *Ibid.*, pp. 64 a 66.

Segundo Einstein, a formulação de hipóteses integra a parte “mecânica” do conhecimento humano, sendo o coração da pesquisa, de vez que todo impulsionamento e vitalidade da investigação provém dela. No entanto, na elaboração de uma hipótese física ou química é bem maior a possibilidade de generalizar, do que na de uma hipótese para pesquisa social ou psicológica, obviamente dependente de variáveis culturais¹³¹.

Em seguida, o cientista especifica os dados que irá utilizar, suficientemente ligados às hipóteses colocadas, tanto os que têm possibilidade de confirmar quanto os que poderiam infirmar as proposições hipotéticas¹³².

A verificação experimental ajuíza o que foi afirmado nas hipóteses, discutindo-se os fenômenos além das opiniões do observador, testando os seus efeitos no campo ou no laboratório, além de sua verificabilidade ou falsificabilidade¹³³.

Os resultados persistentes ou “constantes” são obtidos através da experimentação, permitindo a construção de um “modelo” através de saltos indutivos e da verificação de variáveis imprevisíveis, que pudessem dificultar ou impedir as relações funcionais¹³⁴.

A passagem do particular para o geral, para a generalização, enfim, e a formação de “leis”, válidas para o mundo todo, cinge as etapas fundamentais do método experimental de pesquisa que não sofreu mudanças significativas desde os tempos de Galileu¹³⁵.

Tais fases, presentes na atividade da Ergonomia, naturalmente deveriam desembocar em modelos objetivos capazes de reunir os especialistas em torno de

¹³¹ Ibid., pp. 66 a 72.

¹³² Ibid., pp. 72 e 73.

¹³³ Ibid., pp. 74 a 78.

¹³⁴ Ibid., p. 79.

¹³⁵ Ibid., pp. 79 a 81.

perspectivas comuns e de consenso. Na prática, porém, isso não acontece, porque os conceitos de “produção” e “produtividade” são muito elásticos.

Sendo o fenômeno principal da vida econômica, a princípio a produção estava em harmonia com o consumo, havendo uma identidade entre produtor e consumidor, obedecendo à satisfação das necessidades mais urgentes deste último. No entanto, com o tempo, esse conceito foi-se amplificando, abarcando as noções de valor e acréscimo de valor através da distribuição dos produtos. Passaram a existir desequilíbrios de consumo e desperdício, além de uma transformação profunda nos conceitos de consumo e da necessidade de adquirir, que passaram a representar valores abstratos e eminentemente culturais.

Por sua vez, a produtividade, que era a proporção entre a produção adicional e o volume de capital empregado para produzir, evoluiu para os conceitos de produtividade “marginal”, economia e deseconomia de escala, além do controle de novas técnicas produtivas.

Tais conceitos são, por conseguinte, influenciados por demais por aspectos históricos, não propriamente corporificados em modelos matemáticos e relativizados pelas modificações profundas da sociedade humana. Acresçamos a isso que o regime econômico capitalista, que ensejou a necessidade da própria Ergonomia, não é propriamente derivado de um comportamento da natureza, mas sim do egoísmo humano em interação social, já que não há nenhum subsistema natural que funcione de acordo com critérios capitalistas de produção e remuneração econômico-financeira. A natureza, gratuita e livre, funciona de acordo com leis físicas, químicas e biológicas completamente indiferentes à dinâmica capitalista, embora em sua lógica de exploração, o capitalismo tenha sido pródigo em demonstrações de domínio dos recursos naturais para fins econômicos, cujas

conseqüências para a sustentabilidade do planeta estão aí presentes, sobretudo do ponto de vista de riscos à sobrevivência da própria humanidade...

De sorte que a Ergonomia não pode ser estruturada segundo modelos matemáticos rígidos, até porque os fatores de produção, antes compreendidos como terra, trabalho e capital, de certa forma quantificáveis, agora são acrescidos pelo conhecimento, nova entidade a nosso ver subdividida entre cultura (diversidade étnico-antropométrica), informação e tempo, sobejamente envolvidos em características abstratas e qualitativas.

Acreditamos que nesse contexto histórico a ergonomia precise incluir na base de suas análises, novas categorias entre sujeito e objeto de suas ciências, inaugurando uma nova intersubjetividade.

5.1 SOBRE NOVAS INTERSUBJETIVIDADES NA ENGENHARIA DE PRODUÇÃO E ERGONOMIA

Acompanhando os novos processos industriais e de implementação de novas tecnologias, percebemos que as velhas estruturas de fabricação, que implicavam esforços repetitivos e doenças funcionais entre trabalhadores, especialmente no processo fordista de fabricação em série e linha de produção, embora subentendidas ainda na tessitura geral da sociedade de consumo, são paulatinamente superadas pelos reclamos da nova Economia, onde processos de simplificação do trabalho, substituído por máquinas e robôs, vêm se tornando objeto de estudos teóricos.

As tecnicidades e normas dos manuais de Ergonomia terão suas argumentações grandemente superadas pelas transformações que o capitalismo

globalizado e informatizado vai trazendo a lume, inovando processos de produção no solo das fábricas e nos escritórios.

Ousamos afirmar, por tudo o que foi discutido até agora, que a Ergonomia vai ter que operar conceitos abstratos, aparentemente não científicos, como a “aparência”, relegado à margem dos estudos de produtividade, como se não tivesse importância nesse contexto.

Precisamos introduzir na Ergonomia uma espécie de “crise da razão”, estágio já alcançado em ciências como a biologia e em várias outras ciências humanas, como a psicologia, a economia e a sociologia. Em que ela consiste?

Em primeiro lugar, deve-se reconhecer que a Ergonomia clássica homem-máquina em seus fundamentos é conformista, não contesta ou critica as plataformas econômicas e políticas em que se desenvolve a produção, a pretexto de uma “neutralidade científica” que absolutamente não existe. Ela remete ao poderoso de plantão ou ao sistema conservador dominante a chancela das medidas ergonômicas a serem adotadas, afetando desde o controle das ferramentas até a construção e manutenção de um parque industrial, que pode ser muito eficiente, por exemplo, para os objetivos da empresa, mas completamente adverso ao desenvolvimento e bem estar da comunidade circundante (sustentabilidade e ecologia).

Podemos ver, inclusive, o estabelecimento de tensões dialéticas entre os escalões superiores de comando industrial, que exigem padrões de eficiência e competitividade e os trabalhadores, apegados à manutenção de seus empregos e de altos salários, capazes até de contrariar normas e padrões de proteção contra acidentes, quando estas impliquem em gastos vistos com “maus olhos” pela alta direção das empresas.

Transcende-se o modelo keynesiano de bem estar, diminuindo-se a estrutura estatal para que se circunscreva às tarefas fundamentais (administração do território, educação do povo, saúde e segurança), desregulando o mercado e fortalecendo a competitividade e a privatização dos ativos públicos. Isso favorece os fenômenos de fetichização das mercadorias (consumo desenfreado, crise de superprodução e desperdício), exclusão social e uma crise ideológica da razão, a seguir tipificada:

- negação de uma esfera de objetividade e da afirmação de uma economia concreta, não-virtual, capaz de suprir necessidades reais (abastecimento, moradia, esgoto, escolas, hospitais e empregos);
- negação da incorporação de novas tendências históricas, que valorizem a igualdade de oportunidades e de distribuição de rendas, consideradas “objetivos inatingíveis”;
- negação da universalidade do real: a ciência não poderia resolver os reais problemas humanos, sendo apenas utilizada pelos donos do poder;
- negação do social como necessidade determinante, substituído por micropoderes invisíveis e capilares que o disciplinam¹³⁶.

Essas tendências, aproveitadas pelo modelo neoliberal, foram plenamente desenvolvidas na década de 90 do século passado, abrindo o terreno para a desvalorização do trabalho pelo capital e de um desenvolvimento exponencial da informática, em virtude de sua capacidade de provocar desemprego estrutural a médio e longo prazos.

¹³⁶ Cf. Marilena Chauí. “**Vocação Política e Vocação Científica da Universidade**”. Educ. Bras. Brasília, 15(31): 11-26, 2º semestre, 1993.

A essas transformações profundas a Ergonomia começa agora a responder convenientemente, embora tenha cumprido, no passado, uma evolução histórica puramente mecanicista, como poderíamos divisar esquematicamente:

- Máquina a Vapor (1780);
- Revolução Industrial (Século XIX);
- Questionamento Socialista (1890);
- Administração Científica (1900);
- Tempos, Movimentos e Métodos (Início do Século XX);
- Produção em Série e Linha de Montagem (1911);
- Projeto da Cápsula Espacial (1948);
- Ergonomia de Murrel (1949).

Essas fases que procuravam ajustar confortavelmente o ser humano ao ambiente de trabalho só conseguiram esse objetivo de maneira parcial, em virtude de que a necessidade de obter tais resultados a custos adequados impediam a própria implementação dos preceitos da ciência. Vale dizer, as postulações científicas eram habitualmente ultrapassadas pelas realidades legais de cada país e pelos ditames dogmáticos de suas estruturas industriais peculiares.

A atuação limitada das Ergonomias de Correção e Concepção, que só serviam para a normalização das dimensões, dos ruídos e da iluminação dos postos de trabalho; adequação da carga de trabalho físico e aeróbico dos trabalhadores e sua adequação biomecânica; a interação homem-máquina e homem-computador, bem como a prevenção da fadiga, embora necessárias, não são suficientes para englobar toda a riqueza do fenômeno do trabalho nem tampouco interferir no processo complexo de seleção e admissão de trabalhadores.

Assim, a crise da razão, tão saudável em outras ciências, vem atingindo a Engenharia de Produção e a Ergonomia de modo indireto, por uma tendência velada de supressão do sujeito, em nome de uma objetividade científica que só favorece o *status quo*. Uma espécie de objetivismo radical em que a participação do sujeito na construção do conhecimento é quase nula, estimulando-se o primado do conhecido sobre o conhecimento, o que estabelece impasses epistemológicos muito graves, incluindo aí dificuldades para a expansão da própria ciência.

Segundo o objetivismo, o objeto é o elemento decisivo entre os dois membros da relação cognitiva. O objeto determina o sujeito. Este tem de reger-se por aquele. O sujeito toma sobre si, de certo modo, as propriedades do objeto, reproduzindo-as. Isto supõe que o objeto enfrenta como algo já acabado, algo já definido, a consciência cognoscente. É nisto que reside justamente a idéia central do objetivismo. Segundo ele, os objetos são algo dado, algo que representa uma estrutura totalmente definida, estrutura que é reconstruída, digamos assim, pela consciência cognoscente¹³⁷.

Essa visão de desconstrução da capacidade cognoscente do sujeito em nome da objetividade científica concorre para um processo crescente de alienação do homem em relação a seu objeto de trabalho, como denunciou Marx, no século XIX:

A alienação do processo do trabalho baseia-se no fato de que o trabalhador sente este processo como obrigação, não como satisfação da necessidade do trabalho, mas como meio para satisfazer outras necessidades. Por esta razão, o homem foge ao trabalho quando pode, é infeliz quando trabalha e apenas sente a si mesmo fora do trabalho. Como, além do mais, o trabalho do operário não lhe pertence, mas a outrem, acontece que o homem não sente como obrigação suas funções animais (biológicas), sentindo, porém, sua função especificamente humana – o trabalho – como algo desumano¹³⁸.

As premissas teóricas da Engenharia de Produção de que suas providências metodológicas e ergométricas tornarão “agradável” o trabalho, eliminando-se de princípio o fosso entre a subjetividade e o campo de atuação da ciência, traz a lume novas discussões que colocam em confrontação o olhar

¹³⁷ Cf. Johannes Hessen. **Teoria do Conhecimento**. Coimbra, Armênio Amado, Editor, Portugal, 1968, p. 88.

¹³⁸ Cf. Adam Schaff. **O Marxismo e o Indivíduo**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967, p. 135.

contemporâneo sobre a “dor no trabalho”, em relação às emergentes questões agudas do processo social, tais como a distribuição de renda, os hábitos alimentares e culturais das classes trabalhadoras.

Esse entroncamento multidisciplinar, que poderia ser visto como uma dificuldade de formulação científica e matematizável de matrizes de conduta para os objetivos de produção, favorece, na verdade, a uma dilatação do escopo de temas a serem abordados pela Engenharia de Produção e dos fins da Ergonomia, como meio de modificação da ecologia laborativa dos trabalhadores.

Outras ciências já incorporadas, como a medicina do trabalho, podem definir fronteiras para os preconceitos até então não enfrentados, como a relação direta entre trabalho e dor. A dor do trabalho não pode ser minorada ou extirpada apenas com medidas paliativas de cunho técnico, como correção de posturas, equipamentos anti-fadiga etc.

Um relatório, elaborado pelo Conselho Nacional de Pesquisas e pelo Instituto de Medicina das Academias Nacionais, encomendado pelo Congresso dos Estados Unidos e baseado em mais de 2.500 artigos sobre a matéria, revelou que existe uma relação direta entre trabalho e disfunções músculo-esqueléticas, nas articulações, discos de coluna, cartilagens, tendões e ligamentos, representando uma revisão considerável do elo entre a profissão e dores nas costas e extremidades superiores.

Jeremiah A. Barondess, presidente da Academia de Medicina de Nova Iorque, presidiu o comitê de 19 cientistas que assinou o relatório, que avaliou não somente os fatores estressantes do trabalho, mas os aspectos sociais e psicológicos que levariam a riscos e resultados patológicos, avaliando que fatores como obesidade, idade e tabagismo tiveram um papel significativo no fato de as pessoas

desenvolverem ou não problemas músculo-esqueléticos. Além disso, constatou que “fatores organizacionais” como o grau de controle que a pessoa tinha sobre o seu trabalho, o local e a relação com os colegas também exerciam um papel muito importante nas síndromes¹³⁹.

Embora contemporaneamente estejam sendo desenvolvidos estudos para entender melhor o papel dos computadores nas lesões das extremidades superiores (tenossinovite, paralisia, dormência, etc.), não existem estudos conclusivos sobre o tema, o que demonstra que novas pesquisas serão necessárias nesse campo, cujas conclusões podem afrontar os interesses das indústrias de informática, bem como os interesses que cercam a implantação de sistemas informacionais nas empresas. Como sempre, o bem estar dos trabalhadores, apesar de ser considerado, é parte de um conjunto muito mais amplo de interesses não científicos que, na prática, preponderam sobre argumentos ergonômicos que não estejam justificados pelo manto legal.

5.2 O INDUSTRIALISMO TECNOLÓGICO DIANTE DAS NECESSIDADES HUMANAS

O que é mais palpável para as pessoas em seu cotidiano são as tecnologias, isto é, a ciência “aplicada”, não o relacionamento dos cientistas com suas obras. Estes parecem escapar à censura do senso comum, enquanto perseguem uma neutralidade utópica, que não os exclui da manipulação de suas pesquisas por governos e pelo sistema econômico.

¹³⁹ Cf. “Estudo do governo dos EUA associa trabalho à dor”, in www.medicinanews.terra.com.br, em 22 de janeiro de 2001.

Assim, embora os projetos técnico-científicos e sua adoção em áreas aparentemente tão distintas, como a medicina, a agricultura, as telecomunicações, a indústria e os transportes, constituam processos definidores de nossa sociedade e tenham feito crescer os objetos e infra-estruturas técnicos, o entendimento sobre sua construção social é bem menos visível e evidente. Como assinala Sofia Bento (2002):

... paradoxalmente, ainda concebemos a tecnologia como algo de puramente técnico separado do social, isto é, conhecemos pouco os objetos que utilizamos, participamos pouco na criação desses novos artefatos, lidamos ainda poucas vezes democraticamente com o conhecimento técnico-científico. Os processos que levam as nossas tecnologias a serem concebidas, a serem aplicadas e a serem utilizadas, são processos (complexos, é claro) que revelam muito acerca da forma como vivemos e da forma como nos organizamos em sociedade¹⁴⁰.

Há mais de 30 anos, Erich Fromm (1965) relacionou os três princípios norteadores das atuais sociedades tecnológicas:

- Tudo o que é tecnicamente possível de fazer-se, deve ser feito;
- O atual avanço científico e tecnológico deve conduzir ao ideal de eficiência absoluta;
- Quanto mais produzimos do que quer que produzimos, tanto melhor¹⁴¹.

Esses princípios reforçam a idéia do descontrole social sobre aquilo que a ciência pode fornecer ao cotidiano das pessoas, como aplicação do conhecimento, recordando-se que para o sistema econômico são imperativos a aplicação da técnica, a eficiência acima de tudo e a produção máxima, prioridades que excluem o social como objeto de valorização ou discussão.

¹⁴⁰ Cf. “**As controvérsias Tecnológicas na Reflexão sobre Tecnologia**”, pp. 109-110, in Transformações Sociais e Dilemas da Globalização: um Diálogo Brasil/Portugal, Ilse Scherer-Warren e José Maria Carvalho Ferreira (orgs.), São Paulo, Cortez, 2002.

¹⁴¹ Apud., Regis Morais, op. cit., pp. 115 e 116.

Inevitáveis foram as conseqüências dessas posturas, não só para a ciência como para a sociedade, como analisa Regis Morais:

Certamente que a tecnologia tem recursos para realizar gigantesco número de proezas, recursos para produzir freneticamente. Mas isto exige matéria-prima; para obtê-la, saqueamos nossos recursos **naturais no ato contínuo e louco de fazer do planeta um deserto cheio de lixo**. Então, fazem-se presentes também as diversas poluições e começamos a sentir que a qualidade da vida caiu em demasia. **Difícil encontrarmos hoje um cidadão que não saiba em que grau o mundo está poluído e prejudicado; mas a impressão que se tem é a de que enquanto as pessoas não começarem a cair mortas aos milhares pelas ruas, nada de efetivo será feito**. A neurose de produção vai continuando, devastadora, e o homem parece hipnotizado pelo ideal de aceleração ilimitada de lucros, realizações etc. (...) No entanto, **todas as realizações tecnológicas deixam heranças residuais que passam a integrar nossos problemas ecológicos de sobrevivência**¹⁴². (os grifos são nossos)

Essas “heranças residuais” representam os problemas oriundos, também, da tentativa de solução de problemas anteriores. De acordo com Schwartz (1975), essas heranças residuais residem em três fontes, a saber: natureza incompleta da solução tecnológica; aumento do problema original e efeitos secundários ou multiplicação de problemas. Por sua vez, os problemas residuais tornam-se mais difíceis de serem resolvidos do que os anteriores, tendo em vista sete fatores, a saber: a) dinâmica da tecnologia; b) aumento de complexidade; c) aumento de custo; d) diminuição de recursos; e) crescimento e expansão; f) necessidade de maior controle e g) inércia das instituições sociais¹⁴³.

A tecnologia passa, pois, a um processo de declínio, observada do ponto de vista do aproveitamento humano e social, por uma espécie de “lógica industrialista”, como denuncia Rubem Alves (1968):

Ao invés de as necessidades humanas definirem as necessidades de produção – o que seria a norma para uma sociedade verdadeiramente humana – são as necessidades do funcionamento do sistema que irão criar as ‘falsas necessidades’ de consumo... E o sistema criou o homem à sua

¹⁴² Ibid., pp. 116 e 117.

¹⁴³ Apud., Regis Morais, op. cit., pp. 118 e 120.

imagem e semelhança e lhe disse: não terás outros deuses diante de mim¹⁴⁴.

Declina, paradoxalmente, a racionalidade humana, na medida em que a perspectiva do humanismo é removida em nome do primado da produção, o que realizou em menos de 300 anos de Revolução Industrial um encaminhamento perigoso e arriscado para os desígnios do planeta. O tema fundamental do industrialismo tecnológico é a produção descartável de objetos e o alcance de sua obsolescência o mais depressa possível, o que determina perigos inevitáveis para a ecologia, além de contribuir para a crueldade com os velhos, porque a sociedade tecnológica é a sociedade da juventude, de uma juventude insegura e angustiada, uma consequência inevitável do mundo do efêmero¹⁴⁵.

Essas considerações sobre a utilização da tecnologia não devem, contudo, ser interpretadas como um repúdio às transformações organizacionais de nosso sistema econômico sob o impacto da globalização. Muito ao contrário. Partimos delas para asseverar que existe um grande abismo entre o que tecnologicamente foi obtido e o que produzimos ergonomicamente para situar o homem no vastíssimo campo da produção de objetos e artefatos. Existe uma superabundância de novos problemas não resolvidos que, na medida em que o tempo passa, tornam-se insolúveis do ponto de vista tecno-social.

Por exemplo, ao produzir computadores domésticos, tivemos que adaptar os trabalhadores a extensas normas e condições de postura no manejo dessas máquinas, sem termos absoluta certeza de solucionar as lesões de esforço repetitivo que o trabalho continuado nessas ferramentas com certeza realizam. Como ainda não se pode ter máquinas que operem os próprios computadores em todos os processos, é com enorme desprazer que as organizações têm que adaptar os seus

¹⁴⁴ Apud., Regis Morais, op. cit., p. 114.

¹⁴⁵ Apud., Regis Morais, op. cit., pp. 121, 161 e 162

colaboradores às condutas estressantes necessárias à produção e que sempre se justificam pela feroz competitividade entre empresas.

As operações de telemarketing, efetuadas por colaboradores alinhados em escritórios subdivididos por equipamentos repetidos, como numa linha de montagem, são estruturadas de tal sorte que os atendentes copiem gravações monocórdias ou apenas se desviem um pouco do “script” permitido pela empresa, seja no atendimento ao consumidor, seja na venda de produtos. Qualquer criatividade humana é rejeitada nos diálogos e qualquer problema atípico deve ser conduzido a supervisores, protegidos do contato com o público. A estruturação ergonômica desses escritórios obviamente não diminui os fatores de estresse e descaracterização da personalidade envolvidos.

Os operários de turnos em empresas metalúrgicas, siderúrgicas ou de petróleo, cujo trabalho não pode parar, são submetidos a horários extremamente rígidos que, muitas vezes, colocam em segundo plano as suas necessidades fisiológicas. A sensação de dor, os desequilíbrios emocionais e o sentimento de desidentidade com as funções, sobretudo em plataformas de petróleo, mostram que mesmo as normas ergonômicas hoje existentes não conseguiram dirimir a lógica de desumanização, mesmo com os avanços conhecidos da tecnologia.

A revolução da telefonia celular foi muito importante para a indústria de telecomunicações, embora não tenhamos nenhum estudo sério e conclusivo, do ponto de vista neurológico, sobre a atuação das ondas de telefonia à distância sobre o cérebro humano. No entanto, todo um aparato de peças e circuitos foi constituído para servir ao objetivo dessa modalidade de telecomunicação, sem tampouco as necessárias providências para a eliminação dos celulares obsoletos que contêm em

sua construção elementos radioativos de grande periculosidade para o meio ambiente.

Ficáramos alinhando exemplos em todos os grupos profissionais, principalmente os que são afetados por condições agudas de insalubridade para concluir que a tecnologia (e sua evolução) não conseguiu resolver os problemas relativos à alienação do trabalho, sempre colocados como de menor importância ou prioridade em relação às exigências do capital.

É, por conseguinte, uma necessidade epistemológica da Ergonomia a incorporação de dados intersubjetivos de avaliação de normas e padrões de conduta no mundo do trabalho, convidando os sujeitos interessados e envolvidos a decidir sobre o próprio destino de suas atividades profissionais. Isso, no entanto, parece estar muito distante dos atuais arcabouços teóricos incorporados às legislações nacional e internacionais.

5.3 A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA

Tomemos, por exemplo, os operadores de telemarketing. Diante deles, telas de computador e várias horas de trabalho repetitivo ao telefone. Casos e mais casos de Lesões por Esforço Repetitivo – L.E.R. vão se sucedendo, mas a produção não pode parar e nem tampouco eles desejam perder seus empregos. Até falar sobre as dores que sentem nas mãos, nos antebraços e na parte lombar das costas muito tempo deve haver decorrido, já que não querem ser motivo de discórdia para seus supervisores, nem problema para a direção da empresa. Por experiência, eles sabem que ao fazer reivindicações sobre sua saúde, automaticamente serão avaliados como “persona non grata”, substituído por pessoas mais jovens, sem o

acometimento da síndrome e por salários até menores. Por isso, são adiadas várias soluções ao nível da medicina do trabalho sobre os níveis de resistência da atividade músculo-esquelética.

Passemos, em seguida, à construção civil. O Brasil era, até bem pouco tempo, o recordista em acidentes de trabalho na área, apesar de todas as normas sobre equipamentos de proteção e as condutas previstas na Consolidação das Leis do Trabalho – CLT. No entanto, após várias pesquisas entre os empregados de empresas maiores, descobriu-se que o que motivava os acidentes não era a fuga das normas ergonômicas, mas a falta de café-da-manhã para a mão-de-obra, que chegava, em sua maioria, com fome ao serviço.

Essas considerações genéricas são necessárias para compreendermos as peculiaridades do Brasil. Um país com 56 milhões de pobres e 12% de desempregados na população ativa (dados do IBGE –2003) pode se dar ao luxo de ter um aparato legal sobre ergonomia sistematicamente descumprido pela maioria das empresas, que argumentam não poder arcar com os custos da instalação de equipamentos protetores do trabalhador e de sua comunidade. Somente em meados da década de 80 do século passado, começamos a estudar o impacto ambiental de certas empresas sobre o meio ambiente e a mudar a sua cultura de produção, como aconteceu no caso da cidade de Cubatão, no Estado de São Paulo.

Na verdade, o que queremos dizer é que as normas ergonômicas produzidas no país, apesar de burocraticamente muito bem feitas e aparentemente rígidas, têm de ser cumpridas pelos patrões e não pelos empregados, o que favorece a fiscalização frouxa e a corrupção.

O País perde R\$ 32,5 bilhões por ano com encargos, tratamentos e indenizações, provocados por LER/DORT - Lesões por Esforços Repetitivos -

Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho, dos quais R\$ 12,5 bilhões gastos pelo setor privado e os restantes R\$ 20 bilhões consumidos pelo Governo com afastamentos pelo INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social), acima de 15 dias, revela estudo realizado pelo economista José Pastore, da USP (Universidade de São Paulo) em 2003 para a Confederação Nacional da Indústria, sobre os altos custos dos acidentes de trabalho no Brasil.

A situação é muito grave. Está havendo uma verdadeira epidemia de LER/Dort no País . Somente no ABCD paulista e na área de mão, pulso e antebraço 80% dos afastamentos pelo INSS, acima de 15 dias, já é por LER" – alerta o professor Antônio Carlos Costa, titular de cirurgia de mão, da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo:

"Cerca de 30% a 40% dos casos de LER são provocados pela má utilização do telefone e a terceira categoria já atingida pela doença são os jornalistas, depois dos bancários e operadores de telemarketing" – acrescenta o publicitário Sérgio Gotthilf, diretor comercial da Earset do Brasil, tradicional fornecedora de hedsets (fones de ouvido ou micro) e com história de LER no passado.

O quadro ficou tão sério que até o Ministério do Trabalho reforçou recentemente a sua norma NR 17, estabelecendo padrões mínimos de utilização de teclados, móveis e ruídos por ambientes e telefones, visando a prevenção da L.E.R., mas a atitude oficial pouco efeito teve.

Por isso a sociedade civil, através de médicos, jornalistas, publicitários e empresários em geral, está se movimentando para tentar reduzir os altos níveis da doença. "Empresas jornalísticas como Folha de São Paulo, Agência Estado e Editora Abril começam com programas de prevenção de LER, com mudanças de conceitos" – revela Maria José O'Neil, presidente do Instituto Nacional de Prevenção às LER/Dort e autora de livros sobre o assunto, também com afastamento da profissão por lesões por LER na mão direita. "A Avon tem um programa interessante de prevenção de LER com ginástica laboral para evitar o estresse de seus funcionários" - aponta O'Neil. E a Unisa, do segmento de Call Center e atendimento,

o primeiro dos segmentos atingidos pela doença, está com um programa adiantado de prevenção da doença, pelo mau uso do telefone (HORN, 2001).

Toda essa movimentação da sociedade civil para prevenir a doença já está promovendo, no mercado brasileiro, a utilização em maior escala de móveis e aparelhos destinados a melhorar as condições de trabalho do profissional.

É, contudo, uma movimentação necessária, mas não suficiente, porque envolve apenas empresas de ponta, conscientizadas dos prejuízos que a não prevenção e administração de cuidados com os seus colaboradores pode acarretar. No entanto, custa muito pouco se evitar a LER: com pequenas modificações de conceitos, móveis mais ergonômicos, fones mais adequados e política para amenizar o estresse, o empresário estaria evitando um alto ônus. Basta citar-se que cada funcionário afastado pelo INSS por LER custa ao ano, para a empresa, cerca de R\$ 89 mil, segundo dados da Organização Mundial da Saúde, com tratamentos, indenizações e reposição do posto de trabalho. Já se o empresário se conscientizasse da necessidade de prevenir, gastaria menos de R\$ 2 mil, pois 60% desse custo está à sua mão, através do plano de saúde de sua empresa, como o acesso a fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos e médicos do trabalho. As lesões são causadas por sobrecargas físicas e/ou emocionais, que submetem os músculos à fadiga, gerando processos degenerativos e até necroses. Em 50% as doenças são características e podem ser revertidas. Mas nos outros 50%, as lesões não são específicas e torna-se necessário o trabalho de uma equipe multidisciplinar¹⁴⁶.

Esse quadro exposto contraria a realidade com os objetivos a serem alcançados pelo Ministério do Trabalho brasileiro ao implantar os preceitos da

¹⁴⁶ Cf. Sérgio Horn, "Ler", in "Diário On Line Cartas", www.uol.com.br/diario_dovale/arquivo/2001/julho/09/page/fr-cartas.htm

Norma NR – 17. Essa norma, estabelecida pela Portaria nº 3.751, de 23 de novembro de 1990, objetiva a melhoria das condições de trabalho e bem-estar dos trabalhadores em geral. Algumas de suas regras dizem respeito às condições físicas do ambiente de trabalho, como iluminação e segurança. Em relação ao transporte e descarga individual, por exemplo, a norma determina que não deverá ser exigido nem admitido o transporte manual de cargas, por um trabalhador, cujo peso seja suscetível de comprometer sua saúde ou sua segurança.

Além disso, o transporte manual de cargas deve ser limitado ou facilitado por intermédio do uso de meios técnicos apropriados. Em atividades que exijam sobrecarga muscular estática ou dinâmica do pescoço, dorso, ombros e membros superiores e inferiores, deve-se observar, a partir da análise ergonômica do trabalho, o seguinte: “a) todo e qualquer sistema de avaliação de desempenho para efeito de remuneração e vantagens de qualquer espécie deve levar em consideração as repercussões sobre a saúde dos trabalhadores; b) devem ser incluídas pausas para o descanso”¹⁴⁷. Assim, esta norma regulamentadora visa a estabelecer parâmetros que permitam a adaptação das condições de trabalho às características psicofisiológicas dos trabalhadores, de modo a proporcionar um máximo de conforto, segurança e desempenho eficiente. Mas é uma norma indicativa, apenas, sem que se introduzam através dela quaisquer efeitos de punição sobre os que a infringem, a não ser através de portarias do Ministério do Trabalho e/ou da Previdência que, como sabemos, não tem um poder de arbítrio tão minucioso, a ponto de erradicar do país os males do trabalho a que estamos referindo-nos. Até porque, muitos deles ainda estão sendo estudados e as autoridades médicas não têm sobre eles conhecimento conclusivo.

¹⁴⁷ Legislação e acidentes de trabalho. Disponível em: <http://www.eps.ufsc.br/disserta96/merino/cap3/cap3.htm>. Acesso em: 20/nov./2003.

A Norma Nr-17, apesar de ter sido a seu tempo uma inovação, não abarcou os problemas oriundos da utilização dos computadores, assim como os novos problemas que surgirão com o manejo industrial da sociedade do conhecimento.

Cumpra, pois, revisar e renovar essa norma, tencionando adaptar o país aos novos tempos.

5.4 MELHORANDO A AUTO-ESTIMA: A CONTRIBUIÇÃO DAS CIRURGIAS

O que pautamos até agora, no amplo espectro de nossas discussões, nos autoriza a afirmar que existem planos de intersecção entre as cirurgias de efeito estético e os procedimentos admitidos pela Ergonomia no sentido de alcançar incrementos concretos de produtividade.

Assim, não importa discutir aspectos técnicos da produtividade e da força de trabalho ou elementos abstratos que interfiram na admissão e desenvolvimento da mão-de-obra, que todos esses procedimentos têm interfaces diretas ou indiretas com os problemas tratados pela Ergonomia. Epistemologicamente, há necessidade de colaboração interdisciplinar entre diversas especialidades para corrigir, por exemplo, deficiências na homogeneidade, comunicação e eficiência nas equipes de trabalho das empresas, na medida em que certos padrões de beleza e de comportamento social são necessários para compor o “portfólio” empresarial mais adequado.

Embora saibamos que pela legislação brasileira são admitidos nas organizações profissionais portadores de deficiência, estes ficam sempre em minoria nas fileiras dos concursos, além de serem admitidos com relativa desconfiança no

âmbito das empresas. Há casos, inclusive, em que ao portador de deficiência, apesar de inegáveis virtudes intelectuais, são negadas oportunidades efetivas de trabalho pela ação draconiana dos exames médicos pré-admissionais.

Nota-se uma tendência explícita, principalmente em grandes corporações, de se exigir dos colaboradores a plenitude da saúde e da boa aparência, sob pena de não serem bem aceitos, não serem admitidos, ou, se isso acontece, amargarem dificuldades no acesso a promoções e a outras benesses reservadas aos “preferidos”.

De forma exaustiva, expusemos fatores culturais, concretos e abstratos, como a obesidade, a negritude, além de certos critérios cefalométricos de origem estética, que incentivam o desejo de uma “proporção divina”, antes perseguida pelos artistas e por próceres da cirurgia plástica, mas agora tendo esses valores incorporados veladamente no âmbito das empresas.

Temos tentado demonstrar que as questões da subjetividade do belo e os problemas relativos à percepção da aparência devem ser discutidos no âmbito da Ergonomia, que contemple o conflito entre os estados “ideais” de aparência físico-facial e as realidades de auto-estima e comportamento dos colaboradores.

Nesse sentido, o concurso de cirurgias plásticas e ortognáticas, para corrigir dificuldades em indivíduos que, por motivos estéticos, não se sentem plenamente absorvidos pelas empresas, pode ser um instrumento de reintegração de mão-de-obra aos postos de trabalho que dependem de fatores relacionais e sociais para serem preenchidos e de resgate de um estado de satisfação física e moral do trabalhador, com inegáveis reflexos positivos às organizações.

5.4.1 Cirurgia ortognática e integração social

Numa época em que há incisiva pressão contra o emprego formal, dadas as dificuldades dos empresários em pagar com facilidade os encargos trabalhistas, qualquer pretexto por mais sutil pode ser assacado contra a presença do trabalhador em determinado cargo ou função.

Se nos lembrarmos da “Pirâmide de Maslow” (Fig. 1), na medida em que se sobe de posto nas organizações, exige-se cada vez mais um “padrão estético” ao trabalhador, traduzido em sua postura, vestuário, maneirismos sociais, etiqueta e outras exigências não-escritas, mas que pesam sobremaneira em sua aceitação.

Um defeito físico, sobretudo o facial, concorrerá para afetar as ambições desse trabalhador no sentido de ser aceito nas funções de diretoria ou de alta assessoria de direção, em virtude de que esses postos representam o “cartão de visitas” da própria organização.

Uma das alternativas para resolver os defeitos flagrantes da face é, sem dúvida, a cirurgia ortognática que, ao ser realizada, contribui sobremaneira para acelerar os processos de integração social de pessoas discriminadas no ambiente de trabalho.

O ortodontista e o cirurgião buco-maxilo-facial, ambos dentistas, são convocados a preparar a cirurgia, que perfaz um ciclo completo de dois anos, divididos em fases: um ano e meio para o preparo da cirurgia; de três a seis horas, para a cirurgia propriamente dita; 48 horas para alta do paciente e, finalmente, seis meses a um ano de ortodontia pós-operatória e finalização de caso.

Quando é feita a correção da posição das estruturas ósseas através da cirurgia ortognática, o rosto modifica-se, embora não seja objetivo único do

tratamento a transformação estética: visa-se, na verdade, aperfeiçoar a mordida, a fala, a respiração e a deglutição.

De tal modo esse procedimento cirúrgico é efetivo que 96% dos pacientes, ao perceberem os resultados, testemunham que gostariam, caso fosse necessário, de realizar a cirurgia outra vez¹⁴⁸.

O aparelho ortodôntico em si é freqüentemente tido como uma coisa corriqueira, mas tem um papel importante no tratamento ortodôntico e cirúrgico do paciente com problemas dento-faciais.

Embora seu valor em dar forças ortodônticas para um posicionamento dentário pré-operatório e pós-operatório seja bem entendido, os ortodontistas ainda subestimam a quantidade de esforço colocada no aparelho durante sua operação. Neste momento, os aparelhos ortodônticos e dentes servem como alavancas para os ossos. Eles são usados para estabilizar a posição do segmento e segurar a fixação máxilo-mandibular antes da colocação final dos fios trans-ósseos ou parafusos e miniplacas de titânio. Os aparelhos são frágeis ou facilmente quebráveis ou exibem tolerância excessiva de fio-braquete no momento da cirurgia, o que pode causar complicações, incluindo aumento no tempo de operação e erros no posicionamento dos componentes esqueléticos.

Uma relação esquelética anormal, além dos prejuízos estéticos que acarreta para o indivíduo, ocasionando a “feiúra”, produz também sérios problemas funcionais, como a falta de engrenagem dos dentes, a modificação do espaço anatômico da cavidade oral e um posicionamento errôneo da língua, com a conseqüente modificação da voz e da pronúncia de determinadas sílabas, como as labiais, as linguodentais e outras.

¹⁴⁸ Cf. www.ortognatica.com.br, consultada em 12/05/2003.

A respiração também pode ser prejudicada em menor ou maior grau, como no caso das micrognatias, que provocam a redução das vias aéreas superiores e contribuem para o conhecido ronco noturno ou apnéia do sono.

Cada tipo de deformidade esquelética requer uma determinada técnica cirúrgica, envolvendo apenas reposicionamento de segmentos do esqueleto facial, através de osteotomias e fixação interna rígida, de miniplacas e parafusos de titânio. O tegumento (tecidos moles) acompanha naturalmente a nova posição dos ossos remanejados, proporcionando verdadeiros milagres no contorno facial e no perfil da face operada. A moderna Cirurgia Ortognática não lança mão dos preenchimentos estéticos do passado, como os implantes de silicone, nem admite mais as amarrilhas dos dentes, por 30 – 60 dias, eliminando assim o desconforto, a interferência na alimentação e os riscos de um acidente por asfixia¹⁴⁹.

A decisão cirúrgica só é tomada depois de minucioso diagnóstico, realizado a partir do exame clínico do paciente e de meticulosa análise cefalométrica (para estudo do esqueleto facial), de estudo radiográfico e de modelos de gesso de ambas as arcadas dentárias. Na maioria dos casos é necessário um preparo ortodôntico prévio antes da realização da cirurgia.

Uma vez tomada a decisão de operar, a cirurgia é então realizada nos modelos de gesso, seguindo-se todos os passos da análise cefalométrica, respeitando-se cada milímetro a ser retirado ou acrescentado. Confeccionam-se então os guias cirúrgicos ou “splints”, que orientarão o cirurgião durante o ato cirúrgico. Com essa seqüência de detalhes e a redução do trauma cirúrgico, os resultados pós-operatórios podem ser surpreendentes, com o mínimo de dor, edema

¹⁴⁹ Ibid.

e traumatismos cutâneos resultantes do afastamento intempestivo dos tecidos moles.

Outro dado de extrema importância é que a equipe cirúrgica deve constituir-se de cirurgiões capacitados e experientes, capazes de se revezarem no campo cirúrgico, sem prejuízo dos resultados. As cirurgias ortognáticas não devem ser realizadas por um cirurgião isolado, auxiliado por recém-iniciados em cirurgia.

Enfim, cirurgia ortognática é, na verdade, a arte de transformar faces, tornando-as perfeitas ou quase perfeitas.

Decorre daí que temos plena consciência dos efeitos sociais desses procedimentos cirúrgicos, que podem ser combinados com outros, no âmbito da cirurgia plástica, ajudando a evitar dificuldades de relacionamento para diversos colaboradores, desejosos de colocar as suas ambições de natureza funcional mais sobre os seus méritos do que na aparência.

Ocorre que os méritos só são avaliados de per si, quando as questões da aparência ou da obesidade estão solucionadas, remanejando o foco de julgamento da atitude do colaborador sobre o seu comportamento funcional estrito.

De qualquer maneira, não se discute mais a utilidade da cirurgia ortognática na melhoria das condições de saúde e bem-estar do trabalhador, assim como no grau de integração social que obtém a partir do sucesso dessas intervenções.

5.4.2 Cirurgias, auto-estima e desempenho no trabalho

Além da recuperação da auto-estima, produzida pela cirurgia ortognática, através de suas aplicações caso a caso, percebe-se que a variável da longevidade, obtida através do grande avanço da medicina nas últimas décadas, valorizou a busca pela qualidade de vida como forma de usufruir os inegáveis progressos à disposição da sociedade, embora saibamos da desigualdade da distribuição de tais recompensas. De qualquer modo, todos querem viver muito e bem, minimizando as seqüelas existenciais e laborativas que o tempo traz.

Temos visto que a medicina estética vem conseguindo reverter problemas de auto-estima, além de retardar o envelhecimento cronológico de grande parte da população, antes privilégio de poucos. Praticamente, instaurou-se uma “revolução estética”, com possibilidade de minimizar as alterações trazidas pelo tempo e pela valorização da auto-estima.

Aliando arte e ciência, a cirurgia plástica procura o bem-estar do indivíduo em seu sentido mais amplo, contribuindo para melhorar o seu relacionamento interpessoal. “Plástica” é uma palavra que vem do grego, “plastikos”, que significa “modelar, dar forma”, no caso permitindo-nos a possibilidade de remodelar o corpo humano.

A cirurgia plástica pode ser reconstrutiva e estética: a primeira restaura a função e os defeitos congênitos, doenças e acidentes. A segunda melhora a aparência normal, aumentando a auto-estima. Centenas de milhares de pessoas são submetidas todos os anos a esses procedimentos cirúrgicos para minimizar ou extirpar problemas que afetam a aparência.

Trata-se assim de uma “cirurgia de meio”, que atua primeiramente no corpo e depois corrige a alma do indivíduo. Uma pessoa de bem com a própria imagem, além de se mostrar mais confiante, consegue alcançar muitos benefícios físicos e emocionais.

A cirurgia plástica também tem uma importante função social na recuperação de pacientes vítimas de traumas, queimaduras e deformidades congênitas que interferem significativamente no isolamento do indivíduo. Nesse sentido, a cirurgia reparadora corrige ou atenua tais problemas, promovendo o bem-estar físico e emocional do indivíduo, retirando-o do isolamento social, reintegrando-o à sociedade e às rotinas exigentes do trabalho.

O aumento da competitividade na vida profissional desembocou inevitavelmente nas exigências de valorização da aparência e, com isto, a cirurgia plástica facial vem sendo realizada em número cada vez maior de pacientes.

Se a beleza física não existe mais ou se perdeu, os parâmetros cirúrgicos, aplicados caso a caso, serão decisivos para harmonizar os desejos da mente com o estágio de envelhecimento do corpo. Aliás, o envelhecimento sofre influência de diversos fatores como idade, estresse, tabagismo, exposição solar e força de gravidade, por estes motivos, algumas vezes duas pessoas têm a mesma idade cronológica e uma delas apresenta ser bem mais velha.

As principais marcas do tempo são as rugas, por contração muscular ou “glabellares” (entre os olhos) e as provocadas pelo sol. Outra alteração importante é a produzida pela força da gravidade que puxa todas as estruturas para baixo (face, pescoço, mama, etc.)

Nas pálpebras, veremos as rugas e bolsas de gordura que dão um ar de cansaço eterno; essa cirurgia é realizada em consultório, sob anestesia local, com

duração em torno de uma hora, podendo o paciente ter alta imediatamente. A cirurgia da face é realizada em hospital, sob anestesia local, com sedação realizada por anestesista, com duração entre 3 e 5 horas, dependendo da extensão do procedimento. O paciente permanece internado durante 24 horas, havendo então o reposicionamento das estruturas da face que caíram pela ação gravitacional, atuando nas estruturas músculo-aponeuróticas sob a pele, retirando apenas o excesso, gerando assim resultados naturais. Todo procedimento realizado na face produz edema e equimoses, que permanecem em média 10 a 20 dias. Os pontos são retirados entre 3 e 8 dias.

As intervenções de face em geral doem muito pouco, estando o paciente liberado para o trabalho, caso necessite, a partir do 3º dia, podendo usar maquiagem para esconder as marcas sem perigo de artificialismo. Essas cirurgias promovem muita satisfação ao vermos a mudança na auto-estima dos pacientes operados, conseguindo com o rejuvenescimento maior equilíbrio entre a idade espiritual e a aparência física.

Podem servir para melhorar a confiança no trabalho, para acompanhar um novo estilo de vida que precisa de reforço, ou simplesmente para ajudar a fazer com que o paciente pareça tão belo quanto se queira imaginar do ponto de vista da auto-avaliação estética.

Embora a cirurgia plástica seja muito popular entre as mulheres, tem sido utilizada pelos homens, em cada vez maior número, nos últimos dez anos. É importante, porém, ter expectativas realistas: melhorar a aparência da face ou do corpo faz com que o indivíduo se sinta bem consigo mesmo e melhore sua qualidade de vida de várias formas, mas não garante felicidade, ou melhor, relacionamento

com os outros. A cirurgia apenas faz com que a pessoa atingida pareça melhor, mas isso não se reflete incondicionalmente em seu trabalho e vida relacional.

5.4.3 Contribuição de áreas correlatas

A Ergonomia tem que compreender também a influência da obesidade mórbida e da AIDS (SIDA) para os cálculos de produtividade, assim como o Brasil tem incorporado estudos sobre a deficiência física e a alocação adequada de trabalhadores deficientes em funções específicas.

A obesidade mórbida não é um fato isolado e este é um problema real de milhares de brasileiros. Ultimamente, temos visto a popularização da “Cirurgia de Capella” (com resecção de parte ou de todo o estômago), uma opção para os casos especialmente graves e que exijam uma forma definitiva de perda de peso. Sem tal providência, o obeso mórbido fica submetido a diversos males sociais, profissionais e de saúde, como os já referidos no capítulo 4 (Quadro 1).

Chegam a ser folclóricas as tentativas dos obesos mórbidos em fazer dietas, que no fim os levam a recuperar todo o peso perdido e até alguns quilos a mais, como vários trabalhos científicos já comprovaram. Nesse sentido, formou-se um consenso mundial, desde 1991, de que o tratamento para obesidade mórbida deve ser cirúrgico.

A cirurgia não é um milagre, mas uma forma de recuperação para o indivíduo do prazer de viver e para o trabalhador, do respeito dos superiores e dos subordinados. Aquele corpo enorme, sempre cansado, sem saúde e sem agilidade, prenhe de complexos e de solidão, deixa a atmosfera onipresente de culpa e a

constante ameaça de doenças que param de incidir sobre ele, uma vez que sua causa (a obesidade) foi definitivamente extirpada.

Aliás, é interessante anotar que a mídia brasileira mantém em seus quadros de programação apresentadores obesos, como Jô Soares e Faustão (Rede Globo) e José Luiz Datena (Rede Bandeirantes) que contrariam, solenemente, o biótipo de saúde com o qual se quer convencer os obesos de se livrarem de seus problemas. São profissionais extremamente bem sucedidos, com salários astronômicos e que parecem fugir, como exceções, à sanha pelo corpo magro que parece assaltar o mundo da moda e o “show-business”, comprovando que mesmo para as regras mais apegadas há exceções, que, no caso, são ilustres.

No entanto, como gostar de si próprio, se existe um ódio básico sobre o próprio corpo?

Os corpos contemporâneos carregam muitas ansiedades e apelos, numa cultura muito exigente em matéria estética, que aumenta na escala das necessidades já previstas como vimos na Pirâmide de Maslow (Fig.1). O corpo é um “problema”, que se origina numa inspiração social idealizada, o que possibilita o controle de suas distorções, através de medicamentos, tratamentos e cirurgias.

O corpo passa a ser estudado por diversas disciplinas, entre as quais a Antropologia e a Sociologia. Das salas de cirurgia às de musculação, passando-se pelas farmácias de qualquer esquina, busca-se aprimorar a estética corporal, gerando comportamentos maníacos que atualmente beiram o absurdo¹⁵⁰.

No que tange às operações comerciais dos laboratórios farmacêuticos em vender “um novo estilo de vida”, a doença é sempre algo previsível, capaz de ser domada por um tratamento eficaz, como no caso da obesidade:

¹⁵⁰ Cf. “Corpo e Saúde”: um olhar antropológico sobre o consumo dos remédios do estilo de vida”, in www.congressocorpo.hpg.ig.com.br/comum%20htm

Doença dispendiosa, de alto risco, crônica e recorrente, a obesidade afeta milhões de pessoas em todo mundo, inclusive crianças. Embora não seja nova, ela assume agora proporções epidêmicas e está aumentando. Esta tendência é, sem dúvida, alarmante em virtude das doenças associadas à obesidade. A obesidade é sinônimo de perda de qualidade de vida¹⁵¹.

Ou então, nessa outra “opinião”:

Estar de bem com a vida não é só sinônimo de satisfação com a aparência. E a sua saúde, como vai? Além de prejudicial à auto-estima, o excesso de peso é um problema crônico que afeta grande parte da população do mundo e pode levar a doenças do coração, diabetes, hipertensão e até problemas emocionais. E finalmente para vencê-lo, você precisa de ajuda especializada, que privilegie a sua saúde. Para combater o excesso de peso, não basta, entretanto, fazer dietas da moda. É necessário mudar o seu estilo de vida, trocando hábitos sedentários por atividades físicas regulares, abandonando cardápios pesados por saborosas comidas saudáveis. Escolha emagrecer não porque você quer ficar com um corpo mais bonito: opte por viver mais e melhor¹⁵².

A obesidade, assim como a depressão, é caracterizada como uma doença epidêmica, com potencial para se tornar um dos grandes problemas de saúde do mundo nos próximos anos. Apesar de ser tratada como uma doença, que pede tratamento pontual e específico, o processo passa por vários campos do estilo de vida do indivíduo, como assumir uma alimentação mais saudável e abandonar um padrão fisicamente sedentário. A melhora da qualidade de vida e a recuperação da auto-estima são benefícios periféricos que o tratamento pode trazer. É importante perceber que parte da discussão dá-se sobre o motivo pelo qual uma pessoa deveria querer emagrecer: não apenas com o objetivo de perder o peso corporal, mas fazê-lo por uma questão de saúde. O problema da obesidade é afastado das suas conexões com a estética e o padrão de beleza magro valorizados dentro da cultura ocidental; estas se tornam motivações menos importantes na busca pela diminuição do peso corporal. A razão central e mola propulsora deve ser a questão da saúde, visto que a obesidade, neste espaço de divulgação, ganha o estatuto de doença. Ao contrário da questão da estética corporal, questão que poderia ser

¹⁵¹ Ibid.

¹⁵² Trecho retirado do site “obesidade.com.br”, mantido pelo Laboratório Roche, fabricante da pílula “Xenical”.

tratada de outras formas que não via tratamento médico, e cujos valores poderiam ser postos em discussão, a saúde é um valor incontroverso, ao menos na cultura contemporânea de classe média urbana. Com isso, ganha força a prática biomédica, que define a técnica mais adequada de tratamento”¹⁵³.

Quanto à questão emergente da AIDS (SIDA), a Organização Mundial do Trabalho (OIT), em seu primeiro relatório mundial sobre discriminação no local de trabalho, afirma que pessoas contaminadas ou com suspeitas de contaminação pelo vírus HIV têm oportunidades precárias de emprego. Em alguns países, candidatos a um posto de trabalho chegam a ser submetidos a testes de detecção de vírus antes de serem contratados.

O documento diz que a discriminação continua a ser uma prática extremamente comum, embora envolva menos grosseria do que no passado. O relatório, publicado recentemente pela OIT, afirma que a discriminação ocorre ao redor do mundo – embora varie de um país para o outro -, afetando a produtividade, a eficiência e o ânimo dos trabalhadores.

Domingues e Bier¹⁵⁴ avaliaram o impacto do HIV/AIDS no mercado de trabalho brasileiro, em virtude de ser um tema ainda não tratado pela ciência da Administração (nem tampouco, diríamos, pela Ergonomia). Pelo fato de 80% dos infectados possuírem idades entre 18 e 50 anos, portanto pertencerem ao contingente denominado “população economicamente ativa”:

Torna-se imprescindível realizar trabalhos que avaliem a epidemia para a prevenção e minimização de seus custos e impactos no trabalho, no patrimônio das empresas e na sociedade. Nesta pesquisa foram levantados e analisados os direitos dos trabalhadores (acesso ao emprego, reintegração do doente de AIDS, direito de sigilo, FGTS e insalubridade), e

¹⁵³ Folder do programa “Viva bem, Viva Leve”, criado pelo Laboratório Knoll, fabricante da pílula “Reductil”. O programa oferece uma espécie de acompanhamento para quem está em tratamento para combater o excesso de peso através da pílula “Reductil”.

¹⁵⁴ Cf. Noticiário BBC – Internet, 12/05/2003 – “Portadores de HIV têm menos chances de emprego” diz OIT”, publicado às 09h 02m GMT

feito uma pesquisa de campo para a avaliação do desempenho e das relações e condições de trabalho dos portadores do HIV. Os direitos dos trabalhadores foram pesquisados em artigos de revistas especializadas e em livros de direito do trabalho que se referem ao tema. A pesquisa de campo foi realizada em duas etapas distintas, uma no laboratório de infectologia do Hospital Nereu Ramos da Grande Florianópolis, avaliando pacientes da rede de saúde pública, e outra num consultório de infectologia de atendimento particular, para avaliação de pacientes portadores de HIV com melhor situação econômica. Com os resultados da pesquisa de campo foi possível comparar a situação teórica de Direito com a realidade do mercado de trabalho. **Os principais resultados da pesquisa de campo mostram que a maioria dos portadores atendidos na rede de saúde pública não conhece seus direitos e não tem acesso à tutela do Direito do Trabalho por estarem à margem do trabalho formal. Entretanto, por tomar medicação fornecida gratuitamente pelo Governo, apresenta alta qualidade de vida e não tem seu desempenho no trabalho afetado**¹⁵⁵. (os grifos são nossos)

Na verdade, essa pesquisa comprova que preconceitos (por conseguinte, julgamentos abstratos) podem intervir no processo produtivo, da mesma maneira como o conceito generalista de “boa aparência” contribui para modificar a estrutura admissional de mão-de-obra nas empresas e as relações interpessoais dentro e fora do trabalho, pelos motivos exaustivamente expostos e discutidos nesta tese.

Acreditamos que, num futuro muito próximo, seremos capazes de produzir normas sobre esses temas, que possam formalizar um atendimento universal às empresas, desejosas de não interromper o processo produtivo e de aumentar a produtividade, dominando esses aspectos abstratos, “transergonômicos”, mas que afetam duramente o cotidiano das empresas e até sua sobrevivência ao longo do tempo.

¹⁵⁵ Cf. Resumo de “Impacto do HIV/AIDS no mercado de trabalho”, pesquisa de Thiago Moreira Domingues e da Prof.^a Clerilei Aparecida Bier, do Departamento de Estudos Administrativos e Gerenciais, in www.esag.udesc.br/pesq-ext/rh19991.htm

CAPÍTULO 6 – CHRISTOPHE DÉJOURS E DOMENICO DE MASI – DOIS PARADIGMAS EM DEFESA DE UMA ECOLOGIA ESTÉTICA NO TRABALHO

Na atmosfera contemporânea de ilusão, simulacro e valorização suprema da beleza e do sucesso, o trabalho não poderia deixar de ser afetado, e duramente, o que motivou a interpretação de novas teorias comportamentais e psicológicas, que denunciaram as distorções, injustiças e deformações de suas condições no âmbito principalmente das grandes organizações.

Segundo Foucault (1990)¹⁵⁶, a valorização do corpo enquanto instrumento de trabalho e produção foi estabelecida, tornando o homem dependente, numa relação “dominante-dominado”: *“o capitalismo socializou um primeiro objeto que foi o corpo, em função da força produtiva, da força laboral”*¹⁵⁷.

Essa relação fundou uma organização especial de trabalho, baseada na divisão social e hierárquica das funções, que influenciaram, por sua vez, a saúde e a sociabilidade do trabalhador. Hoje em dia, o trabalho está cada vez mais direcionado à busca da satisfação das necessidades básicas, de realização dos sonhos e das fantasias. É uma forma de tentar enquadrar o jeito de ser à produtividade, à competência, ao reconhecimento, à ocupação de um espaço na sociedade. O indivíduo produtivo torna-se integrado ao que culturalmente representam as boas condições de saúde, participando do bom desenvolvimento da organização, da família, da comunidade em que vive.

Filósofos como Domenico de Masi (escola italiana) e Christophe Déjours (escola francesa) vêm apontando para um futuro, em que a classe trabalhadora terá

¹⁵⁶ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Grall, 1990.

¹⁵⁷ Cf. “Incorporacion del hospital en la tecnologia moderna”. Educ. Méd. Saude, 12 (1) 1978, p. 35.

mais horas livres (ócio e lazer) e conquistará a possibilidade técnico-legal de se livrar da alienação forçada do labor (jornadas de trabalho semanais com menos de 35 horas, por exemplo), principalmente em países desenvolvidos.

Déjours afirma que os mais diversos fatores pessoais, ambientais e sociais são capazes de influenciar no sofrimento psíquico do trabalhador, provocando doenças mentais e físicas. Pode-se dizer que o trabalho envolve tanto a carga física quanto a carga mental (aspectos neurofisiológicos e psicofisiológicos), sugerindo o autor denominar "carga psíquica do trabalho" os aspectos emocionais subjetivos que não podem ser quantificados. Em outras palavras, o organismo humano influenciaria e é influenciado pelo meio, sendo constituído por uma história pessoal que o leva a objetivos, sonhos, necessidades e de cargas pessoais de vivências, experiências e emoções (de acordo com sua estrutura de personalidade)¹⁵⁸.

A carga psíquica torna-se ameaçadora ou prejudicial quando há subemprego de aptidões psíquicas ou psicomotoras na elaboração de uma situação ansiogênica inesperada. A ameaça do bem-estar do aparelho psíquico ocorre não somente na ausência do livre funcionamento, mas na descarga de energia psíquica liberada permitida pela tarefa e sua automática redução no trabalho. Então, quando há diminuição da carga psíquica, o trabalho é equilibrante e quando não há essa diminuição ou há um aumento, ele é fatigante, pois há acúmulo de energia que se transforma em tensão e desprazer, chegando à fadiga e à patologia¹⁵⁹.

Déjours vincula a saúde mental ao reconhecimento no trabalho pela hierarquia (que lhe transmite a noção de utilidade na função) e pelos colegas (fazendo-o sentir-se inteligente e talentoso no exercício das atividades). A intenção

¹⁵⁸ Cf. Déjours. **A Loucura do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 1987 e C. Déjours e C. Jayet. **Psicodinâmica do Trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

¹⁵⁹ Ibid.

inicial foi a de organizar o sistema de trabalho a ser desenvolvido, mas a organização científica do trabalho acabou por ocasionar danos psicopatológicos de ansiedade no decorrer da história, identificados em três formas: a divisão do modo operatório; a divisão do organismo entre órgãos de execução e órgãos de concepção intelectual e a divisão dos homens compartimentados:

Entre o homem e a organização prescrita para a realização do trabalho, existe, às vezes, um espaço de liberdade que autoriza uma negociação, invenções e ações de modulação do modo operatório, isto é, uma invenção do operador sobre a própria organização do trabalho, para adaptá-la às suas necessidades, e mesmo para torná-la mais congruente com seu desejo. Logo que esta negociação é conduzida ao seu último limite, em que a relação homem-organização do trabalho fica bloqueada, começa o domínio do sofrimento - e da luta contra o sofrimento¹⁶⁰.

Déjours cita que todo relacionamento possui uma carga inexorável e inerente às histórias individuais das pessoas envolvidas, o que freqüentemente as contamina e sobrecarrega por causa das lembranças e simbologias muitas vezes inúteis e/ou traumatizantes. A influência desta interligação pode chegar a determinar a estrutura do relacionamento da pessoa consigo, com o outro, com o trabalho e com tudo o que o envolve. A carga afetiva está comprometida com a história passada e presente, despertando sentimentos de gratificação e/ou frustração. Se trabalhamos em condições gratificantes, gostamos do trabalho; mas se trabalhamos de forma discriminada, sentimos raiva, embora, de qualquer forma, estejamos estabelecendo contato com o meio. A busca da individualidade, do crescimento, de deixar as marcas no trabalho e no espaço organizado por ele mesmo, é uma forma de tornar afetivo o ambiente, estabelecendo vínculos e mantendo distância da impessoalidade. O reconhecimento, a desenvoltura e a realização acabam por se estabelecer na luta pelo desenvolvimento, pela ascensão e pelo controle sobre os

¹⁶⁰ Cf. A Loucura do Trabalho, op. cit., pp. 15 e 59.

gestos, objetivos e conquistas, pois o processo de decisão é sempre carregado de emocionalidade¹⁶¹.

A motivação para o bom desempenho decorre do desejo de que o trabalho signifique uma oportunidade de aprender e de proporcionar o próprio desenvolvimento na organização e, junto com ela, progredir. Já a produtividade é proveniente de uma relação de integração no desdobramento evolutivo do planejamento de ações e atividades. Do choque entre a história individual, com projetos, esperanças e desejos, e uma organização do trabalho que os ignora, resulta um sofrimento, que se traduz em insatisfação, medo e angústia no trabalho: "a fadiga é uma testemunha não específica da sobrecarga que pesa sobre um ou outro dos setores do organismo psíquico e somático"¹⁶².

Nos estudos sobre as condições de trabalho, tem-se reconhecido cada vez mais a existência de fatores de agressão à saúde relacionados, tais como deterioração, desgaste e envelhecimento precoce em que os trabalhadores criam defesas coletivas a fim de tornar suportável a permanência em situações de perigo. É o caso, por exemplo, da ridicularização do perigo, verificada em situações de trabalho que põem em risco o trabalhador. É nesse âmbito que se insere a psicopatologia do trabalho: o sofrimento está no centro da relação psíquica do homem com o trabalho. Não se trata de eliminar o sofrimento nem tampouco o trabalho. Dentre outras diretrizes, a psicopatologia trata das conseqüências mentais do trabalho mesmo na ausência de doenças. Especificamente, trata do impacto da organização científica do trabalho sobre a saúde mental do trabalhador. Segundo

¹⁶¹ Cf. Psicodinâmica do Trabalho, op. cit.

¹⁶² Ibid., p. 29.

Déjourns, a psicopatologia do trabalho é a análise dinâmica de processos psíquicos mobilizados pela confrontação do sujeito com a situação de trabalho¹⁶³.

Em decorrência, os fenômenos intrapsíquicos, intra-subjetivos, devem ser pesquisados através de uma abordagem qualitativa, que também considere o contexto macrossocial, de forma a articular os registros do singular e do coletivo. Ante essa perspectiva ampla defendida pelo pesquisador, há que se considerar sobretudo a diversidade de componentes da instância do trabalho e os níveis que ela alcança, do individual ao macrossocial.

Sob o domínio do modelo taylorista de produção, o trabalhador é submetido a um tipo de trabalho de tarefas fragmentadas, com modo operatório e ritmo preestabelecidos por outra pessoa. É um trabalho repetitivo e sob pressão, no qual não sobra lugar para a atividade fantasiosa. Como consequência, acumula-se a energia psíquica, transformada em fonte de tensão, astenia e, posteriormente, patologia:

Submetido a excitações vindas do exterior (informações visuais, auditivas, táteis, etc) ou do interior (excitações instintuais ou pulsionais, inveja, desejo), o trabalhador retém energia. A excitação, quando se acumula, torna-se a origem de uma tensão psíquica, popularmente chamada tensão nervosa. Para liberar esta energia, o trabalhador dispõe de muitas vias de descargas que são, esquematicamente: via psíquica, via motórica e via visceral¹⁶⁴.

O segundo elemento, as relações humanas, materializa-se na divisão dos homens. As pessoas são divididas hierarquicamente pela organização do trabalho, sendo comandadas e supervisionadas, tendo suas relações definidas e reguladas pelo modelo de organização do trabalho. Nessa abordagem, o autor aponta a necessidade de flexibilizar a organização do trabalho de modo a conceder maior

¹⁶³ Ibid., pp. 30 e segs.

¹⁶⁴ Cf. C. Déjourns, C. Dessort e F. Desriaux, "Por um Trabalho, fator de equilíbrio", in **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 33, nº 3, mai/jun, 1953.

liberdade de operação ao trabalhador, o qual passaria a atender seus desejos, as necessidades do seu corpo e as variações de seu estado de espírito.

Além disso, segundo o psicanalista francês, a atual gestão das empresas está criando um círculo do medo, nos locais de trabalho em que pesa sobre os empregados o pavor da demissão e conseqüente precarização da vida, que, somados à sobrecarga de trabalho, vão afetando a saúde física e mental. Nesse clima de ameaça permanente, gerentes, procurando "mostrar serviço", aproveitam para aumentar a produtividade e apressar a substituição daqueles que julgam menos preparados, sem dispensar verdadeiros requintes de crueldade para isso. Transforma-se em regra o crescimento da tolerância à injustiça e da aceitação de condutas antes reprováveis.

Déjourns compara o neoliberalismo ao nazismo, em sua capacidade de banalizar o mal, afirmando que a tese do "fim do trabalho" não se sustenta de jeito nenhum. O que se observa, atualmente, é para ele uma reviravolta no pleno emprego e na estabilidade do emprego. Portanto, é o emprego que está em questão e não o trabalho enquanto trabalho. Questiona-se, também, o modo como se fala do trabalho, já que o tempo de trabalho formal não reflete a totalidade do tempo de trabalho dos assalariados. Por exemplo, a maioria de nós é obrigada a reciclar-se continuamente. Um técnico que vende e conserta máquinas de lavar deve aprender constantemente a ler informações sobre novos aparelhos etc. Mas ele não faz isso em seu local de trabalho, não podendo sentar e pesquisar sobre o assunto, já que tem outras coisas a fazer, como cálculos, vendas, consertos. Enfim, a necessidade de "dar produção" vai fazer com que essa formação se desloque para outro período (à noite, em casa, fora do "horário de trabalho", etc.), o que evidencia o fato de que

as pessoas trabalham cada vez mais, sem ser pagas pelo que fazem e sem o amparo legal correspondente¹⁶⁵.

Aqueles que têm emprego, sob a pressão cada vez mais forte do desemprego e do salário por mérito, trabalham de maneira cada vez mais intensa. Assim, no mesmo momento em que se anuncia o "fim do trabalho", especialistas em saúde do trabalho vêm surgir novas formas de patologias decorrentes da sobrecarga: esgotamento profissional ("*burn out*"), alterações músculo-esqueléticas ligadas aos esforços repetitivos, alterações cognitivas etc. Mais trágico, ainda, multiplicam-se as tentativas de suicídio nos próprios locais de trabalho. É um fenômeno novo e muito angustiante¹⁶⁶.

O trabalho representa uma segunda chance de obter ou consolidar a identidade e adquirir um pouco mais de confiança pessoal. Ele intervém, constituindo-se numa chance de obter o olhar do outro¹⁶⁷.

O trabalho sempre gerou sofrimento que veio a se constituir no próprio núcleo. Mesmo quando se trabalha numa linha de montagem, não basta seguir apenas as prescrições. Se todos os trabalhadores se limitassem a executar apenas as determinações, a produção pararia. Para que a produção prossiga, sem interrupções, é preciso que os assalariados mobilizem sua criatividade e inteligência a fim de resolver imprevistos. De certo modo, é indispensável que transgridam regulamentos e prescrições da empresa para que a organização do trabalho funcione. E, fazendo isso, se expõem a punições¹⁶⁸.

O sofrimento pode transformar-se, porém, em realização e satisfação pessoal quando se consegue resolver problemas e, a partir disso, se obtenha

¹⁶⁵ Cf. A Banalização da Injustiça Social, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.

¹⁶⁶ Ibid.

¹⁶⁷ Cf. "A Violência Invisível", entrevista ao jornal suíço "Le Courier", traduzida e publicada pela Revista "Caros Amigos", nº 26, maio de 1999.

¹⁶⁸ Ibid.

reconhecimento. Por meio do reconhecimento dos outros, o sofrimento adquire um sentido: “não sofri em vão, meu sofrimento serviu para alguma coisa”. Então esse sofrimento se transforma em realização pessoal e ajuda a reconstruir a identidade¹⁶⁹.

Aquele que perde seu trabalho perde com ele o direito de contribuir para a sociedade e, portanto, não pode mais obter reconhecimento. Quem se encontra desempregado há muito tempo perde algo que, no fundo, é a reivindicação mais forte: o direito de ser útil à sociedade. A maioria das pessoas quer trabalhar. E não pelo prazer de sofrer, mas porque espera alguma coisa em troca¹⁷⁰.

Hoje, o primeiro elemento estruturante do trabalho é o medo, a ameaça do desemprego e da precarização. Essa ameaça se combina com o temor pessoal de não conseguir manter o desempenho, o ritmo, os objetivos, de não estar à altura da situação e das mudanças tecnológicas.¹⁷¹

A avaliação do trabalho torna-se impossível, uma vez que o que é decisivo no trabalho é a engenhosidade, são os truques de inteligência que driblam os regulamentos para que o sistema funcione e resolva problemas imprevistos. Mas tudo isso pertence ao domínio do invisível: não se sabe avaliar a subjetividade, a inteligência das pessoas, a dor que elas sentem, bem como não se sabe avaliar o que elas colocaram de si mesmas no trabalho. O trabalho, enquanto subjetividade, é um verdadeiro problema, porque a subjetividade não faz parte do mundo visível¹⁷².

A avaliação, portanto, é uma pseudociência, que só serve para manter os trabalhadores sob pressão, sob ameaça constante: como não se consegue avaliar o trabalho enquanto tal, o jeito é medir-lhe o tempo. Mas hoje o próprio tempo não é mais controlável, porque não se sabe mais o que se faz dentro do tempo de trabalho

¹⁶⁹ Ibid.

¹⁷⁰ Ibid.

¹⁷¹ Ibid.

¹⁷² Ibid.

e fora dele. As pessoas têm medo da avaliação, devem provar sua rentabilidade; trabalham, portanto, de maneira cada vez mais intensa. Assim, assiste-se, atualmente, ao crescimento de patologias decorrentes da sobrecarga, de alterações físicas e psíquicas ligadas ao trabalho¹⁷³.

A gestão da empresa mudou, repousando sua base de política de pessoal na ameaça ininterrupta aos assalariados. Nesse novo “clima”, o esforço e o sofrimento vivenciados pelos trabalhadores adquirem status diferente: antes, se um chefe perseguia alguém, se um empregador fraudava a folha de pagamento de seus operários, se alguém violava os direitos do trabalho, entendia-se isso como uma coisa errada. Era possível levar essas pessoas à Justiça ou desencadear um movimento de solidariedade. Hoje, essas técnicas não são apenas utilizadas, como se tornaram legítimas. Faz-se errado e tudo bem: desemprega-se, terceiriza-se, pagam-se duas vezes menos, e tudo bem! Essas mudanças engendraram uma nova forma de sofrimento, o sofrimento ético. Em inúmeras empresas, pede-se aos trabalhadores para participar de atos que eles reprovam: aderir a um plano social, a um plano de demissão, a um "enxugamento"... Os chefes são levados a demitir pessoas com as quais trabalharam durante anos e empregados são obrigados a avaliar outros empregados, sabendo que os resultados podem conduzir a demissões. Mas o sistema não caminha sozinho: é necessário que alguém veja as pessoas serem humilhadas e prejudicadas à nossa volta, sem que haja um protesto. Surge, então, uma verdadeira aceitação das injustiças. Tal consentimento coloca um enorme problema para a maioria de nós, porque temos um senso moral. É isso que cria essa forma específica de sofrimento, que é o sofrimento ético: um conflito moral e emocional consigo mesmo. E atrás de tudo isso se esconde uma profunda crise de

¹⁷³ Ibid.

identidade, pois, se sou testemunha de que meu chefe prejudica um colega que não merece isso, mas apesar disso me calo, sei que no fundo sou um covarde. E, se me considero covarde, perco a confiança em mim e nos outros, porque eles se conduzem como eu. Essa desestabilização pode levar à depressão ou a formas mais trágicas, como o suicídio, principalmente em locais de trabalho¹⁷⁴.

Na situação atual, todos somos mais ou menos obrigados a desenvolver estratégias específicas para nos proteger do que o sofrimento dos outros provoca em nós. E não é somente no caso do trabalho. Deparar com os mendigos na rua, é preciso desenvolver uma couraça contra isso. E, se a gente o faz, não sente mais o sofrimento, fica indiferente. E começa a descrever esses mendigos de outro modo: "são alcoólatras", "eles fedem" etc. Não são mais homens que sofrem. Não são mais como eu. Assim, para poder continuar trabalhando nas condições que nos são dadas, somos obrigados a nos servir de nossas defesas. Se a gente é muito sensível à dor do outro, não agüenta. As defesas fazem dos agentes cúmplices de sofrimento. Elas tornam possível a tolerância e a injustiça social e permitem a manutenção do sistema que gera tais sofrimentos¹⁷⁵.

Contrastando essa visão sobre a natureza do trabalho no mundo contemporâneo, que suas grandes linhas não contestam o sistema estabelecido surgiu e se popularizou, na Europa, não tão recentemente, a visão do sociólogo Domenico de Masi, que procura ver o assunto sobre um prisma completamente diferente.

Considera De Masi (2001) que neste início de milênio, uma nova civilização está emergindo na chamada era pós-industrial, trazendo consigo novos estilos de vida, uma nova economia, profundas mudanças profissionais e conflitos

¹⁷⁴ Ibid.

¹⁷⁵ Ibid.

políticos de outras naturezas. Diz-se desta nova civilização que o capital intelectual passa a ser sua força motriz, imagens e idéias passam a constituir-se no bem de maior valor agregado. Redefinem-se os paradigmas do mundo do trabalho, incluindo neles a criatividade, o lazer e a humanização como itens necessários e simultâneos à eficiência.

Nesse sentido, De Masi (2001) ficou conhecido por contrariar um dos maiores clichês da cultura ocidental: o de que só o trabalho enobrece o homem. Chegando o sociólogo italiano à conclusão de que o correto seria falar-se em ócio no lugar de trabalho: “as pessoas têm cada vez mais tempo livre e se isso for bem aproveitado surgirão grandes idéias”¹⁷⁶.

Para De Masi (2001), antes, o trabalho era quase totalmente prevalente físico. Hoje, a maior parte das tarefas pode ser delegada às máquinas. Ao homem restam as atividades criativas, além de mais disponibilidade para o lazer. A tendência, portanto, é que trabalhemos cada vez menos e possamos cada vez mais exercer o “ócio criativo”, que é uma mistura de estudo, trabalho e diversão¹⁷⁷.

O lazer pode ser mais cansativo do que 13 ou 14 horas de trabalho contínuo. Nós não sabemos descansar porque trabalhamos demais e, por uma necessidade doentia de compensação, entregamo-nos depois ao excesso de consumo, de comida, de bebida, de sono, de esporte e de sexo. O ócio criativo é algo diferente do lazer desesperado. Devemos (e precisamos) trabalhar com prazer, com alegria e, ao descansar, continuar criando, produzindo¹⁷⁸.

O símbolo mais eloqüente do ócio criativo é a rede, em que a pessoa se balança, para sonhar, refletir, lembrar, projetar, contemplar, sentir, poetizar. A rede

¹⁷⁶ Cf. Domenico de Masi, in “Novas Regras para uma sociedade nova”, entrevista á revista IMAPES: Instituto Manchester Paulista de Ensino Superior, Ano I, nº 1, setembro de 2001.

¹⁷⁷ Ibid.

¹⁷⁸ Cf. www.frontpress.com.br/eescritores/resenha0023.html

está em contraste com a cadeira dura e imóvel do burocrata e até mesmo da cadeira ergonômica, mais flexível e ágil do executivo moderno, a serviço, uma, do cumprimento do dever sacrificante, e a outra da (hoje mais excitante) competitividade¹⁷⁹.

A rede está também em contraste com a poltrona macia em que o esgotado trabalhador, ao fim do dia ou no final de semana, se joga e se afunda, para dormir ou simplesmente desligar-se, e em contraste igualmente com o divã psicanalítico, em que nos deitamos periodicamente para exorcizar com dor e lágrimas os nossos demônios¹⁸⁰.

Ócio nada tem a ver com preguiça, vadiagem, desocupação, alienação ou inércia. O ócio é o pai das idéias inovadoras, da amizade, da liberdade, do amor, da arte, do entusiasmo, do jogo, do cultivo da palavra, da solidariedade, do voluntariado, da oração, da inteligência, da alegria. O exemplo encarnado do ócio criativo é não estar mais concentrado na acumulação de bens, na obsessão produtiva do descartável, na aceitação cega do trabalho sem sentido¹⁸¹.

O ócio que defende é o "ócio criativo", uma forma inteligente e construtiva de utilizar o tempo. A lógica é simples: a média de vida da população, hoje, é mais do que o dobro da média de nossos avós, ao passo que o progresso tecnológico e o desenvolvimento organizacional, característicos da sociedade pós-industrial, surgida na metade do século 20, permitem produzir mais com menos esforço:

Um homem que vive 60 anos viverá cerca de 530 mil horas. Se trabalhar 40 anos, trabalhará 80 mil horas. Outras 220 mil horas serão dedicadas aos chamados cuidados com o corpo (dormir, alimentar-se, tomar banho etc). O que fazer com as restantes 230 mil horas? Temos todo esse tempo para descansar e viver¹⁸².

¹⁷⁹ Ibid.

¹⁸⁰ Ibid.

¹⁸¹ Ibid.

¹⁸² Cf. "Novas regras para uma sociedade nova", artigo citado.

O ócio criativo consiste, exatamente, em saber empregar o tempo livre:

"Chegou o tempo de trabalhar sem o suor do rosto", afirma De Masi (2002):

Temos o direito de trabalhar aproveitando o trabalho. O ócio criativo une o trabalho com o estudo (conhecimento) e o lazer (jogo e diversão). Podemos organizar nosso tempo e fazer com que todos os três coincidam. Esta é a única forma de produzir idéias geniais¹⁸³.

Para as empresas da era pós-industrial, voltadas para a produção de bens imateriais (valores, serviços, informação, estética, etc.) e que dependam da criatividade para permanecer no mercado, De Masi propõe uma revisão das regras que controlam a produção intelectual: "No trabalho manual, dobrando o tempo, tínhamos o dobro de quantidade, mas não se pode dizer o mesmo do trabalho intelectual, que não tem tempo nem lugar. O controle não serve para nada, senão para inibir a criatividade"¹⁸⁴.

Produzimos bens materiais quando muito controlados, e produzimos boas idéias quando muito motivados. As empresas, normalmente, costumam usar o controle, e não a motivação. Mas algumas empresas começam a compreender essa nova realidade:

A produção de idéias é mais rentável e menos poluente que a produção de bens materiais. Na sociedade pós-industrial, os países ricos produzem idéias, enquanto as fábricas de bens materiais migram para países do Terceiro Mundo, onde a mão-de-obra é mais barata e as leis de proteção ao meio-ambiente são menos exigentes. O fator determinante para fazer parte do primeiro grupo é a produção de arte e ciência.

As transformações tecnológicas, culturais, psicológicas e éticas ocorrem em passos diferentes. Já passamos para a sociedade pós-industrial mas mantemos a mentalidade da época industrial. O trabalho criativo está herdando as regras organizacionais do trabalho físico. Milhares de administradores são preparados para

¹⁸³ Ibid.

¹⁸⁴ Ibid.

aplicar, na produção de idéias, os mesmos métodos e processos da indústria metal-mecânica"¹⁸⁵.

Pensadores ainda vivos, Déjours e De Masi representariam dois paradigmas de reflexão sobre a natureza do trabalho, que poderiam ser úteis na reformulação das bases teóricas da Ergonomia e da Engenharia de Produção. É claro que como “santo de casa não faz milagre”, sendo contemporâneos de nosso tempo, os dois despertaram mais desconfianças no pensamento acadêmico conservador do que serviram como formuladores de novas normas para o trabalho realizado no cotidiano das empresas.

Como sabemos que o trabalho ainda produz dor, em nossa civilização, as portas do futuro estão abertas para espaços de eliminação do sacrifício, das patologias existentes em torno do complexo fenômeno do trabalho.

Há uma lenta, mas persistente evolução, principalmente no âmbito das grandes organizações, de substituir-se a dor e o sacrifício pela motivação e o entusiasmo, a despeito de sentirmos, reversivamente, nos estertores da mentalidade neoliberal, uma tendência de valorizar-se a produtividade através da substituição da mão-de-obra pelas máquinas, demitindo-se os eventuais excessos de colaboradores.

O núcleo de nosso pensamento e de toda a nossa caminhada, nesta tese, pressupõe que o conceito de trabalho seja reavaliado, retirando-se dele o perfil alienante e dolorido, típicos dos “métodos e processos da indústria metal-mecânica” e que aceite, em definitivo, o trabalho como uma forma de capital intelectual imprescindível à continuidade da produção.

¹⁸⁵ Ibid.

Nesse sentido, os critérios ligados à auto-estima e à boa aparência, tão largamente discutidos aqui, formam um conjunto de dados subjetivos que, junto às noções de preservação do meio ambiente e desenvolvimento sustentável, criam novos paradigmas que emergem nos estudos da Engenharia de Produção ou novas abordagens da realidade denominadas “holísticas” ou “sistêmicas” ou ainda “holístico-ecológicas”, que evidenciam o quanto estamos nos tornando preocupados com a dimensão planetária, com a proteção da biodiversidade das espécies, com as modificações climáticas e, acima de tudo, com o bem viver da pessoa enquanto sujeito de sensibilidade e de desejos.

CAPÍTULO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UMA ECOLOGIA ESTÉTICA

O grande desenvolvimento econômico e científico, que teve início por volta da década de 1950, estendendo-se até os dias atuais, não proporcionou, ao mesmo tempo, um desenvolvimento social e espiritual correspondente. As transformações tecnológicas, culturais, psicológicas e éticas ocorrem em passos diferentes.

A par das inegáveis inovações tecnológicas, que proporcionaram a dilatação dos horizontes de intervenção e criatividade humanas, assistimos a um aumento da miséria social e da concentração de rendas no planeta em decorrência da expansão da política capitalista globalizada.

Do ponto de vista científico, tivemos um incremento muito grande de especializações, que fragmentaram de tal modo o conhecimento levando ao surgimento de reações paradigmáticas, buscando focos mais generalizados. Parece que, nesse contexto, caminhamos para o que os antigos prezavam como ciências integradoras, a partir do conagraçamento de especialidades afins, como a física e a matemática, a biologia e a medicina e os modelos de pesquisa das ciências sociais e humanas que convidam especialistas de várias áreas para seus projetos.

No âmbito das organizações, também se vai valorizando mais os profissionais de múltiplas aptidões, em detrimento dos que simplesmente "sabem" uma só função. De tal sorte que, quanto mais alto na escala funcional, mais conhecimento de setores diferentes e de linhas de comando interligado o profissional deve acumular.

Além das necessidades amplas de investimento em treinamento e educação, a mão-de-obra vai-se modificando em direção à sociedade do

conhecimento, da informática e da inteligibilidade de novas formas de produção e produtividade. As inovações da robótica, da telemática, da química-fina, das comunicações por fibra ótica, da miniaturização, da reprodução assistida e da clonagem de embriões - vão transformando o mundo e conduzindo-nos a um novo modelo de vida.

Na atual gestão do conhecimento, que prevalece dentro da maior parte das organizações dos mais diferentes ramos da economia, no intento de garantir a competitividade, valorizam-se cada vez mais os ativos intangíveis que a empresa possui, ou seja, o capital intelectual, o capital de relacionamento e o capital estrutural.

O capital intelectual é de propriedade do trabalhador que necessita estar constantemente motivado para se abrir e criar, pois, as empresas da era pós-industrial dependem da criatividade para permanecerem no mercado globalizado. Assim, pelo fato de dependerem cada vez mais do conhecimento, exigem empregados motivados e valorizam os recursos impalpáveis.

Entretanto, é importante ressaltar que a motivação do colaborador está diretamente ligada à sua auto-estima elevada. Quando o trabalhador possui uma auto-estima em baixa, acaba por tornar-se desmotivado em relação à função que desenvolve dentro da organização, prejudicando sua carreira e o andamento da produção na empresa.

Por sua vez, a auto-estima está relacionada com a satisfação gerada pela aparência física, donde decorre a importância deste fator no sucesso profissional das pessoas.

A Engenharia de Produção e a Ergonomia não poderiam deixar de acompanhar todas as novas possibilidades que emergiram juntamente com as

inovações tecnológicas, antes impossíveis de serem projetadas. O desenvolvimento que tem ocorrido nas áreas da neurociência, da psicobiofísica, na psicologia e na psiquiatria teve de ser considerados no âmbito do estudo da produtividade e na medicina do trabalho.

Por que não integrarmos, também, os aspectos discutidos da influência da boa-aparência e da auto-estima no âmbito da atividade laboral?

Assim, retomando o objetivo geral da presente tese, pode-se afirmar que com base no longo estudo desenvolvido através da utilização da literatura científica existente, relacionada ao campo da aparência física e da Psicologia das diferenças, é possível formular pressupostos que justifiquem a inclusão dessa área no campo de estudo da Ergonomia.

O pleno conhecimento desses mecanismos e a sua pesquisa em escala mais ampla, irá nos fornecer instrumentos para desenvolver a integração social de grupos humanos antes excluídos e que devem participar dos esforços e dos frutos do trabalho contemporâneo.

Achamos, por conseguinte, muito oportuno que se faça a interseção do entendimento das contribuições das cirurgias plásticas e ortognática, consideradas “cirurgias de integração social”, como foram amplamente discutidas nesta tese, com os interesses da Ergonomia de evitar a exclusão implícita ou explícita de trabalhadores potenciais.

Num mercado de trabalho severamente competitivo de acordo com os pressupostos ideológicos do neoliberalismo e da globalização, existe uma relação direta entre sucesso, fama e fortuna e, por outro lado, boa aparência, beleza e corpo magro. Com base no estudo desenvolvido, verificamos que os conceitos sobre a aparência física e facial possuem uma grande relevância psicossocial e exercem

uma repercussão representativa sobre o trabalho e a qualidade de vida da população em geral.

Assim, os novos aspectos subjetivos para seleção do emprego e desempenho no trabalho como os padrões de auto-estima e boa aparência, considerados aquém ou além da Ergonomia, merecem tratamento adequado nessa área inserida na Engenharia de Produção.

Cada vez mais deparamo-nos com uma sacralização do emprego em torno dos “puros”, vale dizer, trabalhadores dedicados, de boa aparência e antropometria correta, políglotas, criativos, e merecedores de salários de mercado. Neste ambiente sociológico, é evidente que a aparência física e facial, com seus reflexos diretos sobre a auto-estima, passa a ser matéria de estudo científico e de revisão de critérios ergonômicos.

Como foi destacado ao longo desta tese, a auto-estima relaciona-se intrinsecamente às novas características do trabalho, contribuindo para a melhoria da afetividade e grau de satisfação impregnando de bom-humor o ambiente laboral. Também promove uma mentalidade otimista e uma atmosfera de segurança entre os empregados, que se mostram mais prestativos com os colegas e clientes, sendo, portanto, essencial à Ecologia Laboral.

O estudo da Ergonomia sempre teve o seu alcance condicionado aos aspectos anatômicos, fisiológicos e psicológicos do homem, relacionando-o na maioria das vezes às ações repetitivas, ligadas às noções de tempos e movimentos, bem como aos ditames da divisão “científica” do trabalho, o que significa o ajuste puro e simples do trabalho necessário ao trabalhador e da máquina ou ferramenta ao homem.

Porém, na medida em que abrangemos parâmetros como auto-estima e aparência física no estudo da Ergonomia, poderemos perceber até que ponto alguns critérios intangíveis, ausentes inclusive das normas internas das empresas, podem interferir no cotidiano do trabalho e no aumento da produtividade.

Ao longo do desenvolvimento deste estudo observamos que na sociedade que vivencia, que valoriza a aparência sobre a essência, os indivíduos com “boa aparência”, são mais críveis e agradáveis, tidos como amigáveis, inteligentes e bem-sucedidos, assim como recebem tratamento social diferenciado e mantêm um comportamento favorável numa variedade de contextos. Conseqüentemente, a auto-estima é geralmente maior nestas pessoas, o que pode ser um fator determinante na atmosfera de competitividade da economia globalizada.

Os critérios de "proporção divina", jamais serão referidos como objetivos pelos selecionadores de emprego, embora, na prática, saibamos que essas medidas são internalizadas no sub-consciente cultural das pessoas, que interpretam a mentalidade social vigente, de supremacia da "raça" branca, de seus atributos físico-faciais, bem como da aceitação de medidas antropométricas específicas para o bom desempenho no trabalho.

Na nossa civilização ocidental, a visão de um corpo bonito parece sempre deslocar-se do campo da genética para o entendimento sociológico de que ali está o resultado de um paradigma de riqueza ou de ascensão social. A busca desenfreada pelo corpo perfeito tem modificado sobremaneira o mundo do trabalho e produzido transformações sociais muito importantes, capazes de tornar neuróticos vários contingentes de trabalhadores.

A obesidade, que também integra o controvertido conceito de boa aparência, faz com que os indivíduos que exibem sobrepeso se vejam, por

consequente, como objetos de exclusão. O corpo passa a ser um "centro de dor", comparado com a magreza aplaudida no horário nobre da televisão, nos anúncios e filmes. E os departamentos de recursos humanos tendem em rejeitar os candidatos a emprego que exibam sobrepeso.

A integração à sociedade e ao mundo do trabalho de pessoas que não possuem o corpo ideal torna-se um imperativo categórico não só de empresários, mas de políticos, cientistas e médicos, preocupados com a exclusão social e sua forma mais degradante, a exclusão psíquica.

Hoje, a plena aceitação de normas ergonômicas sobre o trabalho físico não pode deixar de incluir aspectos interdisciplinares da medicina do trabalho, da sociologia, da psicologia, etc. e - como expusemos nesta tese - da cirurgia plástica, da cirurgia ortognática e de outras áreas ligadas à estética.

Na atmosfera social contemporânea de ilusão, simulacro e valorização suprema da beleza e do sucesso, o trabalho não poderia deixar de ser afetado - e duramente - o que motivou a interpretação de novas teorias comportamentais e psicológicas, que denunciaram as distorções, injustiças e deformações de suas condições no âmbito principalmente das grandes organizações.

Hoje em dia, o trabalho está cada vez mais direcionado à busca da satisfação das necessidades básicas, de realização dos sonhos e das fantasias. É uma forma de tentar enquadrar o jeito de ser à produtividade, ao reconhecimento, à ocupação de um espaço na sociedade. O indivíduo produtivo torna-se integrado ao que culturalmente representam as boas condições de saúde, participando do bom desenvolvimento da organização, da família e da comunidade em que vive.

Já passamos para a sociedade pós-industrial, mas mantemos a mentalidade da época industrial. O trabalho criativo está herdando as regras organizacionais do trabalho físico

O trabalho ainda produz dor em nossa civilização, mas as portas do futuro estão abertas para espaços de eliminação do sacrifício, das anomalias existentes em torno do complexo fenômeno laboral. Há uma lenta, mas persistente evolução, principalmente no âmbito das grandes empresas, de substituir-se a dor e o sacrifício pela motivação e o entusiasmo.

Nesse sentido, os critérios ligados à auto-estima e à boa aparência, largamente discutidos, juntamente com novas abordagens como conservação do meio ambiente e desenvolvimento sustentável, podem emergir como novos paradigmas holísticos ou sistêmicos, contribuindo para uma Ecologia Estética, capaz de construir uma nova linha de atuação no campo instigante e multidisciplinar da Ergonomia.

Em suma, se a Engenharia de Produção busca obter uma conversão ótima dos recursos naturais em benefício do homem - e o homem também é um recurso natural, talvez o mais complexo e excelente – a Ergonomia, como genérico da Engenharia de Produção, não poderá se furtar a introduzir em seu equipamento teórico o estudo da beleza e de suas conseqüências para o futuro do trabalho e da própria humanidade.

REFERÊNCIAS

A BANALIZAÇÃO da injustiça social. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.

A PSICOLOGIA contemporânea, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

A VIOLÊNCIA invisível. In Caros Amigos, nº 26, maio de 1999.

ADAMS, G. R. & CROSSMAN, S. M. **Physical attractiveness: a cultural imperative.** New York: Libra Publishing , 1978.

ÁGUILA, J. História da Cefalometria. In: _____. **Manual de Cefalometria.** São Paulo: Santos, 1997.

ALEXANDER, L. **O corpo em depressão, as bases biológicas da fé e da realidade.** São Paulo: Summus, 1983.

ALLEN, B. P. **Social behavior: fact and falsehood.** Chicago: Nelson-Hall, 1978.

ARGYLE, M. **Bodily communication.** London: Methuen, 1975.

ARNDT, E. M. et al. Beauty and the eye of the beholder: social consequences and personal adjustments for facial patients. **British Journal of Plastic Surgery.** v. 39, n.1, p. 81-84, 1986.

ARNDT, E. M. et al. Beauty and the eye of the beholder: social consequences and personal adjustments for facial patients. **Br J Plast Surg;** v.39, n.1, p.81-4, Jan 1986.

ÁVILA-PIRES, F. **Princípios de ecologia humana.** Porto alegre: Editora da Universidade/UFRGS,1983.

BALLONE,J.G. **PsiquWeb Psiquiatria Geral.** Disponível em: <http://sites.uol.com.br/gbllone/alimentos/vigorexis.html>.

BERGER, J. **Modos de ver.** Lisboa: Edições 70, 1972.

BERSCHEID, E. et al. Physical attractiveness and date choice: a test of matching hypothesis. **Journal of Experimental and Social Psychology.** v. 7, n.2, p. 173-5,1971.

BERSCHEID, E., WALSTER,E. Physical attractiveness. In: BERKOWITZ, L. **Advances in experimental and social psychology,** New York: Academic Press, 1974.

BIRKELAND, K., BOE, O., WISTH, P.J. Orthodontic concern among 11-year-old children and their parents compared with orthodontic treatment need assessed by index of orthodontic treatment need, v.110, n. 2, p. 197-205, Aug., 1996.

BONET, J. V. **Autoestima y evangello**. Madrid: Vida Nueva, 1999.

BRASIL. **NR – 17**, Portaria nº 3.751, de 23 de novembro de 1990. Ministério do Trabalho e do Emprego. Disponível em: <http://www.mtb.gov.br/Temas/SegSau/Legislacao/Normas/conteudo/nr17/default.asp>. Acesso em: 23/nov./2003.

BRIEF, A. H. et al. Integration top-down and bottom-up theories of subjective well-being: The case of health. **Journal of Personality and Social Psychology**. v. 64, n.3, p. 646-53,1993.

BRUCKNER, P. **Entrevista a Paula Mageste**, in Revista Época, 22/07/2002, ed. 218, p.16-7.

BUCHALLA, A. P., PASTORA, K. **Corpos à venda**, in Revista Veja, 06/03/2002, ed. 1741, p. 84-91.

BUCHOLLA, Anna Paula. **Trabalhar Engorda**. Disponível em: www2.uol.com.br/veja/idade/educacao/pesquisa/obesidade/1703.

BUFFA, E. **Administração da produção**.Rio de Janeiro: LTC, 1972.

BURK J, ZELLEN, S. L., TERINO, E. O. More than skin deep: a self-consistency approach to the psychology of cosmetic surgery. **Plast Reconstr Surg**, v. 76, n. 2, p. 270-80, Aug 1985.

CAETANO, M. D. **Segredos da boa aparência** – tese de doutorado para o Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.

CASINO,G. **El descubrimiento científico delas emociones**, in El País, 05/10/1999.

CHAUÍ, M. Vocação política e vocação científica da universidade. **Educ. Bras.**, v.15, n.31, p. 11-26, 1993.

CHESNAIS, J.C. **A vingança do terceiro mundo**, Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

CHIAVENATO, I. **Teoria geral da administração**. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1987.

CIRURGIA ORTOGNÁTICA. Disponível em: www.terra.com.br/saude/cirurgiaortognatica/2000/12/05/000.htm

CIRURGIAS DENTOFACIAIS. Disponível em: www.terra.com.br/saude/2000

Corpo e Saúde: um olhar antropológico sobre o consumo dos remédios do estilo de vida. Disponível em: www.congressocorpo.hpg.ig.com.br/comum%20htm

COURTINE, J. J. **Os satakhanovistas do narcisismo**. In: Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

DAVIS, L. G., ASHWORTH, P. D., SPRIGGS, L.S. Psychological effects of aesthetic dental treatment. **J Dent**, v.26, n.7, p. 547-54, Sep 1998.

DE MASI, D. Novas regras para uma sociedade nova. **IMAPES**, v.1,n.1, p.25, setembro 2001.

DE MASI, D. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DEJOURS, C. et JAYET, C. **Psicodinamica do trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS C. **A Loucura do trabalho**. São Paulo: Cotez-Oboré, 1992.

DÉJOURS, C., DESSERT, C., DESRIAUX, F. Por um trabalho, fator de equilíbrio. **Revista de Administração de Empresas, São Paulo**. v. 33, n.3, p. 16-20, 1953.

DEL HOYO, J.A. El cirujano maxilofacial, Hipócrates o Fídias. Rev. Iberoamer. Cirug. oral y maxilof., v.3, n.8, p. 83-92, 1981.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DESLANDES, S. F. et al. **Pesquisa social**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2000.

DINIS, P.B., DINIS, M., GOMES, A. Psychological consequences of nasal aesthetic and functional surgery: a controlled prospective study. **Rhinology**, v.36, n.6, Mar, 1998.

DION, K. K. et al. What is beautiful is good. **Journal of Personality and Social Psychology**. V. 24, n.1, p. 285-89, 1972.

Domenico de Masi, **Revista Nova Escola On line**. Outubro de 2000. Disponível em: <http://nterc.vilabol.uol.com.br/ociocriativo.doc/>

DOMINGUES, T. M., BIER, A. C. Impacto do HIV/AIDS no mercado de trabalho. In: www.esag.udesc.br/pesq-ext/rh19991.htm

DON JOHNSON, **Corpo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DORST, J. **Antes que a natureza morra**. São Paulo: Edgard Blücher, 1973.

EDGERTON, M.T. et al. Plastic surgery and psychotherapy in treatment of 100 psychologically disturbed patients. **Plastic Reconstructive Surgery**. V.88, n.4, p.94-608, 1991.

EPKER, B.N., STELLA, J. P., FISH, L. C. **Dentofaciais Deformities**. Baltimore: Mosby, 2000.

ESTEFANO, E. V. V. **Satisfação dos recursos humanos no trabalho: um estudo de caso na biblioteca central da UFSC**. Dissertação de Mestrado para o Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção/ Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

Estudo do governo dos EUA associa trabalho à dor, Disponível em: www.medicinanews.terra.com.br, em 22 de janeiro de 2001.

FELLIPPE, F. M. **O peso social da obesidade**. Porto Alegre, 2001. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul.

FERMES, A. **A nova sensibilidade**, in Revista Comunicação e Internet, 23/01/2000.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

FISH, L.C., EPKER, B.N. **Diagnosis and treatment plannig for the correction of dentofacial deformities**. Texas: the authors, 1981.

FONSECA, J. L. **Gestão Participativa e produtividade: uma abordagem ergonômica** - tese de doutorado para o Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção/ Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, UFSC,1995.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Grall, 1990.

FRANCO, A. **Ação local – a nova política da contemporaneidade**. Brasília: Agora- Associação para projetos de combate à fome, 1995.

FREEDMAN, A. M. et al. Cosmetic surgery and criminal rehabilitation. **South Med J**, v.81, n.9, p. 1113-6, Sep 1988.

FRIEDMANN, G. **Tratado de sociologia do trabalho**. São Paulo: Cultrix, 1973.

FRONT EXPRESS. **Resenha de Livros: o ócio Criativo**. Disponível em: www.frontpress.com.br/eescritores/resenha0023.html

GIDDON, D.B. Orthodontic applications of psychologycal and perceptual studies of facial esthetics. **Seminars in Orthodontics**, v.1,n.2, p.82-93, June 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

Gilda Chataignier, “Giles Lipovetsky, o filósofo do efêmero fala do luxo e suas digressões”. Disponível em: www.mododeusar.com.br

GILLESPIE, R. Women, the body and brand extension in medicine: cosmetic surgery and the paradox of choice. **Women health**. V. 24, n.4, p. 69-75, 1996.

GOLDMAN, W., LEWIS, P. Beautiful is good: evidence that the physically attractive

GONÇALVES, João Roberto. **Cirurgia tem alta precisão e exige anestesia geral.** Disponível em: <http://www.terra.com.br/saude/diversos/2000>

GRAHAM, J. A., JOUHAR, A. J. Cosmetics considered in context of physical attractiveness: a review. **International Journal of Cosmetic Science.** v. 2, n.3, p.77-80, 1980.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 5. ed. Petrópolis, 1997.

HARRIS, D. L. Symptomatology of abnormal appearance: an anecdotal survey, **Br J. Plast Surg.** V.35, n.3, p.312-23, 1982.

HARRIS, D. The benefits and hazards of cosmetic surgery. **Br J Hosp Med,** v.41, n.6, p. 540-5, Jun 1989.

HELDT, L., LEON, F.D. The psychological and social aspects of orthognathic treatment. **Plastic and Reconstructive surgery,** v.82, n.4, 318-320, April, 1980.

HESSSEN, J. **Teoria do conhecimento.** Coimbra: Armênio Machado Editor, 1968.

HILDEBRANDT, K. A. The role of physical appearance in infant and child development. In: **Theory and research in behavioral pediatrics.** Nova Iorque: Plenum , 1982.

HOCHBERG, J. **Visual perception.** In: ATKINSON,R. C. Et al. **Steven's handbook of experimental psychology.** New York: Wiley,1988.

HOCHBERG, J., **Perception.** KLING, J.W., RIGGS, L.A. **Experimental psychology.** New York: Winston, 1971.

HORN, Sérgio. **Ler,** in "Diário On Line Cartas". Disponível em: www.uol.com.br/diario_dovale/arquivo/2001/julho/09/page/fr-cartas.htm.

HUNTLEY, H. E. **The divine proportion: a study in mathematical beauty.** New York: Dover Publications, 1970.

IIDA, I. **Ergonomia: projeto e produção.** São Paulo: Edgard Blucher, 1997.

INCORPORACION Del hospital en la tecnologia moderna. **Educ. Med. Saúde.** V.12, n.1,p.35, 1978.

JACKSON, D. J.,HUSTON, T. L. Physical attractiveness and assetiveness. **Journal of Social Psychology.** v. 96, n.4, p.79-86, 1975.

JAMES, L.R., JONES, A. P. Perceived job characteristics and job satisfaction: an investigation of reciprocal causation. **Personnel Psychology.** v. 33, n.2, p. 97-135,1980.

Journal of Vocational Behavior: v.45, p.5, p 270-94, 1994.

JUDGE, A.T., LOCKE, A.E. Dispositional effects on job and life satisfaction: the hole of core evaluation, **Journal of Applied Psychology**, v. 83, n.1, p.99-116, 1998.

JUDGE, T. A.; LOCKE, E.A.,DURHAM, C. C. Dispositional effects on job and life satisfaction: the role of core evaluation. **Journal of applied Psychology**. V.83, n. 1, p.17-34, 1998.

JUDGE, T. A.; LOCKE, E.A.,DURHAM, C. C. The dispositional causes of job satisfacion a core evaluation approachl. **Research in Organizational Behavior**. V.19, n.151, p.151-88, 1977.

KAPLAN, H.I., SADOCK, B.J. **Compêndio de psiquiatria dinâmica**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1984.

KLASSEN, A., JENKINSON, C. FITZPATRICK,R., GOODACRE, T. Patients's health related quality of life before and after aesthetic surgery. **Br J Plast Surg**, v.49, n.7, p. 433-8, Oct, 1996.

KORDA, M. **O jogo do poder na empresa**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

KOTLER, P. **Marketing**, São Paulo: Atlas, 1980.

KRAFT, G. M., et al. A prospective psychological study of 50 female face-lift patients. **Plastic And Reconstructive Surgery**, v. 65, n.4, p.436-442, april, 1980.

LAHR, C. **Manual de filosofia**. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1945.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

Legislação e acidentes de trabalho. Disponível em: <http://www.eps.ufsc.br/disserta96/merino/cap3/cap3.htm>. Acesso em: 20/nov./2003.

LEVY, K., BARNET, M. **Patologia estrutural e funcional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1975.

MANCUSO, M.I.R. **Sociedade da comunicação, imagem do futuro**. In O Estado de São Paulo, 09/02/1991.

MARGOTO, José Antonio. **Obesidade, faça a sua avaliação**, Disponível em: www.escelsanet.com.br/sitesaude/artigos_cadastrados/artigo.asp?art=780

MARQUES, A. M. P. **Avaliação de estética facial para brasileiros da raça negra, segundo o ponto de vista dos ortodontistas, cirurgiões plásticos e dos próprios leigos da raça negra**. Minas Gerais, 2000. Monografia (Especialização em Ortodontia e Ortopedia Facial) - Unidade de Lavras, Universidade Federal de Minas Gerais.

MASLOW, A. **Motivação y personalidad**, Madrid: Dias de Santos, 1991.

MATHES, E.W., KAHN, A. Physical attractiveness, happiness, neuroticism and self – esteem. **Journal of Psychology**. V 90 ,n.2, p.27-35, 1975.

McCOLLOUS E. G. Beyond critical care: appearance-related afflictions, **Ala Med**, v.61, n.3, p. 12-21, Sep, 1991.

MCGREGOR, M. W., GREENBERG, R. L. In: GOLDWYN, R. M. **The unfavorable result in plastic surgery**. Boston: Brown, 1972.

MEDEIROS, E. B. **Medidas psico e lógicas: introdução à psicometria**, Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

MITRAANI, J. L. Unbearable ecstasy, reverence and awe the perpetuation of an “aesthetic conflict”. **Psychoanal Q**, v.67, n. 1, p. 102-27, Jan, 1998.

MONTMOLLIN, M. **L’analyse du travail prealable a la information**. Paris: Armand-Colin, 1974.

MORAIS, A.M. **Os ergonomistas advertem: micro faz mal à saúde**, in *Jornal do Brasil*, 12/02/1995.

MORAIS, R. **Filosofia da ciência e tecnologia**. Campinas: Papyrus, 1997.

MOSS,J.P., LINNEY, A.D., LOWEY, M.N. The use of three- dimensional techniques in facial esthetics. **Seminars in Orthodontics**, v.1, n.2, p. 94-104, June 1995.

MUNRO, I. R. Craniofacial surgery. In: CRABB, W. C. & SMITH, J. W. **Plastic Surgery**. Boston : Little Brown , 1979.

MUSSI, M. A. T. **Relatório de conclusão do curso de Pós Graduação em cirurgia buco-maxilo-facil pela Universidade autônoma de Madri**. Espanha: 1992.

NANDA,S.R.,GHOSH,J.Facial soft tissue harmony and growth in orthodontic treatment. **Seminars im Orthodontics**, v.1, n.2, p.67-81, June 1995.

NECOWITZ, L. B. & ROZNOWSKI, M. Negative affectivity and job satisfaction: cognitive processes underlyin the relationship and effects on employee behaviors.

OZGUR, F. et al. Life satisfaction, self-esteem, and body image: a psychosocial evaluation of aesthetic and reconstrutive surgery candidates. **Aesthetic Plast Surg**. V.22, n.6, Nov./Dec.1998.

PACCE, L. **Brasileiros distinguem dois padrões ideais**, in *O Estado de São Paulo*, 15/04/2002.

PASTORI, José. **Discriminação no trabalho**: Disponível em: http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/j_pastore/id080701.htm Acesso em: 19/nov./2003

PASTORE, K. **O feitiço do corpo ideal.** Disponível em: www2.uol.com.br/veja/idade/educaçao/pesquisa/obesidade/1932.htm.

PATRÍCIO, Z. M. **A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo:** uma questão bioética numa abordagem Holístico-Ecológica . Florianópolis, 1995. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina.

PECK, S. Relevância da estética facial na ortodontia. In: **Atualidades em Odontologia.** São Paulo: Editorial Premier. 1997.

PECK, S., PECK, L., The gengival smile line. **Agle Orthod**, v.62, p. 99-100, 1992.

PECK,S., PECK,L. Selected aspects of the art and science of facial esthetics. **Seminars in Orthodontics**, v.1, n.2, p.105-126,June 1995.

PINTO, C. R. **Fundamentos em ecologia.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PRINC, G., NAMAN,N. Le lifting./ face lifting. **Soins Chir**, v.11, n.3, p. 64-65, Jun-Jul 1986.

PROFFIT, R, WHITE, R.P.**Surgical-orthodontic tratment.** Missouri: Mosby,1991.

PROFITT, W.R., EPKER, B.N., HOHL, T. A. **Treatment planing for dentofacial deformities.** In: BELL, W. H., PROFITT, W.R., WHITE, R.P., **Surgical correction of dentofacial deformities.** Philadelphia: Sauders Co, 1981.

Projeto, Saúde e Trabalho, cartilha, Ed. Asta Médica, Disponível em: www.astamedica.com.br

PRUZINSK,T. **Psychopatology of body experience: expanded perspectives.** In: CAST, T.F., PRUZINSK, T. **Body images: desenvolvimento deviance and change.** New York: Guilford, 1990.

RAMOS, Maria Antonacci. **Narigudos e Insatisfeitos, Graças a Deus.** Disponível em: <http://www.casthalia.com.br/casthaliamagazine/artigos.htm/> 2002.

RICKETTS, R. M. Divine proportion in facial esthetics. **Clin Plast Surg** ,v.9, n.1, p. 401-422, Aug 1982.

RICKETTS, R. M. The biological significance of divine proportion and Fibonacci series. **Am J Orthod**, v.81, n.5, p.351-370, Mar 1982.

RICKETTS, R.M. Divine proportion in facial esthetics. **Clin Plast Surg**, v. 9,p. 401-422, 1970.

RICKETTS,R.M., et al. **Bioprogressive therapy.** Denver: Rocky Mountain Orthodontics, 1982.

ROCHE. **Laboratório Roche, fabricante da pílula “Xenical”**. Disponível em: http://www.obesidade.com.br/farma/obesidade/xenicare/web/default_conteudo.asp

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projeto de estágio e de pesquisa em administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROY, D. J. Caring for the self-esteem of the cosmetic patient. **Plast Surg Nurs**, v.6, n. 4,p.138-41, 1986.

RUDD, N. A. Appearance and self-presentation research in gay consumer cultures: issues and impact. **J Homosex**. v.31 n.1-2, p.109-34, 1996.

SANT'ANNA, D. B. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANTOS, N. dos et al. **Antropologia: a ergonomia dos sistemas de produção**. Curitiba: Gênese, 1997.

SBRAGIA R., MAXIMIANO A. C. Um estudo sobre os fatores da motivação e satisfação no trabalho. **Revista de Administração**, São Paulo; 5 (1): 7-17,1980.

SCHAFF, A. **O marxismo e o indivíduo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

SCHERER, I., FERREIRA, J.M.C. **Transformações sociais e dilemas da globalização: um diálogo Brasil/Portugal**. São Paulo: Cortez, 2000.

SHAKESPEARE, V., COLE, R. P. Measuring patient-based outcomes in plastic surgery service. **Br J Plast Surg**, v.50, n.4, p.242-8, Jun,1997.

STAFFORD, B. M. LA PUMA, J. SCHIEDERMAYER, D.L. One face of beauty, one picture of health: the hidden aesthetic of medical practice. **J Med Philos**, v.14, n.2, p 213-30, Apr 1989.

TOFFLER, A. **A terceira onda, a morte do industrialismo e o nascimento de uma nova civilização**, Rio de Janeiro: Record, 1980.

TUNG, A. W., KIYAK, H. A. Psychological influences on the timing of orthodontic treatment. **Am J orthod Dentofacial Orthop**,v. 113, n. 1,p. 29-39, Jan, 1998.

VEIGA, A. **A beleza conquistada**, in Revista Época, 01/07/2002, ed. 215, p. 98

VÉRON, E. **A estética**, São Paulo: Edições Cultura, 1944.

VICÁRIA, L. **Obsessão partilhada**, in Revista Época, 08/07/2002, ed. 216, p. 68-69.

WELIE, J. V. Do you have a healthy smile? **Med Health Care Philos**, v. 2, n. 2, p. 169-80, 1999.

WERTHEIMER, M. **Pequena história da psicologia**, São Paulo: Nacional - Editora/USP, 1972.

WISNER, A. **A inteligência no trabalho: textos selecionados de ergonomia**. São Paulo: Fundacentro, 1994.

www.esaq.udesc.br/pesq-ext/rh19991.htm

www.ortognatica.com.br, consultada em 12/05/2003.

www.sesipr.com.br/serviços/qvt_qualidade.htm

APÊNDICE

O CRITÉRIO “BOA APARÊNCIA” NAS EMPRESAS.

Esta pesquisa, com caráter de estudo preliminar, refere-se ao posicionamento dos critérios de auto-estima, boa aparência e influência da obesidade na composição do quadro de colaboradores das empresas.

Utilizamos questionários de dupla resposta, sim ou não, apenas para exemplificar que critérios subjetivos estão presentes nas escolhas dos departamentos de Recursos Humanos, demonstrando que os critérios de admissibilidade, cooptação e produtividade da mão-de-obra podem ser profundamente influenciados por eles.

As respostas às perguntas obtiveram os seguintes resultados tabulados:

Tabela 1 – Importância do critério da boa aparência

1. Você considera fundamental o critério de boa-aparência para a admissão de colaboradores em sua empresa?		
Sim	11	65%
Não	6*	35%

* Uma empresa declarou que depende do cargo; outra, que a boa-aparência é importante para o cargo de recepcionista;
Fonte: Empresas Pesquisadas

Tabela 2 – Critério da boa aparência e sua relação com a discriminação

2. É o critério de boa-aparência na verdade um processo de discriminação?		
Sim	5	29%
Não	12	71%

Fonte: Empresas Pesquisadas

Tabela 3 – Contemplação de negros, mulheres e deficientes com cargos na empresa

3. Considera que negros, mulheres e deficientes são bem contemplados com cargos e funções em sua empresa?		
Sim	14	82%
Não	3	18%

Fonte: Empresas Pesquisadas

Tabela 4 – Relação entre salário e boa-aparência

4. Os salários têm relação direta com a boa-aparência?		
Sim	1	6%
Não	16	94%

Fonte: Empresas Pesquisadas

Tabela 5 – Relação entre salário e competência

5. Os salários mantêm relação direta com a competência do colaborador?		
Sim	17	100%

Fonte: Empresas Pesquisadas

Tabela 6 – Relação entre obesidade e futuras promoções dentro da organização

6. A obesidade de algum colaborador prejudica-o em alguma futura promoção?		
Sim	2**	12%
Não	15	88%

** Uma empresa declarou que nesse item depende de cargo que exija resistência física;
Fonte: Empresas Pesquisadas

Tabela 7 - Interferência de deformidade dento-facial na carreira do colaborador

7. Considera que alguma deformidade dento-facial pode interferir na carreira do colaborador?		
Sim	3***	18%
Não	14	82%

*** Uma empresa declarou que só haveria interferência na função se a pessoa contratada fosse demonstradora de beleza.

Fonte: Empresas Pesquisadas

Os respondentes de sete das empresas pesquisadas fizeram alguns comentários adicionais, que passamos a expor, a seguir:

- Na pergunta sete, só haveria interferência se a função a ser desempenhada fosse a de demonstrador(a) de produtos de beleza;
- Duas empresas consideraram a boa-aparência ligada à higiene pessoal e uma delas especificou que tal higiene engloba o cuidado com o cabelo, a barba, as unhas e não com a beleza;
- Na pergunta um, somente para alguns cargos, por exemplo, recepcionista;
- Na pergunta seis, somente se o cargo depender de resistência física;
- Com relação à questão sete, apesar de optar pela alternativa “não”, a empresa considera que existem casos de discriminação por deformidade;
- Uma empresa afirmou que todas as perguntas podem receber respostas variadas de acordo com o cargo;
- Outra, declarou que não ficaram claros no questionário os conceitos de boa-aparência e deformidade facial/dentária;

- Outra afirmou que boa-aparência é fundamental, mas toda regra tem exceções. Se falarmos em cargos administrativos, ou seja, contatos diretos com clientes e fornecedores, a boa aparência é totalmente fundamental, não precisando nem de comentários. Nos cargos operacionais, porém, em que também se pede boa aparência, ela pode ser “tratada” e que não há nenhum tipo de discriminação na contratação de negros, mulheres e deficientes.